



collected 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Flávia Camargo Leal Alves

ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS (1960-2011):

história, fundamentos e ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte

Porto Alegre

2019

Flávia Camargo Leal Alves

ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS (1960-2011):

história, fundamentos e ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Analice Dutra Pillar

Linha de pesquisa: Arte, Linguagem e Currículo

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Alves, Flávia Camargo Leal
Escolinha de Arte da UFRGS (1960-2011): história,
fundamentos e ressonâncias com o Movimento Escolinhas
de Arte / Flávia Camargo Leal Alves. -- 2019.
191 f.
Orientadora: Analice Dutra Pillar.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Escolinha de Arte da UFRGS. 2. Movimento
Escolinhas de Arte. 3. Arte/Educação. 4. História do
ensino da arte. I. Pillar, Analice Dutra, orient. II.
Título.

Flávia Camargo Leal Alves

ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS (1960-2011):

história, fundamentos e ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 28 jan. 2019.

Profa. Dra. Analice Dutra Pillar – Orientadora

Profa. Dra. Dóris Maria Luzzardi Fiss – UFRGS

Profa. Dra. Sandra Regina Simonis Richter – UNISC

Profa. Dra. Ana Mae Barbosa – USP

Prof. Dr. Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo – UFPE

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Dra. Analice Dutra Pillar, pela parceria e apoio, pela generosidade e afeto, pela leitura e pelos comentários minuciosos aos textos que compuseram esta dissertação.

À banca de defesa do projeto de dissertação, composta pelas professoras doutoras Ana Mae Barbosa, Maria Stephanou e Sandra Richter.

À banca de defesa da dissertação, composta pelos professores doutores Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo, Ana Mae Barbosa, Sandra Richter e Dóris Maria Luzzardi Fiss.

À Maria Lúcia Varnieri, pelo apoio em todos os momentos, por estar sempre disponível a ajudar, pelos encontros e conversas, pela indicação de fontes e pela imensa generosidade.

Aos professores entrevistados, Jailton Moreira, Marilice Corona e Teresa Poester, por generosamente compartilharem comigo as suas histórias com a Escolinha de Arte da UFRGS e pelas indicações de fontes.

Às educadoras que também me indicaram e/ou forneceram fontes para a pesquisa: Livia Marques, Maria Dolores Coni Campos e Kátia Vielitz Almeida.

À arquivista do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS, Carmen Valenti, pelo excelente atendimento durante a coleta de documentos.

Aos colegas do GEARTE, especialmente à Adrise Ferreira, Simone Rocha da Conceição, Rosana Fachel, Tatiana Telch, Marília Nunes, Ruth Lerm, Gilvânia Pontes, Juliano de Campos, Tanise Reginato, Tatiana Pacheco, Bruno Dorneles, Marion Pozzi, Gabriela Bon, Elisete Armando e Andrea Hofstaetter.

Ao Gilberto Alves Leal, por ser meu companheiro e amor da vida, por me apoiar em todos os momentos, pela leitura atenta dos textos e pela ilustração da capa.

Aos meus pais, Iolanda Camargo e Hilton Leal, por todo amor e apoio sempre.

Ao meu irmão Odilon Leal, por ser uma grande inspiração e exemplo.

Em memória do meu irmão Thiago Leal, por ter me inspirado a gostar de estudar e de escrever, e por ter sido uma pessoa tão incrível.

À Camila Ribeiro e ao Fabrício Darós, pela amizade tão próxima nos últimos anos em Porto Alegre.

À Milena Vicintin, por ser uma amiga muito querida.

Ao Dr. Diogo Lara, por ter me ajudado em um momento difícil de saúde. E à equipe do Cíngulo, pelas aprendizagens diárias.

RESUMO

Esta dissertação tece uma abordagem sobre a história da Escolinha de Arte da UFRGS, que funcionou de 1960 a 2011, em Porto Alegre (RS). A pesquisa é baseada na análise de documentos e em entrevistas semiestruturadas com professores, com apoio da metodologia da bricolagem. O objetivo é analisar como a Escolinha de Arte da UFRGS foi constituída a partir de um estudo sobre os fundamentos que a alicerçaram e as ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte. Para essa finalidade, parte da análise dos quatro pilares que a embasaram, são eles: ateliê, exposições dos trabalhos artísticos dos alunos, Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE) e o acervo dos desenhos e pinturas produzidos ao longo da história dessa Escolinha de Arte. Em seguida, faz uma reflexão sobre as diretoras Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues que lideraram esse espaço, e conta as experiências de três professores da Escolinha que são também artistas visuais. Ao final, a partir do conceito de “ressonância” de Stephen Greenblatt, investiga as relações da Escolinha de Arte da UFRGS com o Movimento Escolinhas de Arte. Para a realização da pesquisa, foram coletados 196 documentos, sendo a maior parte oriunda do acervo da Escolinha de Arte da UFRGS, que está no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS (AHIA/UFRGS). Outras fontes também foram levantadas com pesquisadores da área da arte/educação e com os professores entrevistados Maria Lúcia Varnieri, Jailton Moreira, Marilice Corona e Teresa Poester, sendo que as duas últimas também foram alunas da Escolinha. Os teóricos de referência são de três áreas do conhecimento: da arte/educação, principalmente nos escritos de Herbert Read, Ana Mae Barbosa e Rosa Iavelberg; da história, com base em Michel de Certeau, Roger Chartier e Peter Burke; e da semiótica discursiva, em estudos de Eric Landowski. Como conclusão, percebeu-se a relevância da Escolinha de Arte da UFRGS para a história da arte/educação brasileira como um espaço onde crianças, adolescentes e adultos vivenciavam experiências criadoras que possibilitavam o desenvolvimento de suas potencialidades. Por meio do trabalho com linguagens artísticas e do incentivo à livre expressão, criatividade, espontaneidade, sensibilidade, inventividade e ao pensamento crítico, a Escolinha de Arte da UFRGS se constituiu em um ambiente no qual havia afeto e confiança entre alunos e professores, e em que os alunos se sentiam acolhidos e respeitados em suas particularidades.

Palavras-chave: Escolinha de Arte da UFRGS. Movimento Escolinhas de Arte. Arte/Educação. História do ensino da arte.

ABSTRACT

This dissertation weaves an approach to the history of the *Escolinha de Arte da UFRGS*, which ran from 1960 to 2011, in Porto Alegre (RS, Brazil). The research is based on the analysis of documents and semi-structured interviews with teachers using the support of bricolage research methodology. The aim is to analyze how the *Escolinha de Arte da UFRGS* was operated by studying the fundamentals that supported it and the resonance with the *Movimento Escolinhas de Arte* (Movement of Little Schools of Art). For this purpose, analysis is made of the four pillars that supported it: atelier, exhibitions of the artistic works of the students, *Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE)* (Intensive Art-Education course) and the collection of drawings and paintings produced by the history of the *Escolinha de Arte*. Reflection is then made on the school principals, Alice Soares and Lara de Mattos Rodrigues, leaders in this area, relating the experiences of three teachers of the school, who are also visual artists. Finally, taking from Stephen Greenblatt's "resonance" concept, investigation is made of the relationships between *Escolinha de Arte da UFRGS* and *Movimento Escolinhas de Arte*. For this research, 196 documents were acquired, mostly from the collection of the *Escolinha de Arte da UFRGS*, which is part of the Historical Archive of the UFRGS Arts Institute (AHIA/UFRGS). Other sources were also selected with researchers of the art/education field and with the interviewed teachers, Maria Lúcia Varnieri, Jailton Moreira, Marilice Corona and Teresa Poester, the latter two having also been students of the school. The reference theories come from three areas of knowledge: art/education, mostly the writings from Herbert Read, Ana Mae Barbosa and Rosa Iavelberg; from history, based on Michel de Certeau, Roger Chartier, and Peter Burke; and discursive semiotics on Eric Landowski's studies. To conclude, it was possible to perceive the relevance of the *Escolinha de Artes da UFRGS* for the history of Brazilian art/education as a space where children, teenagers and adults could live creational experiences which contributed to the development of their potentialities. Through working with artistic orientated language and the incentive for free expression, creativity, spontaneity, sensibility, ingenuity and critical thinking, the *Escolinha de Artes da UFRGS* established itself as an environment in which there was a relationship of affection and trust between students and teachers and where the students felt welcome and respected within each of their own particular characteristics.

Keywords: *Escolinha de Arte da UFRGS*. Movement of Little Schools of Art. Art/Education. History of teaching of art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração da capa: Gilberto Alves Júnior Leal

Figura 1 – Crianças pintando na Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.	34
Figura 2 – Experiências musicais na Escolinha de Arte da UFRGS, década de 1970.	36
Figura 3 – Atividades de teatro na Escolinha de Arte da UFRGS, década de 1970.	37
Figura 4 – Atividade de pintura na Escolinha de Arte da UFRGS, década de 1970.	38
Figura 5 – Crianças na Escolinha de Arte da UFRGS.....	41
Figura 6 – Pintura de Paulo, 13 anos, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.....	43
Figura 7 – Pintura de Mirian, 5 anos, aluna da Escolinha de Arte da UFRGS, na década de 1970.....	46
Figura 8 – Alunos da Escolinha de Arte da UFRGS na Estação Experimental Agrônômica da UFRGS, na década de 1970.	49
Figura 9 – Edição do “Saco de Gatos” sobre política.	51
Figura 10 – Aluno da Escolinha de Arte da UFRGS na exposição de 1986.....	53
Figura 11 – Programação do seminário que ocorreu durante a “Expo-documento 1960-1998” da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1998.....	55
Figura 12 – Fotografia de Adriana Carneiro Leão à época em que era aluna da Escolinha de Arte da UFRGS.....	57
Figura 13 – Fotografia de Fernando Artur Sassen à época em que era aluno da Escolinha de Arte da UFRGS.....	58
Figura 14 – Fotografia de Andréa Alves de Moraes à época em que era aluna da Escolinha de Arte da UFRGS.....	59
Figura 15 – Fotografia de Maribel Claudete Pereira de Oliveira à época em que era aluna da Escolinha de Arte da UFRGS.	59
Figura 16 – Convite (frente e verso) da exposição de 1966.....	60
Figura 17 – Convite (frente e verso) da exposição de 1972.....	61
Figura 18 – Convite da exposição de 1987.....	62
Figura 19 – Convite da exposição de 1997.....	63
Figura 20 – Convite da exposição de 2002.....	64

Figura 21 – Convite (frente e verso) da exposição “Memórias da Expressão”, de 2015.	65
Figura 22 – Professores e alunos adultos da Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.....	66
Figura 23 – Bibliografia do CIAE da Escolinha de Arte da UFRGS, sem data.	70
Figura 24 – Alunos e professores na Escolinha de Arte da UFRGS, na década de 1970.	71
Figura 25 – Maria Lúcia Varnieri com crianças da Escolinha de Arte da UFRGS.	74
Figura 26 – Pintura de Rogério, sem indicação de idade, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1969.....	76
Figura 27 – Desenho de Adriano, 5 anos, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1972.	77
Figura 28 – Desenho de Luciana, 4 anos, aluna da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1984.	78
Figura 29 – Desenho de Érico, 11 anos, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1990.	79
Figura 30 – Pintura de João Vitor, 5 anos, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS, em 2007.	80
Figura 31 – Da direita para a esquerda: Iracema Cafruni, Alice Brueggemann, Alice Soares, Berenice Gorini, Zely Moraes, Maria Elisabeth Prates, Dione Greca de Moraes, Luiz Carlos Rothmann e Iara de Mattos Rodrigues.	82
Figura 32 – Fotografia de Alice Soares da década de 1970.	83
Figura 33 – Alice Soares em seu ateliê, em 1976.....	85
Figura 34 – Alice Brueggemann e Alice Soares, em 1993.	87
Figura 35 – Slides de obras de Alice Soares.....	90
Figura 36 – Fotografia de Iara de Mattos Rodrigues.	91
Figura 37 – Iara de Mattos Rodrigues, Augusto Rodrigues e Eunice Ramos Coelho (professora da Escolinha de Arte da UFRGS) no I Encontro Estadual de Escolas de Arte do Rio Grande do Sul, em 1977.	94
Figura 38 Fotografia de Iara de Mattos Rodrigues com alunos da Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.	95
Figura 39 – Fotografia de Iara de Mattos Rodrigues, em 1975.	97
Figura 40 – Fotografia do catálogo da mostra <i>En abyme</i>	102
Figura 41 – Fotografia de Marilice Corona quando criança.....	104

Figura 42 – Jailton Moreira em aula do projeto Aldeia das descobertas com os alunos da Escolinha de Arte da UFRGS, em setembro de 1985.....	113
Figura 43 – A liberdade de expressão, reportagem do jornal Zero Hora de 1989...	116
Figura 44 – Desenho de Teresa Poester realizado na Escolinha de Arte da UFRGS quando ela tinha 13 anos de idade.	121
Figura 45 – Desenho a caneta bic sobre papel, 150 x 150 cm, Porto Alegre, 2009.	122
Figura 46 – Fotografia de Augusto Rodrigues de 1983.....	126
Figura 47 – Fotografia de Noemia Varela (em pé) da década de 1970.....	129
Figura 48 – Fotografia de Iara de Mattos Rodrigues (primeira à esquerda) no Encontro das Escolinhas de Arte de 1972.	133
Figura 49 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização das Escolinhas de Arte do estado.....	135
Figura 50 – Fotografia de Augusto Rodrigues e professores no I Encontro Estadual das Escolinhas de Arte, em 1977.....	137
Quadro 1 – Resultado da pesquisa com o descritor “Escolinha de Arte da UFRGS”.	22
Quadro 2 – Resultado da pesquisa com o descritor “Escolinhas de Arte”.	24
Quadro 3 – Lista de documentos coletados no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.....	173
Quadro 4 – Lista de documentos coletados em outras fontes.....	189

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AHIA/UFRGS** – Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS
- ANPAP** – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
- CDE** – Centro de Desenvolvimento da Expressão
- CIAE** – Curso Intensivo de Arte-Educação
- EAB** – Escolinha de Arte do Brasil
- GEARTE** – Grupo de Pesquisa em Educação e Arte
- IA** – Instituto de Artes
- INSEA** – Sociedade Internacional de Educação Através da Arte
- MARGS** – Museu de Arte do Rio Grande do Sul
- MEA** – Movimento Escolinhas de Arte
- Sobreart** – Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte
- UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- USP** – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	12
1.1 RELATOS INVERSOS	16
2 TESSITURAS INTRODUTÓRIAS	21
2.1 ALGUMAS LEITURAS	21
2.2 CAMINHOS E PROCESSOS	25
3 PILARES DA ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS	32
3.1 ATELIÊ	32
3.2 EXPOSIÇÕES.....	52
3.3 CURSO INTENSIVO DE ARTE-EDUCAÇÃO (CIAE)	66
3.4 ACERVO	73
4 RELATOS E HISTÓRIAS DAS DIRETORAS E DE PROFESSORES ARTISTAS	81
4.1 LIDERANÇAS DAS DIRETORAS ALICE SOARES E IARA DE MATTOS RODRIGUES.....	81
4.1.1 Alice Soares.....	82
4.1.2 Iara de Mattos Rodrigues.....	91
4.2 PROFESSORES ARTISTAS: VIVÊNCIAS ENTRE TEORIA E PRÁTICA	100
4.2.1 Arte que vem desde o berço	101
4.2.2 É possível ser artista e professor de arte?	110
4.2.3 É uma família, uma casa, uma mãe	119
5 RESSONÂNCIAS COM O MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE (MEA)	123
5.1 ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL (EAB).....	124
5.2 MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE (MEA).....	131
5.3 MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE NO RIO GRANDE DO SUL	134
5.4 RELAÇÕES DA ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS COM A ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL.....	137
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	141
REFERÊNCIAS.....	145
APÊNDICES	173
APÊNDICE A – Lista de documentos coletados no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS	173
APÊNDICE B – Lista de documentos coletados em outras fontes	189
APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	190

1 APRESENTAÇÃO

A realização desta pesquisa de mestrado foi uma jornada permeada por muitos encontros. O ofício de editora me ensinou que um produto editorial é feito a muitas mãos: o texto original passa por revisão, cotejo, edição, arte e diagramação, em um processo que, em muitos casos, se repete até chegar ao material final com o intuito de ter a melhor qualidade possível. O mesmo vale para a pesquisa acadêmica, que também é construída de maneira coletiva por meio das percepções do pesquisador, das contribuições dos sujeitos de sua pesquisa, do orientador e da banca. Assim foi a minha trajetória com o tema de minha dissertação: a Escolinha de Arte da UFRGS¹.

Quando ingressei no mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em agosto de 2016, propus-me a investigar o uso da arte contemporânea por professores de arte em escolas da Educação Básica. Após algumas leituras, conversas com a minha orientadora, a professora doutora Analice Dutra Pillar, disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e às trocas com o Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE)², essa ideia inicial foi se transformando em outra proposta.

Um fato relevante para essa mudança foi ter participado, em setembro de 2016, de uma palestra de Ana Mae Barbosa, realizada na semana em que ocorria em Porto Alegre o 25º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Na palestra “Eu gosto de escrever para quem gosta de ler”, Barbosa fez um percurso por vários livros de sua autoria, evidenciando sua notável paixão pela história do ensino da arte. Após ouvi-la, fiquei instigada a ler mais sobre o assunto e, assim, cheguei ao tema sobre as Escolinhas de Arte e também à Escolinha de Arte da UFRGS, que me encantou.

Essas leituras alicerçaram a mudança de perspectiva e de enfoque para a pesquisa de mestrado. No mês de outubro de 2017, apresentei o meu projeto de

¹ O nome oficial era Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fez-se a opção de nomeá-la na dissertação como Escolinha de Arte da UFRGS, pois foi como se tornou mais conhecida.

² O GEARTE investiga as relações entre educação e arte, dialogando com as áreas da cultura visual, semiótica discursiva, estética, história, teoria e crítica da arte. É liderado pela professora doutora Analice Dutra Pillar e está vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2018, o grupo completou 21 anos de existência.

dissertação de título *Concepções modernistas sobre o ensino da arte: um estudo histórico das ideias circulantes na Escolinha de Arte da UFRGS (1960-1979)*³ à banca composta pelas professoras doutoras Ana Mae Barbosa, Sandra Richter e Maria Stephanou. Nesse encontro, sugestões e comentários foram apresentados pela banca. Em decisão conjunta com minha orientadora, agregamos as recomendações à pesquisa que estava em andamento.

Dessa maneira, optou-se por uma nova direção, enfocando, em especial, a Escolinha de Arte da UFRGS. Ao tomar emprestado da professora doutora Maria Stephanou o termo “paradigma do holofote”, indicado em seu parecer na defesa do projeto de dissertação, a pesquisa buscou ter o cerne na história da Escolinha de Arte da UFRGS, verificando as suas peculiaridades e os seus pilares, para então finalizar com um capítulo que traz as ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte (MEA) no Brasil.

Para realizar o estudo no período de tempo que cabe a um mestrado, fizeram-se necessárias escolhas. A mudança principal foi optar por não delimitar um recorte temporal nas décadas de 1960 e 1970 – conforme descrevia o projeto de dissertação – e, sim, ampliar para todo o período de existência da Escolinha de Arte da UFRGS, de 1960 a 2011. A partir dessa decisão, viu-se a necessidade de levantar mais documentos sobre a Escolinha de Arte da UFRGS e também efetuar algumas entrevistas⁴. Os entrevistados foram os professores da Escolinha de Arte da UFRGS Maria Lúcia Varnieri, Jailton Moreira, Marilice Corona e Teresa Poester, sendo que estas duas últimas também foram alunas da Escolinha.

Para seguir nesse novo rumo, foram feitas diversas visitas, no primeiro semestre de 2018, ao Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS (AHIA/UFRGS), instituição responsável pela guarda do acervo da Escolinha de Arte da UFRGS. Ao todo, selecionei 189 documentos oriundos desse acervo, entre reportagens de diferentes periódicos, estatutos, cartas, fotografias, folders, convites, catálogos, relatórios, programações, cartazes, desenhos de alunos, depoimentos de alunos, textos de seminários e congressos, entre outros⁵.

³ A partir desse projeto escrevi o artigo *A Escolinha de Arte da UFRGS e o ensino modernista: algumas tessituras históricas*, apresentado no 26º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), em Campinas, em setembro de 2017.

⁴ Ver termo de consentimento livre e esclarecido destinado aos participantes das entrevistas no Apêndice C.

⁵ Esses documentos estão indicados no Apêndice A (quadro 3), de título “Lista de documentos coletados no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS, nos Apêndices.

Além dos documentos coletados no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS, também consegui outras fontes durante o processo de pesquisa. A partir da indicação da professora doutora Ana Mae Barbosa em seu parecer ao meu projeto de dissertação, tive acesso a uma carta de Augusto Rodrigues – um dos fundadores da Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, a primeira do gênero que deu origem ao Movimento Escolinhas de Arte – enviada à Escolinha de Arte da Paraíba. O professor doutor da UFPE, Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo, enviou-me uma entrevista revisada por ele e realizada pelo artista e professor doutor Sebastião Pedrosa com Lúcia Alencastro Valentim, uma das fundadoras da Escolinha de Arte do Brasil.

Por indicação da professora doutora e artista Teresa Poester, consegui um texto que ela escreveu sobre Iara de Mattos Rodrigues, diretora da Escolinha de Arte da UFRGS por 40 anos, e também uma gravação do Programa Enfoque, da TVE, que teve a participação de Augusto Rodrigues, Iara de Mattos Rodrigues, Elton Manganelli – que também foi professor da Escolinha –, Maria Lúcia Varnieri e Teresa Poester. Jailton Moreira cedeu-me um vídeo de uma exposição da Escolinha de Arte da UFRGS que teve a participação de Augusto Rodrigues. A partir de uma sugestão de Maria Lúcia Varnieri, descobri a existência de uma carta de autoria de Iara de Mattos Rodrigues enviada à Dolores Coni Campos, arte educadora do Rio de Janeiro. Por fim, por meio da indicação de Kátia Vielitz Almeida, estagiária do Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), tive acesso à publicação comemorativa de trinta anos do CDE⁶.

A dissertação foi estruturada em seis partes. A primeira consiste nesta apresentação e em minha trajetória acadêmica e profissional. No segundo capítulo, apresento a revisão da literatura, o problema, as justificativas, os objetivos e a metodologia da bricolagem aplicada à pesquisa, com o apoio em leituras dos historiadores Michel de Certeau, Roger Chartier e Peter Burke. Optei por não ter um capítulo exclusivo para a discussão teórica, dessa maneira, os autores aparecem ao longo da dissertação.

No terceiro capítulo, analiso os pilares da Escolinha de Arte da UFRGS. Maria Lúcia Varnieri, que além de ter sido professora da Escolinha por mais de 30 anos é também responsável pelo acervo, informou acerca de quatro pilares que

⁶ Esses documentos estão indicados no Apêndice B (quadro 4), de título “Lista de documentos coletados em outras fontes”, nos Apêndices.

fundamentaram a Escolinha: o ateliê; as exposições dos trabalhos dos alunos; o Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE), conhecido como estágio na Escolinha de Arte que era oferecido aos alunos da UFRGS; e o acervo dos desenhos e pinturas. Importa ressaltar também que a professora doutora Sandra Richter, em seu parecer ao meu projeto de dissertação, destacou a relevância do ateliê e dos estágios para a Escolinha de Arte da UFRGS. Assim, o terceiro capítulo apresenta esses quatro pilares, com base nos documentos coletados. Trago ainda o apoio de teóricos e pesquisadores da arte/educação, como Herbert Read, Ana Mae Barbosa, Arthur Efland, Rosa Iavelberg, Sandra Richter, entre outros, e da semiótica discursiva, nos escritos de Eric Landowski.

No quarto capítulo, escrevo sobre a liderança das diretoras da Escolinha de Arte da UFRGS, Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues, com base nos documentos coletados. Em seguida, conto as experiências dos professores e artistas visuais Marilice Corona, Jailton Moreira e Teresa Poester, com base nas entrevistas realizadas.

No quinto capítulo, apresento algumas ressonâncias da Escolinha de Arte da UFRGS com o Movimento Escolinhas de Arte, por meio de documentos e com o apoio em leituras de Stephen Greenblatt, Ana Mae Barbosa, Eric Landowski, entre outros teóricos. Na sexta e última parte, aponto algumas considerações e possíveis desdobramentos da pesquisa.

Para iniciar essa jornada, conto, a seguir, um pouco de minha trajetória acadêmica e profissional.

1.1 RELATOS INVERSOS

*Viveste no avesso
Viajante incessante do inverso*

Sophia de Mello Breyner Andresen

“Por que arte/educação?”, perguntou-me uma das avaliadoras durante a entrevista de seleção para o mestrado em Educação na UFRGS. Não recordo ao certo o que respondi, porém essa indagação tem me acompanhado desde então – acredito que persistirá por alguns anos, como um farol que ajuda a orientar o marinheiro em sua jornada. Percebo-me como uma pesquisadora iniciante que navega em mares desconhecidos e assustadoramente encantadores. Mais do que a chegada, o percurso é o que motiva, pois nas aventuras e desventuras do conhecimento somos eternos aprendizes.

Não conseguirei responder com exatidão o porquê dessa escolha em minha entrada na pós-graduação. Mas tentarei apresentar alguns momentos de minha trajetória que possam ajudar nessa difícil tarefa de contar uma história que entrelaça diversas camadas. Para isso, irei mostrar minha jornada por meio de um compilado de relatos curtos virados pelo avesso. “Somos, concomitantemente verso e averso, direito e avesso; um é constituinte do outro, ambos são partes de um estado de inteiridade”⁷.

Algo que a pós-graduação me ensina a cada dia é que as palavras são carregadas de sentidos. Landowski propõe que, para nos tornarmos sujeitos semióticos⁸ plenos, isto é, capazes de construir sentidos, precisamos adentrar uma “margem estreita”⁹ onde o sentido faz sentido. Assim, me propus a construir sentidos em minha trajetória acadêmica e profissional até aqui.

⁷ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Noemia Varela e a Arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001, p. 177.

⁸ “[...] comparar entre si diferentes regimes de construção do sentido subjacentes a nossa maneira de estar no mundo e de interagir com o que nos rodeia ou com aqueles com os quais convivemos, deveria iluminar-nos sobre nossa condição enquanto sujeitos semióticos, e talvez até permitir-nos imaginar os princípios de um *saber viver* semioticamente fundado”. LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2014a, p. 16.

⁹ “[...] o sentido não pode consequentemente configurar-se, ele também – como o sujeito – senão no interior de uma margem estreita, em uma zona intermediária onde as coisas não nos parecem tediosamente idênticas umas às outras, nem insuportavelmente privadas de relações entre si”.

Saí de Belém, cidade onde nasci, para morar em São Paulo durante a adolescência. Era uma menina que sonhava grande: “vou para a maior cidade do país para mudar o mundo!”, confabulava em um diálogo solitário e ingênuo. Em São Paulo, conheci pessoas de todos os lugares que pensavam como eu e tantas outras que me apresentaram mundos novos. Gente, gente, muita gente! Cidade de sotaques. Cidade de todas as gentes.

Ao terminar o Ensino Médio, não sabia ao certo o que iria cursar no Ensino Superior. Sabia que gostava de escrever e de ler. E que também gostava de histórias. Assim, escolhi o Jornalismo e, logo em seguida, História. Estudei na Faculdade Cásper Líbero, na qual me formei jornalista em 2012. Em paralelo, cursei o bacharelado em História na Universidade de São Paulo (USP), concluído em 2014. Ingressei na segunda graduação com o objetivo de me aprofundar no estudo das ciências humanas e para ter uma formação mais acadêmica, já que o curso de Jornalismo é centrado na prática da profissão.

Fazer duas faculdades ao mesmo tempo não foi fácil. Desde o início, senti-me atraída pela pesquisa. Entretanto, como cursava uma média de treze disciplinas por semestre em uma cidade de longas distâncias como São Paulo, não consegui realizar uma iniciação científica durante a graduação. Para preencher essa lacuna, dedicava-me às leituras, aos trabalhos acadêmicos e procurava atividades extracurriculares. Fiz aulas de inglês, francês e espanhol; criei dois blogues com colegas universitários – o Espelho SP¹⁰, fundado com alguns amigos casperianos, que trazia reportagens e artigos sobre diferentes vivências na cidade de São Paulo, e o Africanidade¹¹, que reunia pesquisadores interessados em estudos sobre a África e que estava vinculado ao Centro de Estudos Africanos da USP; fiz estágio em um site como repórter que cobria o mercado editorial; bem como tive a oportunidade de empreender duas experiências intensas em dois países: Moçambique e França.

Em 2010, viajei para Moçambique com amigos que trabalham com cinema e fotografia. Fomos com o objetivo de gravar um documentário em Vanduzi, uma pequena cidade localizada na região central do país. Ajudei com as entrevistas e também tive a oportunidade de atuar como voluntária em projetos sociais. A vivência

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2014a, p. 16.

¹⁰ Disponível em: www.espelhosp.wordpress.com.

¹¹ Disponível em: www.grupoaficanidade.wordpress.com.

de cerca de quarenta dias em Moçambique foi intensa. Voltei ao Brasil mergulhada nas histórias que ouvi, decidida a conhecer e estudar mais sobre a realidade africana.

Além de passar a ser leitora dos escritores moçambicanos Mia Couto, Paulina Chiziane e José Craveirinha, e do angolano Pepetela, escolhi aprofundar meus conhecimentos acerca da temática africana em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo. Para isso, escrevi um livro-reportagem com o título *Caminhos do imigrante africano em São Paulo: perfis de angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, guineenses e são-tomenses*. Durante a produção do livro, conheci pessoas que generosamente compartilharam comigo suas histórias de vida. Pude me aproximar do universo dos países africanos que falam a língua portuguesa por meio dessas micro-histórias. Em sua maioria, eram pessoas relacionadas com a arte: músicos, artistas visuais e poetas. Meu orientador de TCC, o professor mestre Heitor Ferraz Mello, é também poeta e me provocava a procurar as sensibilidades latentes em minhas incursões jornalísticas e trazê-las para o texto.

Meu interesse pelas culturas africanas se manteve após a conclusão do curso de Jornalismo. Por meio do blogue Africanidade, pude escrever sobre arte africana, além de editar textos de meus colegas que já eram pós-graduandos e, conseqüentemente, aprender mais sobre pesquisa. Liderei a publicação dos textos elaborados por estudantes da USP, PUC-SP, Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas e Universidade de Lisboa.

Outra vivência de relevância em minha trajetória acadêmica ocorreu em 2011. Naquele ano, participei de um programa de estudos no exterior por meio de convênio da USP com a Université Paris-Sorbonne (Paris IV). Morei por oito meses em Paris, onde tive a oportunidade de cursar disciplinas de História Contemporânea.

Entre tantas outras, penso que uma de minhas experiências em Paris possa ser descrita por meio de uma abordagem semiótica proposta pelo linguista e semiólogo Algirdas Julien Greimas. Em *Da imperfeição*¹², Greimas desenvolve o conceito de experiência estética por meio de dois acontecimentos denominados de “fratura” e de “escapatória”. A “fratura” pode ser definida como uma situação inesperada na qual o cotidiano, outrora banal e acinzentado, ganha uma profusão de cores e de sentidos – por ser tão sublime, é rara de acontecer. Já a “escapatória”

¹² GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

sucede no cotidiano, a partir da resignificação de situações, objetos e relações. Cito uma experiência estética em Paris que me levou a viver uma escapatória.

Essa escapatória não ocorreu em um único momento, ela foi construída. Eu morava próxima ao Centro Georges Pompidou, um espaço cultural que além de museu, conta com salas de cinema, teatro e biblioteca. Como faço ainda hoje, gosto de estudar em bibliotecas. Ia algumas vezes por semana à biblioteca do Pompidou e lá ficava por horas. Quando estava cansada, subia as escadas rolantes e me demorava em frente aos quadros expostos no museu. Como era estudante em uma universidade europeia, não pagava pelo ingresso. A coleção de arte moderna do Pompidou traz obras de grandes artistas, entre eles: Henri Matisse, Pablo Picasso, Georges Braque, Sonia Delaunay, Robert Delaunay, Constantin Brancusi, Marcel Duchamp e Wassily Kandinsky. Passei a me interessar por arte a partir de minhas incursões frequentes ao acervo. Era uma experiência que resignificava minha vida acadêmica e que sucedia em meu cotidiano vivido em Paris, levando-me a querer estudar e pesquisar sobre arte.

Até aqui, contei algumas histórias de minhas vivências acadêmicas durante as graduações. Agora, parto para as experiências profissionais que foram fundamentais para minha aproximação com a Educação.

Logo que me formei em Jornalismo, consegui um emprego como editora de livros didáticos em uma das maiores editoras do ramo do país: o Grupo Santillana. Atuei no UNOi Educação – uma das empresas do Grupo – como editora de materiais didáticos, impressos e digitais, das disciplinas História e Arte, além de liderar outros projetos, entre eles: a produção de uma revista digital multitemática; a coordenação de uma comissão formada por acadêmicos, diretores e gestores com o objetivo de repensar o currículo de algumas escolas de São Paulo, Brasília e Teresina; e a edição de um projeto especial sobre culturas africanas e afro-brasileiras direcionado a todos os anos da Educação Básica, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Foi a partir dessas experiências que me interessei pela área da Educação.

Após dois anos e meio trabalhando no UNOi Educação, fui chamada para coordenar a área de projetos de uma Fundação sem fins lucrativos em Porto Alegre: a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, do Grupo RBS. Em 2015, passei a morar na capital gaúcha, tendo a oportunidade de gerenciar diversos projetos sociais voltados a escolas públicas do Rio Grande do Sul. A partir de janeiro de 2017, voltei a atuar

como editora de conteúdo de livros didáticos, dessa vez como *freelancer*, prestando serviços editoriais para a Somos Educação e para a Texto e Forma. Desde maio de 2018, trabalho como editora do aplicativo Cíngulo, criado por pesquisadores doutores em neurociências.

No segundo semestre de 2016, fui aprovada para ingressar no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, com orientação da professora doutora Analice Dutra Pillar, na linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo. Com a entrada na pós-graduação, comecei a fazer parte do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE). Assim, tive a oportunidade de me dedicar a essas duas áreas que me encantam e que se encontraram em minha trajetória: Arte e Educação.

As vivências apresentadas não foram lineares, elas se entrelaçaram e se sobrepuseram. Acredito que elas despertaram meu interesse em realizar esta pesquisa de mestrado. Como uma pesquisadora iniciante, concebo minha caminhada até aqui como um amanhecer: o percurso, agora, apenas se inicia.

2 TESSITURAS INTRODUTÓRIAS

Esta dissertação se propõe a tecer uma história sobre a Escolinha de Arte da UFRGS partindo da análise de seus quatro pilares fundamentais: ateliê; as exposições dos trabalhos dos alunos; o Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE); e o acervo. Em seguida, traz uma reflexão sobre as diretoras da Escolinha, Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues, para então contar as experiências de três professores que são também artistas: Marilice Corona, Jailton Moreira e Teresa Poester. Para finalizar, investiga algumas ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte.

2.1 ALGUMAS LEITURAS

Após a definição do objeto desta pesquisa, realizou-se um levantamento exploratório sobre o que já foi escrito no âmbito acadêmico sobre a Escolinha de Arte da UFRGS. Conforme indica Barros¹³, uma das principais relevâncias da revisão da literatura é ter a oportunidade de elencar os interlocutores com os quais o pesquisador dialoga. “É, acima de tudo, inscrever o trabalho em uma teia que se atualiza ininterruptamente”¹⁴. Para essa finalidade, foram utilizados os seguintes bancos de dados: Portal de Periódicos da CAPES, Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Lume UFRGS, Anais da ANPAP e o Google Acadêmico.

Especificamente sobre a Escolinha de Arte da UFRGS há apenas duas monografias realizadas, descritas a seguir em ordem cronológica: a primeira, de autoria de Mariana Azambuja Ramos, para a especialização em Pedagogia da Arte do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS; e a segunda, de Leocádia Rios Pinto Costa, para a especialização em Arte/Educação pela Universidade Feevale. No Quadro 1, é apresentado de forma sintética este levantamento.

¹³ BARROS, José D’Assunção. **O projeto de pesquisa em História**. 8. ed. Petrópolis: Vozes: 2012.

¹⁴ BARROS, José D’Assunção. **O projeto de pesquisa em História**. 8. ed. Petrópolis: Vozes: 2012, p. 61.

Quadro 1 – Resultado da pesquisa com o descritor “Escolinha de Arte da UFRGS”.

Descritor	Grau	Título	Ano	Autoria	Universidade
Escolinha de Arte da UFRGS	Monografia de pós-graduação lato sensu	Escolinhas de Arte: perspectivas para a livre-expressão	2009	Mariana Azambuja Ramos	UFRGS
Escolinha de Arte da UFRGS	Monografia de pós-graduação lato sensu	A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS	2011	Leocádia Rios Pinto Costa	Feevale

Fonte: Elaborado pela autora.

Trago, também, algumas informações a partir de minha leitura dos trabalhos de Ramos e de Costa. Mariana Ramos foi professora da Escolinha de Arte da UFRGS. O objeto de sua pesquisa é a Escolinha de Arte da UFRGS e também o Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE) de Porto Alegre. O objetivo, segundo a autora, é investigar as práticas e também os embasamentos filosóficos das práticas realizadas no CDE e na Escolinha de Arte da UFRGS. Para essa finalidade, ela se baseia em textos de Augusto Rodrigues, Herbert Read, Viktor Lowenfeld, Paulo Freire, Edith Derdyk e João Francisco Duarte Júnior. Como metodologia, ela utilizou a análise de questionários disponibilizados aos pais, alunos, professores e outros profissionais do CDE e da Escolinha de Arte da UFRGS.

Já a monografia de Leocádia Costa é de 2011 e a autora foi aluna e voluntária da Escolinha de Arte da UFRGS. O seu objeto é a Escolinha de Arte da UFRGS e, como metodologia, ela se baseia em entrevistas com professores e alunos da Escolinha. Como referencial teórico ela traz obras de Herbert Read, Fayga Ostrower, Ana Mae Barbosa, entre outros. Além da monografia, Costa dirigiu um documentário de título homônimo¹⁵ que traz entrevistas com professores e alunos da Escolinha de Arte da UFRGS, são eles: Élide Tessler, Fabio Mentz, Jailton Moreira, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Varnieri, Marilice Corona, Teresa Poester, Gení

¹⁵ A AVENTURA de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS. Porto Alegre: Aprata, 2010. DVD (30min), color.

Mabília, Cecília Machado Bueno e Elton Manganelli ¹⁶. Há também o depoimento de Maria Dolores Coni Campos, que foi professora da Escolinha de Arte do Brasil e era amiga de Lara de Mattos Rodrigues.

A leitura dos trabalhos de Ramos e de Costa foi uma oportunidade de conhecer os olhares dessas pesquisadoras que estiveram diretamente relacionadas com a Escolinha de Arte da UFRGS: Mariana Ramos como professora, Leocádia Costa como aluna. Assim, pude aprender mais sobre o objeto de minha pesquisa. A principal diferença entre o meu trabalho e os das pesquisadoras citadas é que a minha pesquisa se baseia, essencialmente, na análise de documentos, propondo-se a contribuir com uma perspectiva histórica da Escolinha de Arte da UFRGS.

Assim, apesar da Escolinha de Arte da UFRGS ter existido por 51 anos, de 1960 a 2011, e ter sido uma experiência muito significativa de arte/educação para vários artistas e professores de arte gaúchos, assim como para gerações de crianças e adolescentes que desenvolveram suas potencialidades criadoras naquele espaço, há apenas duas monografias de especialização realizadas sobre essa Escolinha até o momento, além de minha dissertação.

Como foram encontrados somente dois trabalhos acadêmicos por meio do descritor “Escolinha de Arte da UFRGS”, também pesquisei por outros estudos com base em um descritor mais amplo: “Escolinhas de Arte”. O resultado da pesquisa deste segundo descritor está indicado, a seguir, no Quadro 2. Está também em produção a tese de doutorado de Sidiney Peterson Ferreira de Lima, na UNESP, sobre o Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE) realizado em seis Escolinhas do país, entre elas a Escolinha de Arte da UFRGS.

¹⁶ COSTA, Leocádia Rios Pinto. **A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS**. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Arte educação) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2011, p. 96.

Quadro 2 – Resultado da pesquisa com o descritor “Escolinhas de Arte”.

Descritor	Grau	Título	Ano	Autoria	Universidade
Escolinha de Arte	Dissertação de mestrado	Escolinha de Arte do Brasil: a modernidade alcança a educação	1996	Maria Borges Ribeiro de Andrada	UFRJ
Escolinha de Arte	Dissertação de mestrado	Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa	2001	Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo	USP
Escolinha de Arte	Monografia de pós-graduação lato sensu	O ensino da arte e a Escolinha de Arte do Brasil	2001	Ana Lúcia Gonçalves Paraizo Borges	Universidade Candido Mendes
Escolinha de Arte	Dissertação de mestrado	A escolinha de arte do Paraná no âmbito das concepções e políticas sobre o ensino de arte	2003	Waldirene Sawozuk Bellardo	UFPR
Escolinha de Arte	Dissertação de mestrado	História da Escolinha de Artes do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria/RS	2007	Téoura Benetti	UFSM
Escolinha de Arte	Tese de doutorado	Arte na educação: o projeto de implantação de Escolinhas de Arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960-1970)	2008	Ricardo Carneiro Antônio	UFPR
Escolinha de Arte	Dissertação de mestrado	Escolinha de Arte de Cachoeiro de Itapemirim: resgate de uma história	2013	Myriam Fernandes Pestana Oliveira	UFES
Escolinha de Arte	Dissertação de mestrado	Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história	2014	Sidiney Peterson Ferreira de Lima	UNESP
Escolinha de Arte	Dissertação de mestrado	Utopia libertária e ideologia da estética no Brasil: a Escolinha de Arte do Brasil e o pensamento burguês na arte 1948-1971	2016	Maristela Santos Moreira	UFF

Fonte: Elaborado pela autora.

Desse modo, uma das justificativas para a realização desta pesquisa é o cenário de poucos estudos acadêmicos sobre o tema, assim como a importância das

experiências de arte/educação propiciadas pela Escolinha de Arte da UFRGS para crianças, adolescentes e também adultos, por meio, principalmente, do CIAE.

Com o intuito de analisar a Escolinha de Arte da UFRGS, esta pesquisa parte da seguinte indagação: De que maneira a Escolinha de Arte da UFRGS foi constituída e quais as ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte?

O objetivo geral foi analisar como a Escolinha de Arte da UFRGS se constituiu, visando contribuir para uma reflexão sobre a história da arte/educação no Brasil. Os objetivos específicos buscaram caracterizar um estudo com bases históricas sobre a Escolinha de Arte da UFRGS, analisar seus fundamentos e as ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte.

2.2 CAMINHOS E PROCESSOS

Esta pesquisa se identifica com a metodologia da bricolagem. O termo tem origem na língua francesa e vem da palavra *bricolage*, que significa “[...] um trabalho manual feito de improviso e que aproveita materiais diferentes”¹⁷. A aproximação desse conceito como uma possibilidade para a pesquisa qualitativa foi descrita por Denzin e Lincoln¹⁸ como uma perspectiva que parte de disciplinas e métodos diversos. Para Denzin e Lincoln, o *bricoleur* pode ser percebido como um confeccionador de colchas, isto é, aquele que faz “[...] uma *bricolage* complexa (que lembra uma colcha), uma colagem ou uma montagem reflexiva – um conjunto de imagens e de representações mutáveis, interligadas”¹⁹.

Desse modo, os *bricoleurs* trabalham com teorias e métodos diversos²⁰, buscando perspectivas múltiplas²¹ para as suas pesquisas. Assim, procurei realizar nesta dissertação, que coloca em diálogo teóricos da história, da arte/educação e da

¹⁷ NEIRA, Marcos G.; LIPPI, Bruna G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 610, 2012.

¹⁸ DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

¹⁹ DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 20.

²⁰ NEIRA, Marcos G.; LIPPI, Bruna G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade** v. 37, n. 2, 2012.

²¹ KINCHELOE, Joe Lyon; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

semiótica discursiva, que tem base em análise documental e em entrevistas semiestruturadas, para tecer uma história a partir desses diversos materiais.

Um dos motivos desta pesquisa se aproximar da bricolagem foi o modo como o seu processo foi realizado. A bricolagem tem uma conduta ativa, pois “[...] permite que as circunstâncias deem forma aos métodos empregados”²². Para Kincheloe e Berry²³, esta postura ativa da bricolagem percebe que a pesquisa é uma construção e que depende das ferramentas que o pesquisador dispõe. Ela pode até mesmo ser chamada de subversiva, pois considera as incertezas do processo de pesquisa²⁴, bem como o “[...] relativo, o temporário e o imprevisível da complexidade contemporânea”²⁵.

Desse modo, esta pesquisa passou por percalços e mudanças ao longo de seu desenvolvimento. Segundo Denzin e Lincoln, “havendo a necessidade de que novas ferramentas ou técnicas sejam inventadas ou reunidas, assim o pesquisador o fará. As opções de práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência”²⁶. A pesquisa foi construída, então, na medida em que novas leituras e novos sujeitos forneciam caminhos possíveis para tecer uma história sobre a Escolinha de Arte da UFRGS.

Após a defesa do projeto de dissertação e a decisão tomada no sentido de ampliar o estudo para a Escolinha de Arte da UFRGS em toda a sua existência, de 1960 a 2011, foi notória a necessidade de estabelecer um recorte que delimitasse o tema. Em uma de minhas conversas com Maria Lúcia Varnieri, ela comentou sobre os pilares que formaram a Escolinha de Arte da UFRGS. Com base em tal informação, tomei a decisão por delimitar a primeira parte da dissertação a partir da análise de quatro pilares: ateliê; exposições; Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE); e acervo.

Com essa definição, foi oportuno perceber que seria preciso realizar o levantamento de mais documentos. Por isso, foram efetivadas outras visitas ao

²² NEIRA, Marcos G.; LIPPI, Bruna G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 610, 2012.

²³ KINCHELOE, Joe Lyon; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

²⁴ KINCHELOE, Joe Lyon; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

²⁵ NEIRA, Marcos G.; LIPPI, Bruna G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 612, 2012.

²⁶ DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 18.

acervo da Escolinha, que está no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS. Para o projeto de dissertação, havia selecionado 53 documentos desse acervo. No entanto, no desenvolvimento desta dissertação, este número foi ampliado para 189, além de agregar documentos que surgiram a partir de indicações de sujeitos da pesquisa e de outros pesquisadores, informados na apresentação desta dissertação e também nos Apêndices, totalizando 196 documentos.

Nesse processo, também surgiu a necessidade de entrevistar alguns professores envolvidos com a Escolinha de Arte da UFRGS. A primeira indicação de nomes partiu de Maria Lúcia Varnieri, sendo que ela própria foi entrevistada e contatada em diversos momentos ao longo da pesquisa. A escolha por entrevistar professores da Escolinha de Arte da UFRGS, que são também artistas visuais, foi tomada após a leitura dos documentos, nos quais pude constatar que muitos alunos do Instituto de Artes (IA) da UFRGS fizeram o Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE) e que os professores da Escolinha eram formados pelo IA. Os primeiros nomes que decidi foram por Teresa Poester e Marilice Corona, pois, além de professoras, foram também alunas da Escolinha quando adolescentes. O nome de Jailton Moreira foi mencionado durante a entrevista com Teresa Poester, visto que ele foi professor por muitos anos da Escolinha de Arte da UFRGS. Assim, decidi entrevistá-lo também. Aconteceu como descreveu Bogdan e Biklen: “num projeto de entrevista qualitativa a informação é cumulativa, isto é, cada entrevista determina e liga-se à seguinte”²⁷.

As entrevistas com Marilice Corona e Jailton Moreira foram realizadas pessoalmente, em suas residências, e tiveram duração de cerca de duas horas cada. Ambas foram transcritas. Já a entrevista com Teresa Poester aconteceu via áudio da rede social *Facebook*, uma vez que atualmente ela mora na França. Essa entrevista não foi gravada e, portanto, não foi transcrita, mas fiz diversas anotações ao longo de nossa conversa que durou cerca de uma hora. As experiências desses três professores artistas são apresentadas no subcapítulo “Professores artistas: vivências entre teoria e prática”.

Já os encontros com Maria Lúcia Varnieri foram diversos, não sei precisar quantos exatamente, visto que ela esteve presente em muitos momentos ao longo da pesquisa. Uma dessas conversas, em que falamos especificamente sobre a

²⁷ BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Alegre: Porto Editora, 1994, p. 136.

história do acervo da Escolinha de Arte da UFRGS, um dos pilares analisados, foi gravada e transcrita, tendo a duração de uma hora.

No projeto de dissertação, indiquei que escreveria sobre Alice Soares, por ter sido a primeira diretora da Escolinha de Arte da UFRGS. Nas entrevistas com os professores e também nos documentos, o nome de Iara de Mattos Rodrigues é citado em muitas ocasiões, o que me mostrou que seria essencial também escrever sobre ela, considerando seu papel fundamental na liderança da Escolinha. Por isso, decidi dedicar a elas o subcapítulo “Lideranças das diretoras Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues”. Já o último capítulo, apresenta algumas ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte, no qual me baseei em leituras bibliográficas e documentais sobre o tema.

De acordo com Kincheloe e Berry, em investigações que usam a bricolagem “o conhecimento está sempre em processo”²⁸. Nessa mesma percepção, para Neira e Lippi, “[...] a bricolagem é uma produção de conhecimentos que não se finaliza, segue um processo contínuo de realimentação e entretecimento”²⁹. Sendo que “entretecer”, para a bricolagem, significa “[...] *vamos tecer juntos, tecer entremeando*”³⁰. Desse modo, busquei tecer uma história da Escolinha de Arte da UFRGS a partir de minhas leituras dos documentos e dos depoimentos dos entrevistados.

No âmbito da escrita em história, busco aproximar-me das perspectivas da Nova História e da Nova História Cultural, que percebem a realidade construída social e culturalmente³¹, isto é, afastam-se do paradigma positivista que postulava que a história era objetiva e neutra³². Segundo Peter Burke:

[...] cada vez mais historiadores estão começando a perceber que seu trabalho não reproduz “o que realmente aconteceu”, tanto quanto o representa de um ponto de vista particular. Para comunicar essa consciência aos leitores de história, as formas tradicionais de narrativa são inadequadas. Os narradores históricos necessitam encontrar um modo de se tornarem visíveis em sua narrativa, não de autoindulgência, mas

²⁸ KINCHELOE, Joe Lyon; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 97.

²⁹ NEIRA, Marcos G.; LIPPI, Bruna G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 613, 2012.

³⁰ NEIRA, Marcos G.; LIPPI, Bruna G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, p. 612, 2012.

³¹ BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011, p. 12.

³² BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011, p. 10-15.

advertindo o leitor de que eles não são oniscientes ou imparciais e que outras interpretações, além das suas, são possíveis³³.

Ainda de acordo com Peter Burke, os historiadores positivistas consideravam os documentos como “transparentes”, pois supunham que reproduziam o passado do modo como havia de fato acontecido³⁴. A partir da aproximação da História com a Antropologia, os historiadores passaram a perceber cada vez mais as fragilidades dessa perspectiva positivista³⁵. Dentro da abordagem da história cultural, nas palavras de Michel de Certeau, “o passado é, também, ficção do presente. O mesmo ocorre em todo verdadeiro trabalho historiográfico”³⁶. Portanto, segundo Michel de Certeau, uma leitura do passado, mesmo que ancorada em documentos, é orientada por uma leitura do presente³⁷.

Ao contrário da abordagem positivista que via os documentos como reproduções fiéis do passado, a perspectiva da história cultural percebe os documentos como “sintomas”³⁸ de uma dada realidade, sendo que eles também são constituídos de historicidade: possuem construções, sentidos e discursos que precisam ser contextualizados³⁹. De acordo com Roger Chartier, texto algum “[...] mantém uma relação transparente com a realidade que apreende”⁴⁰.

O historiador faz seleções, exclusões e eleições⁴¹ em seu trabalho de pesquisa e de escrita, atribuindo “[...] um sentido novo às palavras que tira do silêncio dos arquivos”⁴². Apesar dessas seleções e dos modos narrativos contidos na escrita histórica, o historiador não escreve ficção. Segundo Chartier:

Ainda que se escreva em forma “literária”, o historiador não faz literatura, e isso por causa do fato de sua dupla dependência. Dependência em relação

³³ BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2011, p. 345.

³⁴ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 163.

³⁵ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 163.

³⁶ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008, p. 21.

³⁷ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008, p. 34.

³⁸ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008, p. 22-23.

³⁹ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 37.

⁴⁰ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 63.

⁴¹ CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra J. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001, p. 117.

⁴² CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra J. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001, p. 117.

ao arquivo, portanto, em relação ao passado [...]. Dependência, continuando, em relação aos critérios de cientificidade e às operações técnicas relativas a seu “ofício”⁴³.

Do mesmo modo, como os documentos têm historicidade, para Maria Stephanou: “[...] também as memórias têm espessuras várias”⁴⁴. Segundo a autora, “escrevemos e dizemos o que pensamos ter vivido, o que pensamos ter sentido, o que imaginamos ter experimentado. Pensamos isso no torrencial do momento em que nos dispomos a narrar e a dizer quem vimos sendo”⁴⁵. Desse modo, compreendo a minha leitura dos documentos e das entrevistas. Afinal, conforme Pillar, “o nosso olhar não é ingênuo, ele está comprometido com nosso passado, com nossas experiências, com nossa época e lugar, com nossos referenciais”⁴⁶.

Assim, identifico a metodologia desta pesquisa com a bricolagem, pois essa abordagem traz espaço para a interpretação e a subjetividade. “À medida que avançam na compreensão da construção social do conhecimento, da concepção e da subjetividade humana, os *bricoleurs* adquirem consciência de sua própria historicidade e da de outros”⁴⁷. Na bricolagem, a intenção não é descobrir a verdade sobre determinado tema, mas sim compreender a sua construção⁴⁸.

Como método, utilizo a análise documental e as entrevistas semiestruturadas. Sobre os documentos, segundo Lüdke e André, “não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto”⁴⁹. Para classificar e organizar os documentos que coletei, recorri à construção de algumas categorias. Foram sete ao todo, são elas: ateliê; exposições; CIAE; acervo; diretoras; professores artistas; e MEA. Essas categorias foram definidas após a decisão dos assuntos que seriam

⁴³ CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra J. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001, p. 135.

⁴⁴ STEPHANOU, Maria. Nem uma coisa, nem outra ou nenhuma. (Re)invenções e reminiscências escolares. A modo de prefácio. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. (Org.). **Tempos de escola: memórias**, vol. III. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. p. 11.

⁴⁵ STEPHANOU, Maria. Nem uma coisa, nem outra ou nenhuma. (Re)invenções e reminiscências escolares. A modo de prefácio. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. (Org.). **Tempos de escola: memórias**, vol. III. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. p. 11.

⁴⁶ PILLAR, Analice Dutra. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 13.

⁴⁷ KINCHELOE, Joe Lyon; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 25.

⁴⁸ NEIRA, Marcos G.; LIPPI, Bruna G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, 2012.

⁴⁹ LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013, p. 45.

abordados na dissertação.

Já a escolha por realizar entrevistas semiestruturadas se deu com o objetivo de me aprofundar nas experiências dos entrevistados com a Escolinha de Arte da UFRGS. Essa forma de entrevista, que combina perguntas fechadas e abertas⁵⁰, é feita a partir de um roteiro que orienta a conversa, mas que não depende e nem está atrelado restritamente às perguntas desse roteiro.

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal⁵¹.

Assim foram percorridos os caminhos e os processos para a construção desta dissertação, tendo em vista que ela foi realizada a partir de minhas leituras dos documentos, em diálogo com os depoimentos dos entrevistados, e também com os autores que sustentam as referências teóricas da pesquisa.

⁵⁰ BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 75, jan./jul. 2005.

⁵¹ GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009, p. 72.

3 PILARES DA ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS

Neste terceiro capítulo, faço uma análise dos pilares que fundamentaram a Escolinha de Arte da UFRGS, são eles: ateliê; exposições; CIAE; e acervo.

3.1 ATELIÊ

A Escolinha Infantil de Educação Artística⁵², conhecida posteriormente como Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul⁵³, foi idealizada por um grupo de professores artistas do Instituto de Artes. Esses professores faziam parte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, mais tarde denominada de Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS.

Essa associação foi fundada em 1959 pelos professores artistas Fernando Corona, Ângelo Guido, Ado Malagoli, Alice Soares, Alice Brueggemann, Leda Flores e Lygia Rothmann, tendo como primeiro presidente Rubens Galant Costa Cabral e, como vice-presidente, Alice Soares⁵⁴. No dia 15 de setembro de 1960, foi inaugurada a Escolinha de Arte da UFRGS, com sede no prédio anexo ao Instituto de Artes. Segundo a Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS: “[...] a Associação considera uma de suas maiores realizações a existência de sua Escolinha de Arte, [...] criando através das atividades artísticas em geral, condições propícias ao desenvolvimento intelectual, social e afetivo de seus alunos [...]”⁵⁵.

⁵² Escolinha Infantil de Educação Artística foi o primeiro nome da Escolinha de Arte da UFRGS. SOARES, Alice; RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Maria Mortiz. Porto Alegre, 10 set. 1960. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵³ A partir de 1995, passou a ter o nome oficial de Projeto Escolinha de Arte da UFRGS.

⁵⁴ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵⁵ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL. **Prestação de Serviços**. Porto Alegre: [s. n.], 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O fato da Escolinha de Arte da UFRGS ter sido fundada por artistas e de ter tido, ao longo de sua história, todos os professores formados pelo Instituto de Artes⁵⁶, fez com que, desde o início, se propiciassem experiências artísticas aos alunos. Para isso, eram oferecidos materiais diversos.

Tintas, papéis, canetinhas, lápis, bastões de cera, argila, madeira, papelão, isopor, cordões, arames – provocações através de materiais e de instrumental variados. Crianças ou adolescentes, absorvidos, desenhando, pintando, construindo, modelando, conversando, a sós, em duplas ou em grupos maiores⁵⁷.

O objetivo era possibilitar vivências e práticas em um ambiente de ateliê, no qual os alunos pudessem ter experiências criadoras múltiplas⁵⁸. Por meio dos materiais, os alunos podiam se expressar: “ela [a criança] descobre, experimenta, explora e reconhece as possibilidades do seu próprio corpo e do seu imaginário, assim como as riquezas que o espaço externo lhe oferece”⁵⁹. O ateliê é um ambiente onde se aprende a manipular e transformar matérias plásticas⁶⁰.

A esse respeito, Iria Poças e Nilda Ataíde, em reportagem da Revista do Ensino, ressaltam que: “cada criança tem uma concepção do que o material lhe pode dar”⁶¹. Assim, os alunos sentiam liberdade para criar usando os materiais que lhes eram oferecidos. No ateliê da Escolinha de Arte da UFRGS, esses materiais incitavam o interesse dos alunos. Conforme Sandra Richter:

Este é o exercício fundamental que a criança realiza com tanto prazer quando constrói, de forma lúdica, seus desenhos, pinturas ou modelagens, um desafio dramático no qual é o autor: exercita a aventura da criação de um objeto que satisfaça seu desejo provocado pela matéria. O material serve à fantasia da criança que descobre a possibilidade de criar novas

⁵⁶ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵⁷ VARNIERI, Maria Lúcia Campos. Arte-educação na prática das Escolinhas de Arte. **Arte & Educação em Revista**, v. 2, n.2-3, jul./dez. 1996, p. 61.

⁵⁸ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵⁹ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶⁰ RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 166.

⁶¹ POÇAS, Iria Müller; ATAÍDE, Nilda Catarina. Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 130, p. 3-5, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

formas e novas significações a partir de recursos matéricos, figurando seu imaginário⁶².

Na figura 1, a seguir, veem-se crianças experimentando com diversos materiais na Escolinha.

Figura 1 – Crianças pintando na Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.



Fonte: [FOTOGRAFIA de crianças na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-a]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em uma carta datilografada dirigida aos pais dos alunos e assinada pelos professores, sem mencionar um nome específico, é explicado que na Escolinha havia uma atmosfera mágica, com os alunos fazendo uma espécie de alquimia com os materiais – pigmentos, sabão, pó de serragem, giz, etc. – e que, por vezes, queriam levar suas “poções” para casa. Os professores solicitavam a compreensão e a colaboração dos pais, pedindo-lhes que recebessem alguns desses “experimentos” em casa, pois foram feitos com muita dedicação dos alunos⁶³.

Esses materiais eram ampliados e modificados de acordo com o interesse dos alunos, mas era uma prerrogativa da Escolinha de Arte da UFRGS oferecer materiais diversos e de excelente qualidade. Para possibilitar essa experiência, os alunos pagavam uma pequena taxa mensal para participarem da Escolinha⁶⁴. No

⁶² RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 164.

⁶³ OS PROFESSORES. **Carta aos pais nº 1**: Sobre alquimia. Destinatário: Pais. Porto Alegre, [198-?]. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶⁴ PROJETO ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS. [Correspondência]. Destinatário: Maria Aparecida. Porto Alegre, 1999. 1 carta. Texto de divulgação da Escolinha de Arte da UFRGS destinado a Maria

texto datilografado do Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, de título “A sala de aula”, é mencionado que:

Meia hora antes de começar a aula, o professor prepara o ambiente. O aluno, quando chega, encontra a sala de aula pronta, com as tintas, os pincéis, os potes de água, os lápis de cera, as canetinhas, o papeis cortados em vários tamanhos, a argila, etc. Tudo está ali para ele. O ambiente é um convite à expressão⁶⁵.

Outros materiais disponíveis eram: tintas têmpera, aquarelas, anilinas, impressão e nanquim, lãs, cordões, tecidos, caixas, argila, gesso e arame⁶⁶. Iara de Mattos Rodrigues, diretora e professora da Escolinha de Arte da UFRGS, explica qual era a finalidade dos materiais:

Nós preferimos não falar em técnicas de ensino ou técnicas de arte, mas meios que são apenas estímulos para que a criança se expresse. Tudo que possa sensibilizar seus sentidos e aguçar sua percepção é válido, e a partir disso é que a criança vai transformando, criando formas, configurando, estruturando sua personalidade⁶⁷.

A Escolinha oferecia aulas de “pintura, desenho, modelagem, fotografia, madeira, colagem, origami, sensibilização musical, jogo dramático, construções em três dimensões e outros meios de expressão”⁶⁸. Segundo informa o projeto da Escolinha⁶⁹, os alunos eram divididos em turmas de crianças de três a cinco anos, de seis a oito anos e de nove a doze anos, turmas de adolescentes e de adultos. As aulas aconteciam no contraturno escolar, de uma a duas vezes por semana, e duravam cerca de duas horas. Nas oficinas de criação, os alunos eram incentivados

Aparecida, da Pró Reitoria de Extensão e Difusão Cultural da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶⁵ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **A Sala de aula**. Porto Alegre: [s. n.], [200-]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶⁶ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Educar através da arte**. Porto Alegre: [s. n.], [199-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶⁷ RODRIGUES, Iara. In: SONDERMANN, Susana. Escolinha de Artes: Crescimento da personalidade infantil deve partir da experiência criadora. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶⁸ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶⁹ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

a experimentar as linguagens de que mais gostavam e a descobrir seus potenciais⁷⁰. Eles tinham a possibilidade de escolher entre artes plásticas, teatro, música, fotografia e cinema⁷¹.

Na área da música, havia o trabalho de sensibilização e musicalidade⁷² (Figura 2). O som era experimentado por meio da voz e também de instrumentos, como “[...] violão, pandeiros, triângulos, chocalhos”⁷³, entre outros. Em 1975, a Escolinha chegou a ter uma Orquestra Infantojuvenil com 60 componentes, surgida a partir do curso livre de flauta oferecido pela Escolinha, que convidou alunos de outras escolas que tocavam instrumentos como violino, violoncelo, clarinete e trompete, para formá-la.⁷⁴

Figura 2 – Experiências musicais na Escolinha de Arte da UFRGS, década de 1970.



Fonte: [FOTOGRAFIA de crianças na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-b]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷⁰ BARBOSA, Luiz Carlos. **Livres, reinventam a escola**. [S. l.], 1985. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷¹ BARBOSA, Luiz Carlos. **Livres, reinventam a escola**. [S. l.], 1985. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷² RODRIGUES, Iara de Mattos. **Carta aberta**. Destinatário: Professores e alunos do Instituto de Artes. Porto Alegre, 1995. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷³ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Educar através da arte**. Porto Alegre: [s. n.], [199-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷⁴ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Walter Otto Cybis. Porto Alegre, 24 nov. 1975. Correspondência de solicitação de cedência do Salão de Festas da Reitoria para apresentação da orquestra da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Já na área do teatro, as atividades eram desenvolvidas com o uso de “[...] brinquedo, dos jogos dramáticos de improvisação e da elaboração de cenários.”⁷⁵ Havia também a criação de peças teatrais, mímica e teatro de bonecos⁷⁶ (Figura 3).

Figura 3 – Atividades de teatro na Escolinha de Arte da UFRGS, década de 1970.



Fonte: [FOTOGRAFIA de crianças na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-c]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A partir da leitura documental, foi possível perceber que, apesar de propiciar o encontro com diversas linguagens artísticas, o foco da Escolinha de Arte da UFRGS estava direcionado para as artes visuais. Assim, escrevo principalmente sobre essa linguagem neste capítulo e ao longo da dissertação.

Para Sandra Richter e Angela Pohlmann, a linguagem gráfico-plástica estabelece uma relação com o campo ficcional ao ter o “[...] poder de tomar posse do intangível – de trazer pelas mãos e colocar sob os olhos uma visão-imagem daquilo que é disperso e impalpável – que podem colaborar com subsídios para a experimentação e invenção de si e do mundo”⁷⁷. Desse modo, as artes plásticas possibilitam meios singulares de atuação no coletivo⁷⁸. A figura 4 mostra uma criança explorando a linguagem da pintura.

⁷⁵ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Educar através da arte**. Porto Alegre: [s. n.], [199-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷⁶ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Educar através da arte**. Porto Alegre: [s. n.], [199-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷⁷ RICHTER, Sandra; POHLMANN, Angela. O poder ficcional das linguagens plásticas: afinidades entre os processos de criação na Arte e na Pedagogia. In: SENNA, Nádia da Cruz et al. **Visualidade e cotidiano no ensino da arte**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, p. 30.

⁷⁸ RICHTER, Sandra; POHLMANN, Angela. O poder ficcional das linguagens plásticas: afinidades entre os processos de criação na Arte e na Pedagogia. In: SENNA, Nádia da Cruz et al. **Visualidade e cotidiano no ensino da arte**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, p. 30.

Figura 4 – Atividade de pintura na Escolinha de Arte da UFRGS, década de 1970.



Fonte: 10º ANIVERSÁRIO da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos da Escola de Artes da UFRGS. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Segundo Maria Lúcia Varnieri: “modelando, pintando, desenhando, compondo a partir de seus interesses e de sua imaginação, crianças, adolescentes e adultos estão expondo uma visão pessoal do mundo e seu processo de interação com ele”⁷⁹. E Teresa Poester ressalta que o principal objetivo da Escolinha era o de desenvolver a potencialidade dos alunos⁸⁰. “À medida que a criança desenha passa a adquirir um melhor domínio do ambiente, consegue situar-se de forma mais segura perante ele”⁸¹, declarou Teresa ao jornal Zero Hora, na década de 1980.

Na Escolinha de Arte da UFRGS, os alunos não precisavam usar uniformes, não existiam lugares marcados, nem batia o sinal no horário de entrada e de saída, bem como eles não recebiam notas pelos trabalhos realizados⁸². Na Escolinha: “o

⁷⁹ VARNIERI, Maria Lúcia Campos. Arte-educação na prática das Escolinhas de Arte. **Arte & Educação em Revista**, v. 2, n.2-3, jul./dez. 1996, p. 61.

⁸⁰ POESTER, TERESA. Na Escolinha, a criança é educada através da arte. **Zero Hora**, 25 abr. 1982. Ensino, p. 38 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸¹ POESTER, TERESA. Na Escolinha, a criança é educada através da arte. **Zero Hora**, 25 abr. 1982. Ensino, p. 38 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸² NOVE anos de arte para crianças e adolescentes. Folha da Tarde, São Paulo, 15 set. 1969. Colégios e Universidades, p. 26. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ambiente é informal, a atmosfera intensa e criadora. O clima é de liberdade. [...] Não há notas, classificações ou comparações”⁸³. Era uma lógica oposta ao sistema tradicional de ensino das escolas. Na Escolinha, os alunos eram estimulados a vivenciar experiências poéticas. Segundo o material do Cinquentenário da Escolinha de Arte da UFRGS:

Desde a infância, a experiência poética é ato comprometido com a sensibilidade lúdica de investigar o mundo, com a criação e a invenção que se elaboram através dos ritmos, gestos, procedimentos, processos que independem da palavra para acontecerem⁸⁴.

Sandra Richter⁸⁵ ressalta que as crianças experimentam a dimensão poética ao se encantarem com a plasticidade que encontram no mundo. Isso leva a criança a “[...] ‘mexer-se’ e lançar-se em imagens e palavras para aprender a decifrá-lo [o mundo] e interpretá-lo no ato de narrar e encenar – através de seus jogos e brincadeiras – o extraído dessa experiência de comunhão entre corpo, linguagem e mundo”⁸⁶.

Para Richter⁸⁷, a infância pode ser descrita como poética, pois é quando são vivenciadas mais profundamente a gratuidade, a instantaneidade e a invenção que fazem a vida ter um sentido de festa. Ainda segundo a autora, pela dimensão poética as experiências são tocadas a partir do coração⁸⁸. Nesse mesmo sentido, Herbert Read menciona: “o que a criança escreve, ou desenha, seria mais bem descrito como ato de intuição poética [...]”⁸⁹.

⁸³ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **A Sala de aula**. Porto Alegre: [s. n.], [200-]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸⁴ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸⁵ RICHTER, Sandra. Experiência poética e linguagem plástica na infância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: [s. n.], 2007. p. 2.

⁸⁶ RICHTER, Sandra. Experiência poética e linguagem plástica na infância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: [s. n.], 2007. p. 2.

⁸⁷ RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 166.

⁸⁸ RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 168.

⁸⁹ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 234.

No ateliê, é possível sentir a força da experiência poética⁹⁰. Nesse espaço, tanto os artistas quanto os estudantes que estabelecem relações com os materiais gráfico-plásticos passam por um:

Processo que emerge de um longo percurso de dúvidas, ajustes, excitação, certezas, acertos e aproximações, onde não apenas a efetivação de algo – a “coisa” realizada – mas toda a tensão dos ensaios, tentativas, explorações, acasos e repetições ocorridas na duração do percurso para se chegar até ele é parte da figuração que a imagem plástica carrega.⁹¹.

Esses acasos ou acidentes fazem parte do processo de criação poética nas linguagens gráfico-plásticas⁹². Para Landowski: “o acidente (o acaso) é o modelo que descreve acontecimentos que, por sua própria natureza, escapam a qualquer determinação”⁹³. Para o autor, o “acidente” é, dessa maneira, um regime de interação que tem como princípio a aleatoriedade. Apesar de explorar o acidente e, por sua vez, a aleatoriedade, no ateliê há também planejamento ou projeto⁹⁴. A Escolinha de Arte da UFRGS era um espaço fértil de experiência poética, pois oferecia aos alunos um ambiente de ateliê no qual eram estimulados a descobrir seu potencial criador. A figura 5 mostra crianças em atividades de criação.

⁹⁰ RICHTER, Sandra; POHLMANN, Angela. **Artes plásticas e educação**: a dimensão formativa da errância nos processos de aprendizagem. ANPAP, 2008, p. 918.

⁹¹ RICHTER, Sandra; POHLMANN, Angela. **Artes plásticas e educação**: a dimensão formativa da errância nos processos de aprendizagem. ANPAP, 2008, p. 922.

⁹² RICHTER, Sandra; POHLMANN, Angela. O poder ficcional das linguagens plásticas: afinidades entre os processos de criação na Arte e na Pedagogia. In: SENNA, Nádia da Cruz et al. **Visualidade e cotidiano no ensino da arte**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, p. 32.

⁹³ LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2014a, p. 9.

⁹⁴ RICHTER, Sandra; POHLMANN, Angela. O poder ficcional das linguagens plásticas: afinidades entre os processos de criação na Arte e na Pedagogia. In: SENNA, Nádia da Cruz et al. **Visualidade e cotidiano no ensino da arte**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, p. 33.

Figura 5 – Crianças na Escolinha de Arte da UFRGS.



Fonte: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para a Escolinha de Arte da UFRGS era essencial valorizar a expressão criadora dos alunos⁹⁵. De acordo com Herbert Read⁹⁶, a expressão está relacionada com a comunicação. No projeto da Escolinha de Arte da UFRGS⁹⁷, é descrito que a arte é expressão e comunicação, com base nos preceitos da Sociedade Internacional de Educação através da Arte (INSEA), da UNESCO, da qual a Escolinha fazia parte. Para a Escolinha, a necessidade fundamental do ser humano era de expressar-se. Por isso, era indispensável criar um espaço a partir do qual se pudesse desenvolver com liberdade a capacidade criadora de cada indivíduo⁹⁸.

Para Richter, “intuição e expressão, conteúdo e aparência se complementam e se constituem lado a lado com o conhecimento, a vontade e o sentimento do

⁹⁵ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹⁶ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 182.

⁹⁷ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁹⁸ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **A Sala de aula**. Porto Alegre: [s. n.], [200-]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

indivíduo criador”⁹⁹. Assim era percebido o aluno na Escolinha de Arte da UFRGS: como um sujeito livre e integrado¹⁰⁰.

A Escolinha funcionava como um laboratório no qual os alunos desenvolviam sua dimensão criadora¹⁰¹. Desse modo, a percepção era de que a criança imprimia no desenho as emoções e as visões de mundo que possuía¹⁰². Segundo Iara de Mattos Rodrigues:

Ao se expressar nesta linguagem total do criador e do fazer-se fazendo, a criança adquire os meios e a capacidade de dar uma resposta significativa ao mundo que a cerca. Imprime a sua personalidade no que realiza. Passa a ser ativa, atuante, capaz de reformular os outros, para si. Todo o mergulho na atividade criadora é imprevisível, não tem um fim pré-estabelecido, é vida¹⁰³.

Com isso, buscava-se, na Escolinha de Arte da UFRGS, o “[...] conhecimento de si mesmo, dos outros e do universo em que está inserido, através do fazer criador”¹⁰⁴. Não havia a aspiração de formar futuros artistas, mas sim possibilitar que o aluno se visse como um sujeito único e autêntico¹⁰⁵. Todos os alunos – fossem crianças, adolescentes ou adultos – eram incentivados a experimentar e buscar seus modos particulares de expressão¹⁰⁶. A figura 6 mostra uma pintura de um aluno adolescente da Escolinha.

⁹⁹ RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 168.

¹⁰⁰ POÇAS, Iria Müller; ATAÍDE, Nilda Catarina. Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 130, p. 3-5, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰¹ POÇAS, Iria Müller; ATAÍDE, Nilda Catarina. Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 130, p. 3-5, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰² OS PROFESSORES. **Carta aos pais (4)**: Sobre a expressão criadora da criança e do jovem. Destinatário: Pais. Porto Alegre, [198-?]. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰³ RODRIGUES, Iara de Mattos. In: BINS, Patrícia. Educação pela arte. **Correio do Povo**, 28 out. 1981. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰⁴ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Educar através da arte**. Porto Alegre: [s. n.], [199-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰⁵ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Educar através da arte**. Porto Alegre: [s. n.], [199-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰⁶ PROJETO ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS. **[Correspondência]**. Destinatário: Maria Aparecida. Porto Alegre, 1999. 1 carta. Texto de divulgação da Escolinha de Arte da UFRGS destinado a Maria Aparecida, da Pró Reitoria de Extensão e Difusão Cultural da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 6 – Pintura de Paulo, 13 anos, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.



Fonte: 10º ANIVERSÁRIO da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos da Escola de Artes da UFRGS. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Na literatura acadêmica sobre arte/educação, algumas experiências das Escolinhas de Arte estão identificadas com os fundamentos do ensino modernista de arte, entre eles: a concepção da arte como expressão¹⁰⁷ e o fazer artístico como meio para o desenvolvimento da capacidade criadora¹⁰⁸; a expressão da criança como a exteriorização de “[...] manifestações interiorizadas que formam um repertório constituído de elementos cognitivos e afetivos”¹⁰⁹; e a técnica sendo utilizada a serviço da expressão¹¹⁰.

Outro fundamento era a autoexpressão que, segundo Arthur Efland¹¹¹, era essencial para o ensino modernista de arte. De acordo com Ferraz e Fusari: “para as teorias que valorizam a autoexpressão da criança, a arte não pode ser ensinada, pois a expressividade infantil tem um correspondente com a evolução física,

¹⁰⁷ BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014a, p. 98.

¹⁰⁸ IAVELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 174.

¹⁰⁹ FERRAZ, Heloísa; FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 55.

¹¹⁰ IAVELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 174.

¹¹¹ EFLAND, Arthur; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. **La educación en el arte posmoderno**. Barcelona: Paidós, 2003.

psicológica, cognitiva”¹¹². Desse modo, o professor atuava como um guia ou um estimulador¹¹³, sem interferir diretamente no processo de autoexpressão do aluno.

Em uma reportagem do jornal Última Hora, de 1960, publicada alguns dias após a fundação da Escolinha de Arte da UFRGS, é informado que o intuito da Escolinha era o de “[...] promover a educação artística através da autoexpressão [...]”¹¹⁴. Para Rosa Iavelberg¹¹⁵, o ensino modernista de arte defendia que a arte da criança não precisaria ser submetida aos padrões e modelos da arte feita pelos adultos. Com isso, “[...] a produção artística infantil ganharia vida própria”¹¹⁶.

Os fundamentos de maior evidência na literatura acadêmica sobre ensino modernista de arte são a livre expressão e a espontaneidade¹¹⁷. Conforme Herbert Read: “a expressão livre ou espontânea é a exteriorização incontida das atividades mentais do pensamento, sentimento, sensação e intuição”¹¹⁸. Do mesmo modo, de acordo com Rosa Iavelberg¹¹⁹, a livre expressão tinha como finalidade buscar o equilíbrio entre o pensamento, o sentimento e a percepção dos alunos por meio da arte.

O desenho infantil era valorizado por conter uma “[...] expressão livre de amarras sociais e de dogmas estéticos”¹²⁰. Além da livre expressão, a arte/educação modernista orientava-se para o desenvolvimento do ser humano¹²¹. Rosa Iavelberg evidencia que:

Os pensadores do ensino de arte na escola moderna validaram a educação por meio da arte, da autonomia, da criatividade e da livre expressão dos alunos. A proposta moderna visava a um futuro mais promissor com indivíduos sensíveis aos problemas dos demais e ao meio, almejando a participação democrática e a justiça social em contraposição a um mundo

¹¹² FERRAZ, Heloísa; FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 67.

¹¹³ FERRAZ, Heloísa; FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 67.

¹¹⁴ ESCOLINHA de arte: desde ontem no I. Belas Artes. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, 17 set. 1960. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹¹⁵ IAVELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 66.

¹¹⁶ IAVELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 66.

¹¹⁷ BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Cortez Editora, 2015b, p. 265.

¹¹⁸ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 123.

¹¹⁹ IAVELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 173.

¹²⁰ BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Cortez Editora, 2015b, p. 310.

¹²¹ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Noemia Varela e a Arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001, p. 29.

cada vez mais materialista e com oportunidades desiguais de desenvolvimento¹²².

Para a livre expressão ser colocada em prática, como especificado por Herbert Read¹²³, era necessário assegurar um ambiente propício para essa finalidade. Nas palavras de Maria Lúcia Varnieri, a Escolinha de Arte da UFRGS era um espaço:

Onde a criança pode ser ela mesma, sentir-se amada e encorajada a respeitar os outros; onde o adolescente pode exercitar a auto-crítica e definir-se como ser social, mantendo sua imaginação enquanto adquire novos conhecimentos; onde o verbo aprender é vivido em seu pleno significado, crescendo aluno e professor no processo da descoberta; onde o professor é capaz de despojar-se de seu conhecimento e espaço de experiência e refazer sua aprendizagem no convívio com a expressão de ideias e sentimentos de seu aluno; onde a avaliação do resultado é feita principalmente a partir deste processo e o professor não se importa de parecer eclipsado num ambiente de favorecimento à expressão livre, consciente de que é o responsável pela fruição das qualidades da *praxis* criadora na Escolinha¹²⁴.

Quando o aluno da Escolinha de Arte da UFRGS se sentia livre para expressar sua criatividade, ele podia se tornar uma pessoa harmoniosa¹²⁵. “A criança manifesta em sua expressão o que pensa e o que sente em relação ao mundo. Permitir-lhe o livre exercício de suas potencialidades é fazer dela um ser harmonioso”¹²⁶. Na figura 7, pode-se ver uma pintura de uma criança de cinco anos, aluna da Escolinha.

¹²² IAVELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 30.

¹²³ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 331.

¹²⁴ VARNIERI, Maria Lúcia Campos. Arte-educação na prática das Escolinhas de Arte. **Arte & Educação em Revista**, v. 2, n.2-3, jul./dez., 1996, p. 63.

¹²⁵ POÇAS, Iria Müller; ATAÍDE, Nilda Catarina. Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 130, p. 3-5, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹²⁶ 10º ANIVERSÁRIO da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos da Escola de Artes da UFRGS. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 7 – Pintura de Mirian, 5 anos, aluna da Escolinha de Arte da UFRGS, na década de 1970.



Fonte: 10º ANIVERSÁRIO da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos da Escola de Artes da UFRGS. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para Jailton Moreira, ali era um espaço onde era exercida a liberdade¹²⁷. Na Escolinha, “a base de tudo é a total liberdade de criação, de espaço e de ambientes”¹²⁸. Patrícia Haussen, também professora da Escolinha de Arte da UFRGS, frisa que a intenção era dar subsídios para que os alunos se expressassem livremente¹²⁹.

A definição de espontaneidade, para Herbert Read¹³⁰, é o ato de expressar-se sem contenção. Para Read¹³¹, as crianças atuam por vontade própria, por isso as suas criações são espontâneas. A percepção da espontaneidade da criança foi essencial para a arte/educação modernista: “os arte-educadores modernistas

¹²⁷ MOREIRA, Jailton. In: SANTOS, Carlos Alberto. Espaço colorido aos pequenos artistas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 16 maio 1993. Variedades, p. 17. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹²⁸ CRIANÇAS gaúchas criam com liberdade. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 5, 15 nov. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹²⁹ HAUSSEN, Patrícia. [Texto sobre a história da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes]. [Porto Alegre]: [s. n.], 2008. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹³⁰ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 122.

¹³¹ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 125.

enalteceram a produção artística espontânea da criança para libertar seus atos criativos e, assim, a arte infantil ganhou existência e validação na educação”¹³².

Conforme Iara de Mattos Rodrigues, a espontaneidade dos alunos na Escolinha de Arte da UFRGS era possível devido ao ambiente de afetividade que era estabelecido, no qual havia confiança entre aluno e professor¹³³.

Na Escolinha de Arte da UFRGS, a sensibilidade era também valorizada. Buscava-se a construção de atitudes sensíveis, criadoras e críticas¹³⁴ por parte dos alunos. Nas práticas de ateliê da Escolinha, o aluno desenvolvia a sensibilidade. A esse respeito, no material do Cinquentenário da Escolinha é mencionado que:

No limite da folha de papel, no volume da argila, no movimento do seu corpo e de seu olhar, nosso aluno, na Escolinha de Arte, desenvolve sua sensibilidade estética, exercita suas escolhas, motricidade e intuição, ordena seu ritmo e percebe-se único. O desafio que experienciou torna-se referência de conhecimento. Transformando a matéria, ele se transforma¹³⁵.

Iara de Mattos Rodrigues frisa também que, na Escolinha, era fundamental desenvolver o sentido estético para tornar o aluno sensível a tudo o que o rodeava¹³⁶. Nessa perspectiva, a diretora da Escolinha de Arte da UFRGS ressalta: “desejamos desenvolver a sensibilidade dos alunos a fim de que possam ter condições de se integrarem no ambiente, adquirirem confiança em si, percepção, sensibilidade e sentido de beleza”¹³⁷.

Uma das ações da Escolinha de Arte da UFRGS ampliou o sentido de integração e percepção do ambiente ao possibilitar que crianças e adolescentes tivessem o contato direto com a natureza. Tratava-se do projeto “Aldeia das Descobertas”, que foi realizado periodicamente desde 1977. Essa iniciativa partiu de

¹³² IAVELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2017, p. 27.

¹³³ RODRIGUES, Iara de Mattos. In: BARBOSA, Luiz Carlos. **Livres, reinventam a escola**. [S. l.], 1985. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹³⁴ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹³⁵ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹³⁶ RODRIGUES, Iara. In: FIGUEIREDO, Terezinha Tellini. Na escolinha de Artes, a criatividade é respeitada. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 30, 15 set. 1969. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹³⁷ NOVE anos de arte para crianças e adolescentes. Folha da Tarde, São Paulo, 15 set. 1969. Colégios e Universidades, p. 26. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

uma ideia de Augusto Rodrigues, um dos criadores da Escolinha de Arte do Brasil e do Movimento Escolinhas de Arte, em uma das visitas que fez a Porto Alegre. Augusto propôs que deveria haver uma relação maior entre o ser humano e a natureza, os professores da Escolinha de Arte da UFRGS se identificaram com essa sugestão e criaram o projeto. Para Herbert Read, “os sentidos das crianças só podem ser educados pela ação, e a ação exige espaço – não o espaço restrito de uma sala ou de um ginásio, mas o espaço da natureza”¹³⁸.

O objetivo do “Aldeia das Descobertas” era que as crianças e os adolescentes da cidade passassem por um processo de autodescoberta e de identificação com a natureza¹³⁹. Os alunos e os professores se dirigiam à Estação Experimental Agrônômica da UFRGS, em Guaíba, onde aconteciam atividades de pecuária e de agricultura. Ali as crianças e os adolescentes da Escolinha tinham contato com os animais, com o pomar e a horta¹⁴⁰. Sobre o “Aldeia das Descobertas”, há um texto da Escolinha que informa o seguinte:

Espaço, cor, forma, textura, cheiro, sabor e ruídos são explorados a cada instante. O respeito ao processo de descoberta de cada um, no seu ritmo e espontaneidade de movimentos, e a certeza do significado dessa busca, nos asseguram a validade da experiência¹⁴¹.

A figura 8 mostra essa relação das crianças com a natureza no projeto “Aldeia das Descobertas”.

¹³⁸ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 332.

¹³⁹ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Projeto Aldeia das descobertas**. Porto Alegre: [s. n.], 1980. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴⁰ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Carta aos pais "Projeto Aldeia das Descobertas"]. Destinatário: Pais. Porto Alegre, 1987. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴¹ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Aldeia das descobertas**. Porto Alegre: [s. n.], [197-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 8 – Alunos da Escolinha de Arte da UFRGS na Estação Experimental Agronômica da UFRGS, na década de 1970.



Fonte: [FOTOGRAFIA do Projeto Aldeia das descobertas]. [197-?]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Outros projetos da Escolinha de Arte da UFRGS, por sua vez, evidenciavam as experiências em ateliê. Nos anos de 1986 e 1987, a Escolinha coordenou ações voltadas ao público infantojuvenil das programações de férias do Centro Cultural da UFRGS. Entre as atividades, eram oferecidas oficinas de criação de desenho, pintura, fotografia, vídeo e até mesmo cozinha experimental. Mais de cinco mil crianças e adolescentes participaram dessas oficinas¹⁴².

Dentro da programação de férias do Centro Cultural da UFRGS, em 1986, na turma das professoras Adriana Rodrigues e Beatriz Noll, da Escolinha de Arte da UFRGS:

[...] as crianças tiveram a oportunidade [...] de desenhar com canetas, lápis de cera e tinta, desenvolvendo através do desenho a sua liberdade de expressão, além do conhecimento do ambiente e dos próprios colegas. Nesta atividade, as crianças terão a oportunidade de trabalhar ainda com argila, recortes e colagem, confecção de máscaras e na última aula, a programação será pintar os tapumes das obras do Centro Cultural¹⁴³.

¹⁴² RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴³ DIA de muita movimentação. **Jornal da UFRGS**, Porto Alegre, p. XIII, jul. 1986. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Outra ação que se desenvolveu no ambiente de ateliê da Escolinha de Arte da UFRGS foi a criação de um suplemento infantil para o jornal gaúcho Diário do Sul, que existiu durante o tempo em que o periódico foi publicado, de 1986 a 1988. Tratava-se de uma página para o jornal inteiramente produzida pelos alunos da Escolinha, de nome “Saco de Gatos”.

Cada edição do “Saco de Gatos” trazia uma temática diferente, entre elas: política, profissões, televisão, mundo e até mesmo sobre discos voadores. Os temas despontavam a partir da criação livre que era feita pelos alunos na Escolinha de Arte da UFRGS¹⁴⁴. A estrutura era a seguinte: o tema era apresentado por meio de um título no início da página; o espaço de maior destaque era dado para os desenhos produzidos pelas crianças e adolescentes; logo abaixo desta seção entravam os quadrinhos, também feitos pelos alunos da Escolinha; na coluna à direita havia os passatempos; e, no canto inferior à direita, o informe das próximas edições e o endereço para alunos de outras escolas que quisessem enviar seus desenhos para serem publicados na página.

Essa produção para o “Saco de Gatos” foi tão profícua que gerou uma exposição dos desenhos das crianças e dos adolescentes na galeria Arte & Fato, em Porto Alegre. A figura 9 exhibe uma página do “Saco de Gatos”. A exposição dos trabalhos dos alunos era uma prática realizada ao longo de toda a história da Escolinha. Sobre as exposições da Escolinha de Arte da UFRGS, escrevo a seguir.

¹⁴⁴ GOLIN, Cida. Quando um saco de gatos invade a galeria. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 16 nov. 1987. Cultura, p. 13. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3.2 EXPOSIÇÕES

Outro pilar da Escolinha de Arte da UFRGS era as exposições anuais dos trabalhos dos alunos. O objetivo era “[...] chamar a atenção para a importância e necessidade da realização do impulso criador, existente em cada ser humano”¹⁴⁵.

Por meio das exposições, a Escolinha também divulgava a sua filosofia de trabalho¹⁴⁶, baseada na livre expressão. Professores e alunos participavam de todo o processo de curadoria e montagem, sendo que muitas vezes eram os próprios alunos que escolhiam quais desenhos iriam expor¹⁴⁷.

As exposições tinham um cunho essencialmente didático¹⁴⁸. Sobre esse aspecto, a diretora da Escolinha de Arte da UFRGS, Iara de Mattos Rodrigues, observa que: “nós queremos, com as exposições, mostrar a pais, educadores e interessados em arte na educação, a riqueza, a alegria, a espontaneidade da criança através de um trabalho de criação totalmente livre”¹⁴⁹.

Os desenhos eram acompanhados pelos nomes e idades dos alunos, indicando o momento do desenvolvimento gráfico pelo qual estavam passando¹⁵⁰. Algumas exposições também traziam obras dos alunos realizadas em anos anteriores. A exposição de 1986, por exemplo, apresentou os trabalhos artísticos feitos por crianças e adolescentes das décadas de 1960, 1970 e 1980. Essa mostra teve o nome de “Arte-educação: A aventura de criar” e ocorreu na Reitoria da UFRGS. Os desenhos eram de temáticas diversas e traziam, entre outras, figuras

¹⁴⁵ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴⁶ PROJETO ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS. [Correspondência]. Destinatário: Maria Aparecida. Porto Alegre, 1999. 1 carta. Texto de divulgação da Escolinha de Arte da UFRGS destinado a Maria Aparecida, da Pró Reitoria de Extensão e Difusão Cultural da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴⁷ POÇAS, Iria Müller; ATAÍDE, Nilda Catarina. Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 130, p. 3-5, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴⁸ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL. **Prestação de Serviços**. Porto Alegre: [s. n.], 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴⁹ RODRIGUES, Iara de Mattos. In: POÇAS, Iria Müller; ATAÍDE, Nilda Catarina. Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 130, p. 3-5, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁵⁰ BINS, Patrícia. Educação pela arte. **Correio do Povo**, 28 out. 1981. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

humanas, meios de transporte, moda e ficção científica¹⁵¹. A figura 10 mostra um aluno com as obras na exposição de 1986.

Figura 10 – Aluno da Escolinha de Arte da UFRGS na exposição de 1986



Fonte: A AVENTURA de criar: 25 anos em exposição. **Zero Hora**, Porto Alegre, 1 ago. 1986. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sobre a exposição dos alunos da Escolinha de Arte da UFRGS de 1968, realizada no Instituto de Artes, o jornal gaúcho *Correio do Povo* trouxe a seguinte descrição:

Para apreciarmos a mensagem que nos chega do mundo da criança, que tudo seja posto de lado, a amargura, a melancolia e a inquietação pelo mistério. Estamos numa outra fase de sonho, daquela infância já distante mas que em nós deixou secretos e insuspeitáveis vestígios. Diante desses traços coloridos sentimos um misto de deslumbramento e de respeito à pura beleza de certas formas e côres, e ao mesmo tempo, quase que nos assusta essa espécie de intimidade com um secreto e desconhecido mundo súbita e inconscientemente revelado. São flôres, bosques de sonho, animais fantásticos, sóis que explodem com incontida exuberância exprimindo um mundo, onde às vezes as imagens assumem feições estranhas, porque na arte infantil tudo é pureza, espontaneidade e comunicação¹⁵².

Esse sentimento de deslumbramento também foi vivenciado por Marilice Corona, aluna e posteriormente professora da Escolinha de Arte da UFRGS, ao ter

¹⁵¹ A AVENTURA de criar: 25 anos em exposição. **Zero Hora**, Porto Alegre, 1 ago. 1986. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁵² O MUNDO fantástico da criança em sua arte. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 nov. 1968. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

participado de uma exposição da Escolinha quando era adolescente, na década de 1970. Tal como destaca Marilice:

Eu me lembro a magia que foi uma exposição, a gente participou da montagem ali na Pinacoteca [Pinacoteca Barão de Santo Ângelo] mesmo, cada grupo podia fazer alguma coisa, além do desenho na parede de cada um, a gente podia fazer o que quisesse no espaço. Eu me lembro que o meu grupo fez um dragão imenso de espuma, papel crepom, coloridíssimo, aquele dragão ficava no meio da sala¹⁵³.

As exposições ocorreram em diversos espaços culturais da cidade de Porto Alegre, em sua maioria nos ambientes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entre esses lugares: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Reitoria da UFRGS, Museu da UFRGS, Escola Técnica da UFRGS, Planetário da UFRGS, Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Santander Cultural, Museu de Comunicação Hipólito José da Costa e Galeria Arte & Fato¹⁵⁴.

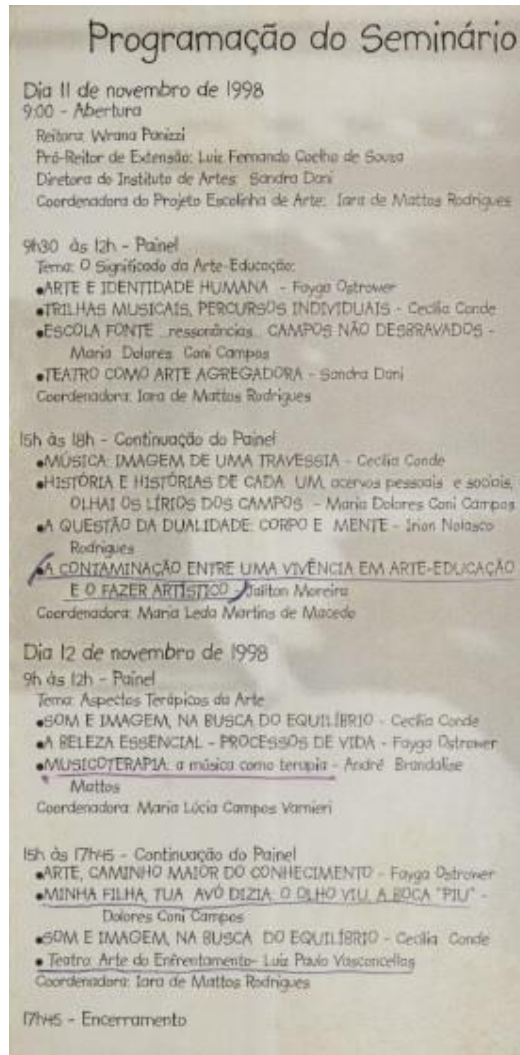
Além de mostrar os trabalhos artísticos feitos pelos alunos, era prática da Escolinha de Arte da UFRGS organizar seminários que aconteciam em paralelo às exposições. Foi realizada pelos professores da Escolinha, por exemplo, a palestra “Arte na Educação de crianças e jovens”, no auditório do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), durante a exposição dos desenhos dos alunos de 1980¹⁵⁵. Já a exposição de 1998, de nome “Expo-documento 1960-1998”, teve uma programação de dois dias intensos de painéis com a participação da artista visual Fayga Ostrower, da compositora e diretora musical Cecília Conde, da atriz Sandra Dani, do ator e dramaturgo Luiz Paulo Vasconcellos, entre outros artistas e professores da Escolinha. A figura 11 mostra a programação do seminário.

¹⁵³ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

¹⁵⁴ Essas referências foram encontradas nos convites das exposições da Escolinha de Arte da UFRGS realizadas de 1966 a 2015.

¹⁵⁵ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 1980]. Porto Alegre, 1980. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 11 – Programação do seminário que ocorreu durante a “Expo-documento 1960-1998” da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1998.



Fonte: ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 1998]. Porto Alegre, 1998. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Essa exposição de 1998 apresentou os trabalhos artísticos de ex-alunos da Escolinha desde 1960. Os desenhos eram acompanhados por depoimentos desses alunos quando adultos. O objetivo era “[...] celebrar a história da Escolinha de Arte e fornecer subsídios para estudo, análise e pesquisa dos processos criadores ali desenvolvidos”¹⁵⁶.

Além da “Expo-documento” de 1998, as exposições de 1982, 1983 e 2004 também apresentaram os trabalhos artísticos acompanhados por depoimentos de

¹⁵⁶ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 1998]. Porto Alegre, 1998. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ex-alunos. Consta no convite da exposição de 1983 que: “de alguma forma, estas exposições representam, para nós, o ontem e o hoje da Escolinha. É uma revisão da nossa caminhada na busca de uma educação onde o expressar-se pela arte é uma necessidade de vida”¹⁵⁷.

Em uma carta dirigida ao então diretor do Instituto de Artes da UFRGS, o professor Luiz Carlos de Mesquita Rothmann, Iara de Mattos Rodrigues explica a finalidade da exposição/depoimento de 1982:

Esta mostra tem conotação bem diversa das que realiza anualmente. Desta vez ela se compõe de desenhos, pinturas e depoimentos de 45 ex-alunos. Os desenhos e pinturas – retirados de nossos arquivos – são trabalhos realizados na época em que eles frequentaram a Escolinha. Os depoimentos referem-se às lembranças e ao significado do seu tempo da Escolinha, além de abordagens sobre o sentido da escolha de suas profissões atuais e de sua visão de vida, hoje, como seres humanos. Dentre os objetivos desta exposição, destacamos dois pontos importantes: o de promover um reencontro de nossos ex-alunos e de rever o que foi feito em torno de uma proposta que teve início em 1960: desenvolver atividades criadoras com crianças e jovens, dentro de uma filosofia mundial de educação através da arte [...]¹⁵⁸.

No texto de apresentação da exposição/depoimento de 2004, Iara de Mattos Rodrigues enuncia alguns fundamentos da Escolinha de Arte da UFRGS que eram refletidos nos depoimentos dos ex-alunos.

[...] Idéias como: liberdade, acreditar nas possibilidades do outro, confiar indefinidamente no processo criativo, imaginar até as últimas consequências, coragem de ousar e de romper parâmetros, apostar na alegria, estimular a descoberta, desconfiar de métodos muito rígidos, desafiar preconceitos arraigados no mundo que nos cerca, ver a vida como um presente eterno num espaço/tempo de descobertas sem fim... fazem parte da filosofia das Escolinhas de Arte. Quem são hoje aqueles que se apropriaram de um poder que vem do fazer criador? Acreditamos que estejam entre os guardiões da humanidade e não entre opressores ou agressores, porque amam a paz, a beleza e a harmonia, já que trabalharam estes valores dentro de si¹⁵⁹.

¹⁵⁷ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 1983]. Porto Alegre, 1983. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁵⁸ RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Luiz Carlos Mesquita Rothmann. Porto Alegre, 10 nov. 1982. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁵⁹ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 2004]. Porto Alegre, 2004. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em seguida, alguns depoimentos de ex-alunos da Escolinha de Arte da UFRGS que foram apresentados na exposição/depoimento de 2004. Adriana Carneiro Leão diz que:

A Escolinha para mim foi maravilhosa. Um lugar onde realizar os sonhos era possível. Não havia regras formais, a antítese da escola formal. A individualidade era preservada e eu me sentia muito feliz lá. [...] O lugar inspirava; era só subir aquelas escadas com as paredes pintadas e entrar naquela porta amarela que a criatividade aflorava. Acho que a Escolinha me deu bases criativas para a vida. Poder ter opções e saídas estratégicas para situações difíceis ou mesmo rapidez de raciocínio para uma decisão importante é um aprendizado longo onde o processo de criar é, sem dúvida, fundamental. [...] o tempo voava. Era só alegria. [...] O meu sonho é um mundo melhor para as crianças. Um futuro promissor para os nossos filhos¹⁶⁰.

A figura 12 mostra a foto de Adriana Carneiro Leão, ex-aluna da Escolinha.

Figura 12 – Fotografia de Adriana Carneiro Leão à época em que era aluna da Escolinha de Arte da UFRGS.



Fonte: [FOTOGRAFIA de Adriana Carneiro Leão]. 1 Fotografia. Fotografia para a exposição anual da Escolinha de Arte da UFRGS de 2004, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Já Fernando Artur Sassen lembra que a Escolinha:

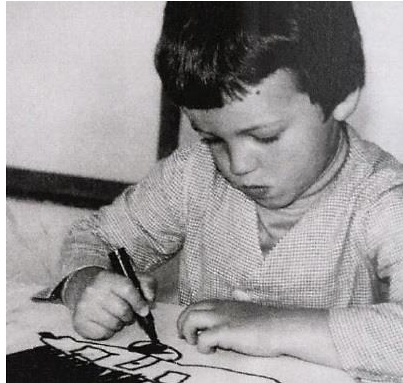
Foi o local na minha infância em que eu tive liberdade de me expressar sem nenhum constrangimento; abrindo para mim novos horizontes para a vida. Concepção de mundo: culturas e ideais diferentes tentando conviver cada vez mais juntos [...] ¹⁶¹.

¹⁶⁰ LEÃO, Adriana Carneiro. [Depoimento]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶¹ SASSEN, Fernando Artur. [Depoimento]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A figura 13 mostra Fernando Artur Sassen quando aluno da Escolinha.

Figura 13 – Fotografia de Fernando Artur Sassen à época em que era aluno da Escolinha de Arte da UFRGS.



Fonte: [FOTOGRAFIA de Fernando Artur Sassen]. 1 Fotografia. Fotografia para a exposição anual da Escolinha de Arte da UFRGS de 2004, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nas palavras de Andréa Alves Moraes,

[...] a liberdade de poder pegar o material que queria, a quantidade que queria e levar para qualquer lugar da Escolinha para trabalhar... Assimilei que apesar de toda a liberdade que é dada, devemos ter limites dentro do nosso “espaço”, é isso que mantenho comigo. Sonho? Paz sem competitividade¹⁶².

A figura 14 mostra Andréa Alves Moraes, ex-aluna da Escolinha.

¹⁶² MORAES, Andréa Alves. [Depoimento]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 14 – Fotografia de Andréa Alves de Moraes à época em que era aluna da Escolinha de Arte da UFRGS.



Fonte: [FOTOGRAFIA de Andréa Alves de Moraes]. 1 Fotografia. Fotografia para a exposição anual da Escolinha de Arte da UFRGS de 2004, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Maribel de Oliveira menciona que:

A Escolinha foi uma parte feliz da minha infância. Lembro de significativo: a integração professor-aluno. Aprendi que sou capaz e tenho limites. Que todos temos capacidade de criar, cada um dentro da sua vivência [...] ¹⁶³.

A figura 15 mostra Maribel de Oliveira quando aluna da Escolinha:

Figura 15 – Fotografia de Maribel Claudete Pereira de Oliveira à época em que era aluna da Escolinha de Arte da UFRGS.

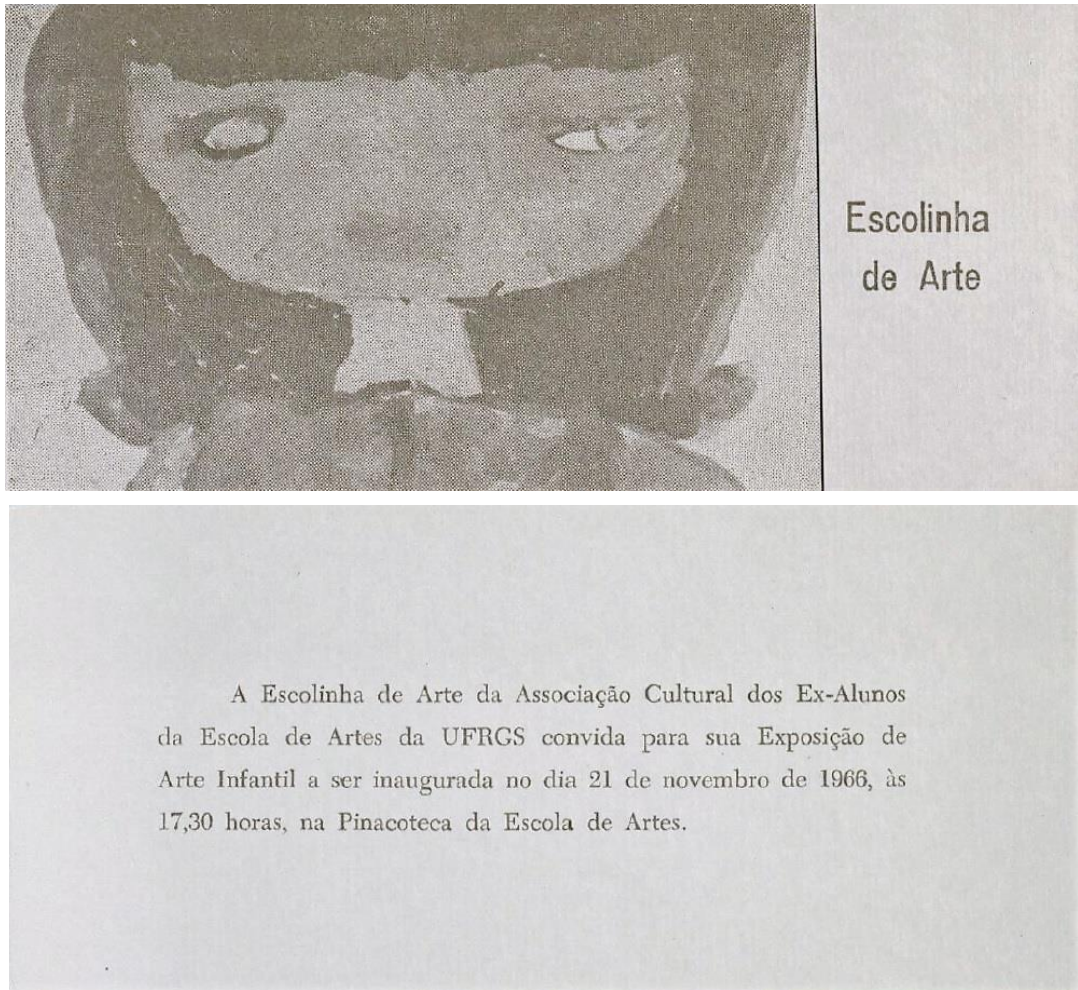


Fonte: [FOTOGRAFIA de Maribel Claudete Pereira de Oliveira]. 1 Fotografia. Fotografia para a exposição anual da Escolinha de Arte da UFRGS de 2004, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Concluo este item sobre as exposições da Escolinha de Arte da UFRGS com a apresentação de alguns convites das exposições das décadas de 1960, 1970, 1980, 2000 e 2010. A figura 16 exhibe o convite da exposição de 1966.

¹⁶³ OLIVEIRA, Maribel Claudete Pereira de. [Depoimento]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

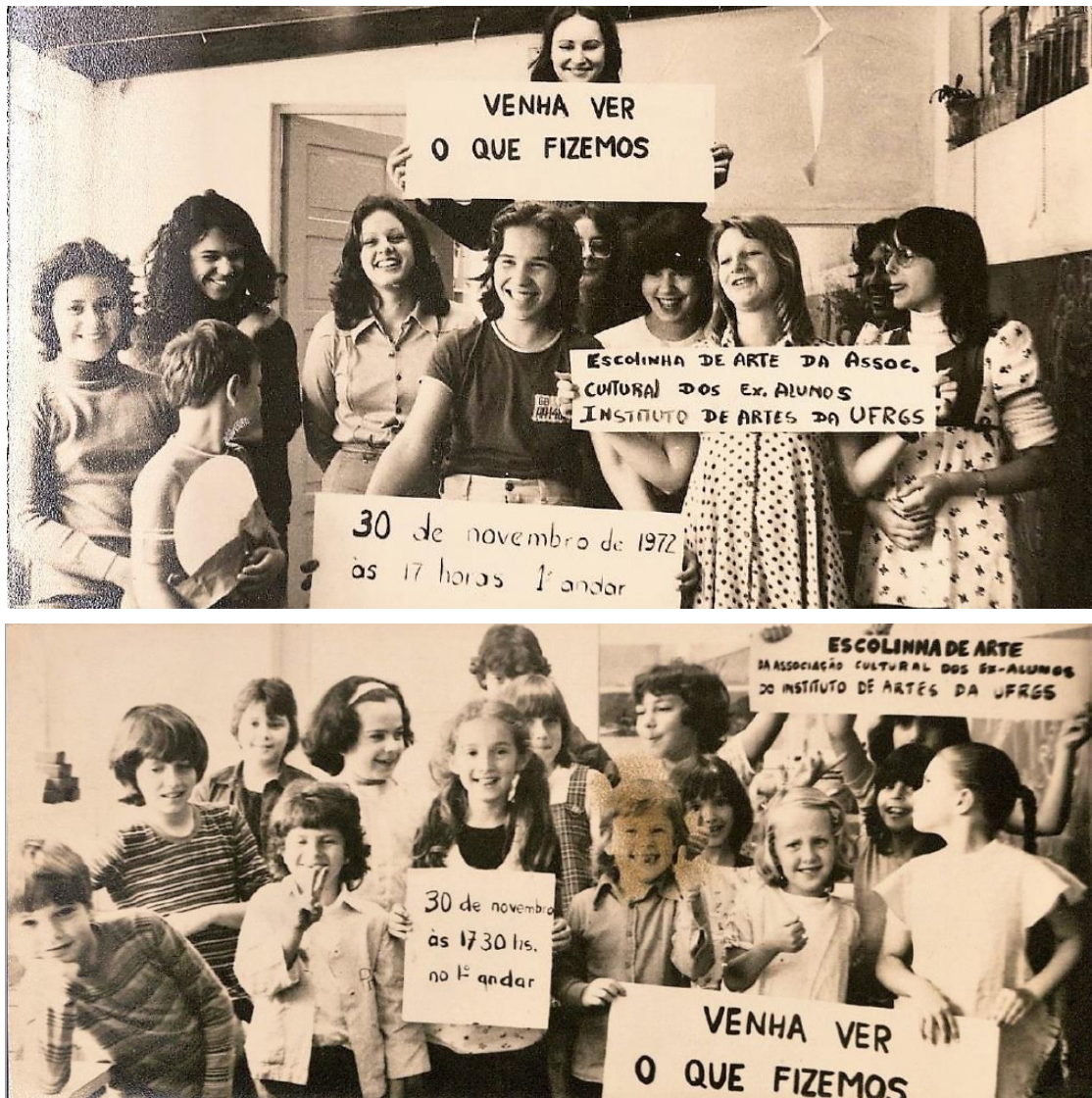
Figura 16 – Convite (frente e verso) da exposição de 1966.



Fonte: ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 21 de novembro de 1966]. Porto Alegre, 1966. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

O convite da exposição de 1972 pode ser visto da figura 17.

Figura 17 – Convite (frente e verso) da exposição de 1972.



Fonte: ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 1972]. Porto Alegre, 1972. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A figura 18 exibe o convite da exposição de 1987.

Figura 18 – Convite da exposição de 1987.



Fonte: ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 1987]. Porto Alegre, 1987. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O convite para a exposição Arte-Natureza, realizada em 1997, é apresentado a seguir.

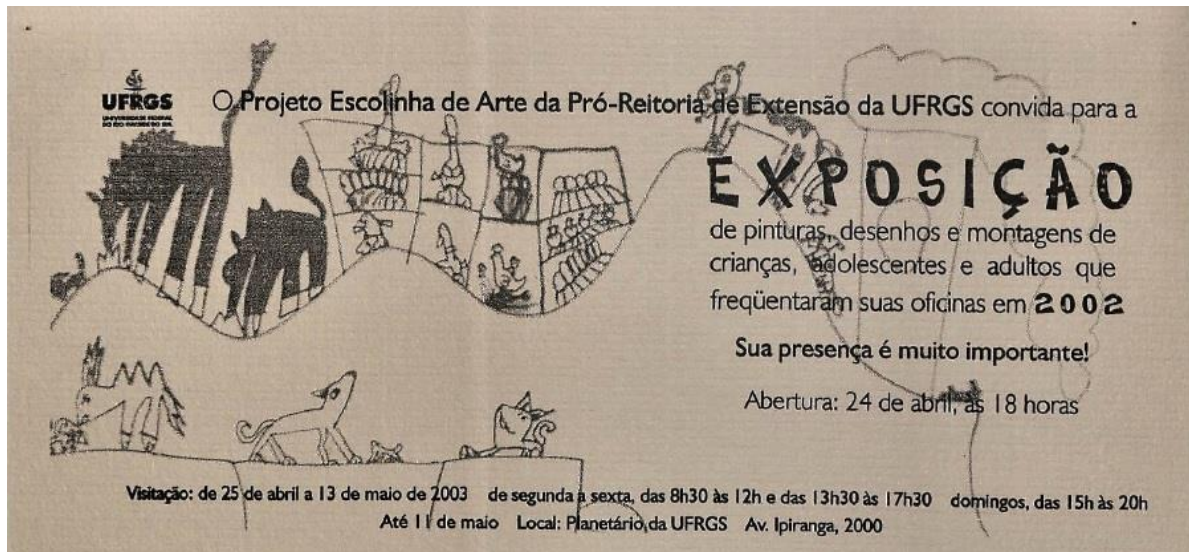
Figura 19 – Convite da exposição de 1997.



Fonte: ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 1997]. Porto Alegre, 1997. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para a exposição de 2002, foi feito o convite apresentado na figura 20.

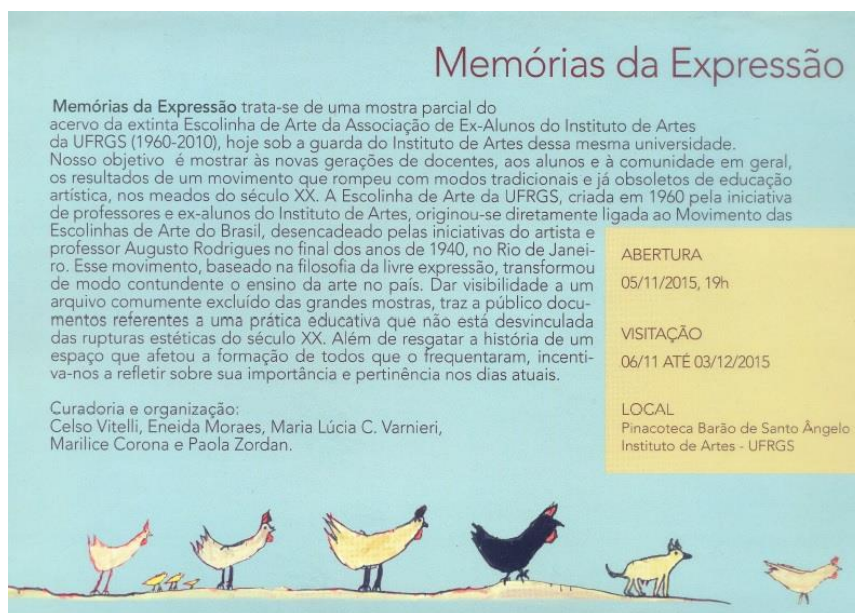
Figura 20 – Convite da exposição de 2002.



Fonte: ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Convite para inauguração da exposição de 2002]. Porto Alegre, 2002. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 2015, quatro anos após o fechamento da Escolinha de Arte da UFRGS, foi feita a exposição “Memórias da Expressão”. A figura 21 exhibe o convite da mostra.

Figura 21 – Convite (frente e verso) da exposição “Memórias da Expressão”, de 2015.



Fonte: PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO. **Memórias da Expressão**: mostra do acervo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Porto Alegre, 2015. 1 cartaz. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No próximo subcapítulo, escrevo sobre o terceiro pilar da Escolinha de Arte da UFRGS: o Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE).

3.3 CURSO INTENSIVO DE ARTE-EDUCAÇÃO (CIAE)

Figura 22 – Professores e alunos adultos da Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.



Fonte: [FOTOGRAFIA de alunos e professores na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-]. 1 fotografia.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O primeiro Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE) da Escolinha de Arte da UFRGS ocorreu em 1966¹⁶⁴. Um ano antes, em 1965, a Escolinha dirigiu uma proposta à reitoria da UFRGS para ser integrada ao Instituto de Artes como laboratório de arte/educação para o curso de Professorado de Desenho da universidade¹⁶⁵. Este convênio só viria a ser concretizado em 1972. Iara de Mattos Rodrigues salienta que:

A partir de 1965, e oficialmente em 1972, mediante Convênio assinado pela Presidente da Associação e pelo Reitor da UFRGS, passamos a ministrar Cursos Intensivos de Arte-Educação, com a duração de um semestre letivo, para alunos interessados, das três áreas do Instituto: Música, Artes Cênicas e Artes Plásticas ou Visuais¹⁶⁶.

¹⁶⁴ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶⁵ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Carta aberta**. Destinatário: Professores e alunos do Instituto de Artes. Porto Alegre, 1995. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶⁶ RODRIGUES, Iara de Mattos. **[Correspondência]**. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. *Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também!* 2003. 426 f. Dissertação

O convênio foi assinado em novembro de 1971 e colocado em prática a partir de 1972. Assim, estabelecia que era responsabilidade da Escolinha oferecer os cursos intensivos de arte-educação. Por sua vez, a UFRGS cedia o espaço físico para a Escolinha e uma pequena verba para o auxílio de compra de materiais artísticos¹⁶⁷.

O reitor da UFRGS à época, Eduardo Faracco, e a presidente da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS, Eunice Ramos Coelho, assinaram o convênio entre as instituições. No 2º item do convênio, são explicitadas as funções que cabiam à Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS, que representava a Escolinha:

- a) Receber por um período semestral os estagiários da UFRGS oriundos do Curso de Professorado de Desenho do Instituto de Artes;
- b) supervisionar o estágio e fornecer certificados de frequência, bem como outros elementos de vida Escolar, quando solicitados pela UFRGS;
- c) ministrar aulas sobre Arte na Educação. Pesquisar materiais e técnicas pertinentes. Realizar observações de classe. Organizar debates, seminários, painéis, etc, que proporcionem o desenvolvimento de idéias e subsídios para o ensino;
- d) fornecer pessoal, material didático e bibliografia necessárias ao desenvolvimento do estágio;
- e) apresentar a UFRGS plano de curso correspondente ao estágio;
- f) apresentar a UFRGS comprovantes de despesa ao fim de cada estágio¹⁶⁸.

Já à UFRGS competia:

- a) destinar à Associação instalações que permitam o livre desempenho de suas funções, como salas de aula, durante o estágio;
- b) ampliar a atual sala de aula da Escolinha, através do aproveitamento do terraço ora existente;
- c) auxiliar a Associação, durante a vigência deste convênio, destinando-lhe a dotação de Cr\$ 10.000,00 (Dez mil cruzeiros novos);
- d) atualizar anualmente a dotação destinada ao cumprimento deste convênio;
- e) supervisionar o cumprimento do estágio;
- f) aprovar a prestação de contas da Associação ao fim de cada estágio¹⁶⁹.

(Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

¹⁶⁷ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. [Estabelecimento de convênio da UFRGS e da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS]. Porto Alegre: UFRGS, 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁶⁹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. [Estabelecimento de convênio da UFRGS e da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS]. Porto Alegre:

Como de 1960 até 1995¹⁷⁰ a Escolinha funcionou dentro do Instituto de Artes, o convívio com os alunos das graduações era intenso. Para Iara de Mattos Rodrigues: “na verdade, e desde o início, os alunos de arte passaram a não sair mais da Escolinha – vinham observar as aulas, solicitavam bibliografia, queriam dar aulas daquele jeito nas escolas”¹⁷¹.

Em uma carta aberta enviada aos professores e alunos do Instituto de Artes na época da saída da Escolinha daquele espaço, em 1995, Iara de Mattos Rodrigues explica que os cursos intensivos de arte-educação foram criados a partir do interesse dos alunos do IA.

A Escolinha, desde o começo, manteve sempre um intenso convívio com os alunos do Instituto. Eles começaram a chegar para saber o que se fazia, observavam as aulas, solicitavam informações sobre a linha filosófica do trabalho ali desenvolvido. Surgiram, desse modo, os primeiros cursos para atender a seus anseios e necessidades profissionais¹⁷².

Até 1995, mais de trezentos alunos dos cursos de bacharelado e licenciatura do Instituto de Artes fizeram os cursos intensivos de arte-educação oferecidos pela Escolinha de Arte da UFRGS¹⁷³. A partir de 1999, o CIAE foi realizado em parceria com o Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE)¹⁷⁴ – em sua origem, na década de 1960, era denominado de Escolinha de Arte Infantojuvenil de Porto Alegre – e continuou até o fechamento da Escolinha de Arte da UFRGS, em janeiro de 2011.

UFRGS, 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁷⁰ Em março de 1995, o espaço onde funcionava a Escolinha no Instituto de Artes foi cedido para a instalação da Pós-Graduação em Artes Visuais. Por esse motivo, a Escolinha foi transferida para a sala de artes da Escola Técnica da UFRGS, onde permaneceu até março de 2009. Após essa data, o Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE) continuou a ser realizado em parceria com o Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE) até janeiro de 2011, data oficial do fechamento da Escolinha de Arte da UFRGS.

¹⁷¹ RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

¹⁷² RODRIGUES, Iara de Mattos. **Carta aberta**. Destinatário: Professores e alunos do Instituto de Artes. Porto Alegre, 1995. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁷³ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁷⁴ VARNIERI, Maria Lúcia. Maria Lúcia Varnieri: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

O CIAE da Escolinha de Arte da UFRGS era mais conhecido entre os alunos como estágio na Escolinha de Arte. Uma reportagem do Jornal da Universidade, da UFRGS, de 1981, explica o seguinte sobre o estágio:

A escolinha também pretende ser um laboratório de diversos cursos da universidade, entre eles o curso de Licenciatura em Educação Artística. Desde 1970 ela vem oferecendo estágios aos universitários das áreas de artes plásticas, teatro e música. Os estágios são de um semestre por ano e têm por objetivo especializar os futuros professores de Educação Artística. A intenção da direção da escolinha é abrir espaço para universitários de outras áreas, principalmente da educação. Segundo a professora Iara [de Mattos Rodrigues], o que se pretende é mostrar a importância do trabalho realizado pela escolinha de arte na formação educacional da criança, para que futuramente seja levado para todas as escolas¹⁷⁵.

No estágio da Escolinha, o aluno era estimulado a:

Amar e compreender a criança, colocar-se ao seu lado e a seu serviço, ajudá-la na procura de solução de seus problemas, promover os meios para satisfazer as suas aspirações e desenvolvimento de seus dons inatos, adaptar-se ao seu ritmo, estimular a autoconfiança e o sentimento de segurança, ver a criança como uma unidade. [...] Intervir respeitando as possibilidades, o temperamento e a personalidade de cada criança. Proteger a criança individualmente (em seu recolhimento) e em relação aos outros [...] Dar elementos para que a criança confie em si mesma [...]¹⁷⁶.

O estágio era dividido em aulas teóricas e práticas. No programa de aulas do CIAE de 1985 da Escolinha de Arte da UFRGS, as aulas teóricas ofereciam: histórico do Movimento de Arte/Educação; fundamentos de arte/educação e principais correntes do pensamento criador; evolução das etapas gráfico-plástica e sonora da criança, do adolescente e do adulto; estudo comparativo das etapas, aspectos filosóficos e psicológicos; arte da criança e arte do adulto (origem, significado, características); pesquisa – análise e discussão de arte na escola; o papel do professor na orientação de atividades artísticas (atmosfera criadora, relação professor/aluno, personalidade do professor); literatura infantojuvenil; projeção de filmes sobre arte/educação; análise e discussão do exercício criador nos diferentes segmentos da sociedade; a influência dos meios de comunicação de

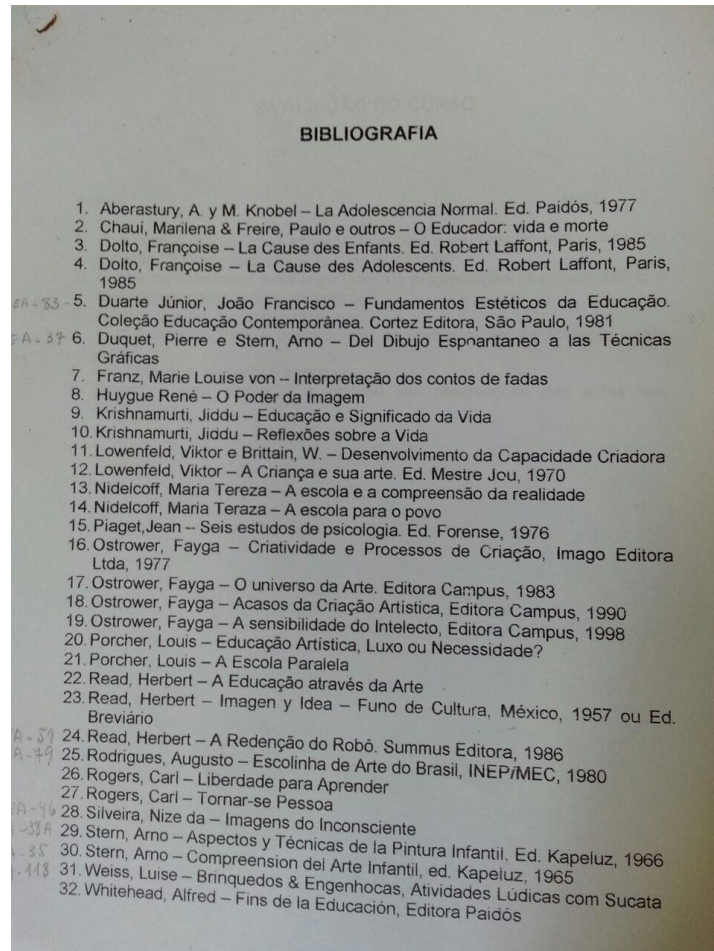
¹⁷⁵ LIBERDADE de criação na formação da criança. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, p. 9, maio 1981. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁷⁶ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Estágio supervisionado**. Porto Alegre: [s. n.], 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

massa na expressão da criança e do adolescente; Estudo da TV e a criança – influências e estereótipos¹⁷⁷.

Entre os autores lidos no CIAE da Escolinha de Arte da UFRGS estavam Viktor Lowenfeld, Herbert Read, Arno Stern, Fayga Ostrower, Paulo Freire, Nise da Silveira, entre outros. A figura 23 mostra a bibliografia de referência do CIAE.

Figura 23 – Bibliografia do CIAE da Escolinha de Arte da UFRGS, sem data.



Fonte: ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Bibliografia**. Porto Alegre: [s. n.], [199-]. Bibliografia do Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE), da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre). Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁷⁷ RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Luiz Carlos Bortolini. Porto Alegre, 18 mar. 1985. 1 carta. Carta de Iara de Mattos Rodrigues ao pró-reitor de administração da UFRGS, o professor Luiz Carlos Bortolini. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Já as aulas práticas compreendiam atividades com: argila – pesquisa tátil e concepção das formas; pintura à têmpera – hidrocor e anilina; trabalhos espontâneos com madeira – serrar, cortar, compor formas diversas; pesquisa formal com madeira; xilogravura; montagem de ambientes – papéis diversos, tecidos, cordões, papelão corrugado, etc.; pesquisa experimental com som; confecção de instrumentos musicais com materiais não convencionais; apreciação musical; recorte e colagem; fotograma; *finger-painting*; jogos dramáticos¹⁷⁸. As atividades de criação nas linguagens artísticas possibilitavam explorar as especificidades de cada linguagem e dos diferentes materiais. Na figura 24, veem-se alunos do CIAE e professores na Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.

Figura 24 – Alunos e professores na Escolinha de Arte da UFRGS, na década de 1970.



Fonte: [FOTOGRAFIA de adultos na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No CIAE da Escolinha de Arte da UFRGS, teoria e prática eram integradas. Nesta simbiose, os alunos vivenciavam a atmosfera criadora da Escolinha. Para finalizar este item sobre o CIAE, um poema escrito por Teresa Lucena, artista visual formada pelo Instituto de Artes da UFRGS e aluna do CIAE.

¹⁷⁸ RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Luiz Carlos Bortolini. Porto Alegre, 18 mar. 1985. 1 carta. Carta de Iara de Mattos Rodrigues ao pró-reitor de administração da UFRGS, o professor Luiz Carlos Bortolini. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Espaço Sagrado
em meu
coração

Aonde eu for
estará presente
me lembrando
quem
sou

liberdade
simples
completa
plena

sem
certo
errado
sem
feio
bonito
sem julgamento

vale
a alma
vale
o ser

Minha
Nossa
Escolinha

Me fará
incômoda
em ambientes
prisoneiros

Me fará sonhar
eternamente
todas
possibilidades
de cada
ser

Me fará inquieta
no meio do
cimento

Me fará
para sempre
ser
um ser
humano ¹⁷⁹

¹⁷⁹ LUCENA, Teresa. **[Poema]**. Porto Alegre: [s. n.], [198-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3.4 ACERVO

O acervo de desenhos e pinturas produzidos pelos alunos da Escolinha de Arte da UFRGS é formado por cerca de 15 mil trabalhos artísticos¹⁸⁰. Como informado em uma reportagem do *Jornal da Universidade*, de 2006, trata-se de um dos maiores acervos de arte infantojuvenil do Brasil¹⁸¹. Nesse sentido, Iara de Mattos Rodrigues destacou que:

O acervo da Escolinha [...] se constitui num registro de pinturas e desenhos que nos falam do imaginário dessas crianças e adolescentes, com suas etapas formais, dentro de uma linguagem universal e cronológica de expressão. Retratam, também, acontecimentos históricos do Brasil e do mundo, na visão espontânea de seus autores. Esse acervo é, possivelmente, o maior do gênero, no Brasil e, certamente, o único dentro de uma Universidade¹⁸².

Maria Lúcia Varnieri evidencia que, desde a criação da Escolinha de Arte da UFRGS, havia a intenção de preservar os trabalhos artísticos que eram realizados pelos alunos¹⁸³. No acervo, há desenhos a partir da década de 1960 até o fechamento da Escolinha, em 2011. Marilice Corona recorda que era uma prática dos professores documentar e registrar as atividades. De suas memórias quando aluna, Marilice lembra que os alunos escolhiam um desenho feito no ano para deixar para o acervo da Escolinha¹⁸⁴.

Maria Lúcia Varnieri é responsável pelo acervo da Escolinha que está no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS. A história de Maria Lúcia se cruza com a Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970, quando era aluna de Artes Visuais do Instituto de Artes. Ela fez o Curso Intensivo de Arte-Educação e, a partir

¹⁸⁰ CORONA, Marilice. Escolinha de Artes. *Jornal da Universidade*, Porto Alegre, nov. 2015. Ensaio, p. 16. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁸¹ TORRES, Sonia. Escolinha de artes: 46 anos de amor. *Jornal da Universidade*, Porto Alegre, nov. 2006. Campus, p. 7. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁸² RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. *Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também!* 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

¹⁸³ VARNIERI, Maria Lúcia. Maria Lúcia Varnieri: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

¹⁸⁴ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

de 1973, tornou-se professora da Escolinha. Dessa data até o fechamento em 2011, ela continuou como professora, sendo uma das lideranças e nomes de referência da Escolinha. Foi também diretora do Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), antiga Escolinha de Arte Infantojuvenil de Porto Alegre, em funcionamento até hoje na Casa de Cultura Mário Quintana. A figura 25 mostra Maria Lúcia com alunos na Escolinha de Arte da UFRGS.

Figura 25 – Maria Lúcia Varnieri com crianças da Escolinha de Arte da UFRGS.



Fonte: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS.

Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sobre o período em que foi professora da Escolinha de Arte da UFRGS, Maria Lúcia recorda que:

A grande importância do trabalho é a relação que tu faz com a criança, com o grupo e com cada um individualmente. Porque aí tu conheces cada um, tu sabes o que tu podes exigir de cada um, no sentido de – “tu podes dar mais!”. O que tu tens que esperar do outro eu sempre comparei com uma orquestra, têm vários naipes de sons e tem que resultar num som único e harmonioso. A criança tem uma tendência enorme a ser harmônica no conjunto e tudo que ela quer é se encaixar. Claro que têm os temperamentos, os mais borbulhantes, os menos, mas as crianças têm uma reação muito mais natural a esse tipo de programa de grupo, de como se colocar, de como ouvir, elas reagem de uma forma muito natural, eram muito agradáveis aquelas duas horas com crianças de todos os grupos etários que eu passei. Elas tinham confiança no que o ambiente provocava. [...] Então o que a gente buscava elas respondiam – “sejam como vocês são! A gente só quer que vocês ajam naturalmente”. Porque o que nós buscávamos era o desenvolvimento da linguagem. A gráfica que nos ficava em registro, e como é muito difícil para criança pequena separar o que é

gráfico, o que é sonoro, o que é dramático, a gente que fazia a leitura. Mas são crianças que estavam ali se expressando¹⁸⁵.

O acervo da Escolinha de Arte da UFRGS foi conservado em diferentes lugares ao longo do tempo. Até 1995, quando a Escolinha estava no Instituto de Artes, ficou na universidade. Depois, transferiu-se para a Escola Técnica, onde a Escolinha permaneceu até março de 2009.

Após a saída da Escola Técnica, a Escolinha precisou buscar um novo lugar para guardar o acervo de desenhos e também os documentos que produziu no decorrer das décadas. Sendo assim, parte do material foi para uma casa alugada pela UFRGS na qual era realizado o Projeto Prelúdio, que oferecia aulas de música para crianças e adolescentes. Outra parte permaneceu na Escola Técnica e outra foi para um depósito alugado pelos professores da Escolinha.

Os materiais de desenho e pintura, como lápis e pincéis, foram doados para uma creche localizada no bairro Rubem Berta. Foram doadas também máquinas fotográficas, ampliadores e uma máquina de costura. Já os livros foram distribuídos entre os professores da Escolinha.

A partir de 2010, todo o acervo de desenhos e os documentos da Escolinha foram para o Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS (AHIA/UFRGS), onde permanecem até hoje. Para concretizar essa ação, a Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS fez um termo de doação para o AHIA/UFRGS.¹⁸⁶

A seguir, as figuras 26, 27, 28, 29 e 30 mostram desenhos e pinturas feitas ao longo das décadas pelos alunos da Escolinha de Arte da UFRGS. Esses trabalhos artísticos estão organizados e separados por décadas no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

¹⁸⁵ VARNIERI, Maria Lúcia. Maria Lúcia Varnieri: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

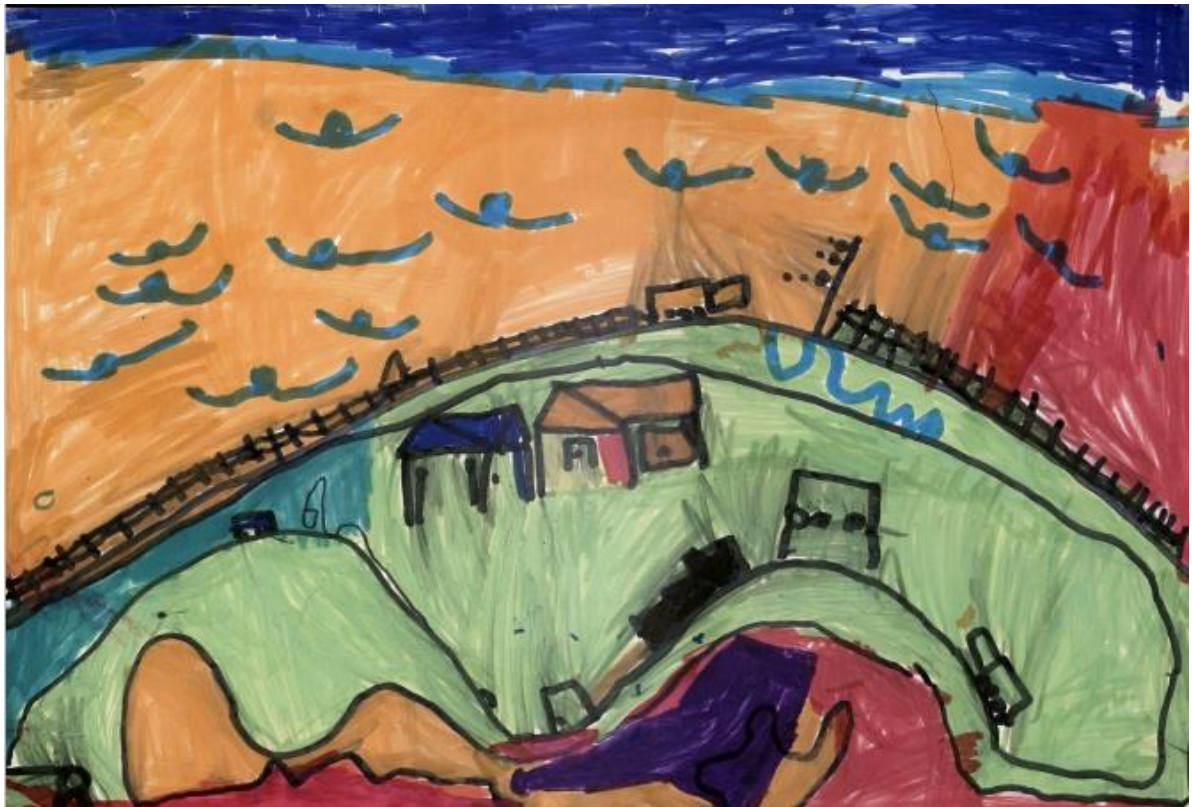
¹⁸⁶ VARNIERI, Maria Lúcia. Maria Lúcia Varnieri: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

Figura 26 – Pintura de Rogério, sem indicação de idade, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1969.



Fonte: ROGÉRIO. [Pintura]. 1969. 1 pintura. Pintura feita por Rogério na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 19 mar. 1969. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 27 – Desenho de Adriano, 5 anos, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1972.



Fonte: ADRIANO. [Desenho]. 1972. 1 desenho. Desenho feito por Adriano, 5 anos, na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 9 nov. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 28 – Desenho de Luciana, 4 anos, aluna da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1984.



Fonte: LUCIANA. [Desenho]. 1984. 1 desenho. Desenho feito por Luciana, 4 anos, na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 30 out. 1984. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 29 – Desenho de Érico, 11 anos, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1990.



Fonte: ÉRICO. [Desenho]. 1990. 1 desenho. Desenho feito por Érico, 11 anos, na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 11 maio 1990. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 30 – Pintura de João Vitor, 5 anos, aluno da Escolinha de Arte da UFRGS, em 2007.



Fonte: JOÃO VITOR. [Pintura]. 2007. 1 pintura. Pintura feita por João Vitor na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 16 ago. 2007. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4 RELATOS E HISTÓRIAS DAS DIRETORAS E DE PROFESSORES ARTISTAS

Neste quarto capítulo, apresento algumas histórias sobre as diretoras da Escolinha de Arte da UFRGS Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues e, logo após, as experiências dos professores artistas Marilice Corona, Jailton Moreira e Teresa Poester.

4.1 LIDERANÇAS DAS DIRETORAS ALICE SOARES E IARA DE MATTOS RODRIGUES

A Escolinha de Arte da UFRGS teve, praticamente ao longo de toda sua história, lideranças femininas. Tal como consta na revista comemorativa¹⁸⁷ de 50 anos da Escolinha, a artista visual e professora Alice Soares (1917-2005) foi a primeira diretora, tendo ficado nesta função de 1960 a 1965. Em seguida, a professora Iara de Mattos Rodrigues (1933-2005) assumiu o cargo até o seu falecimento, em 2005. Foram 40 anos sob a direção de Iarina, como era conhecida pelos colegas e amigos da Escolinha e do Instituto de Artes da UFRGS.

Após o falecimento de Iara de Mattos Rodrigues, dividiram-se na coordenação da Escolinha de Arte da UFRGS até o fechamento do espaço em 2011, respectivamente: Rodrigo Nuñez, Patrícia Haussen e Leonora Lerrer Rosenfield¹⁸⁸.

Para esta dissertação, optei por levantar documentos que trazem um histórico da direção de Alice Soares, por ter sido a primeira diretora e uma das fundadoras da Escolinha de Arte da UFRGS, e de Iara de Mattos Rodrigues, por ter ficado muitos anos à frente da Escolinha e por ter sua história se entrelaçado de tal forma com a história desse espaço que elas se misturam. Na figura 31, podemos ver professores do Instituto de Artes e as duas diretoras da Escolinha.

¹⁸⁷ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁸⁸ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 31 – Da direita para a esquerda: Iracema Cafruni, Alice Brueggemann, Alice Soares, Berenice Gorini, Zely Moraes, Maria Elisabeth Prates, Dione Greca de Moraes, Luiz Carlos Rothmann e Iara de Mattos Rodrigues.



Fonte: [FOTOGRAFIA de Iracema Cafruni, Alice Brueggemann, Alice Soares, Berenice Gorini, Zely Moraes, Maria Elisabeth Prates, Dione Greca de Moraes, Luiz Carlos Rothmann e Iara de Mattos Rodrigues]. [196-]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4.1.1 Alice Soares

Alice Soares nasceu em 1917, em Uruguaiana, cidade do interior do Rio Grande do Sul. Com base no depoimento de Alice ao jornal *Correio do Povo*, ela gostava de desenhar desde menina: “sempre gostei de desenhar, de dizer, através de desenhos, o que sinto e penso”¹⁸⁹. A figura 32 mostra uma fotografia de Alice Soares na década de 1970.

¹⁸⁹ SOARES, Alice. In: QUANDO a arte dá sentido à vida. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 2. set. 1973. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 32 – Fotografia de Alice Soares da década de 1970.



Fonte: 10º ANIVERSÁRIO da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos da Escola de Artes da UFRGS. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Alice Soares morou em vários estados brasileiros na infância, pois seu pai era médico militar. Ela passou por Santa Catarina, Rio de Janeiro, Pernambuco até se instalar novamente com a família no Rio Grande do Sul¹⁹⁰. Conforme uma fala de Alice ao jornal *Correio do Povo*:

[...] tive uma infância tremendamente feliz, com muita experiência no campo artístico, com apoio de todos em casa. Sempre recortei, desenhei, improvisei peças teatrais, enfim, sempre houve apoio e incentivo por parte da família¹⁹¹.

A mesma reportagem do jornal *Correio do Povo* destacou que Alice gostava tanto de desenhar quando criança que a primeira atitude que ela e seus cinco irmãos tinham ao chegar a um novo lugar era perguntar onde achavam lápis, papel e demais instrumentos de desenho¹⁹².

¹⁹⁰ LISBOA, Luiz Carlos. **Uma retrospectiva importante**, a de Alice Soares. Zero Hora, Porto Alegre, 2 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹¹ SOARES, Alice. In: SONDERMANN, Susana. Alice Soares: "caminhar devagar não influi, é preciso preservar o que se é". **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 out. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹² SONDERMANN, Susana. Alice Soares: "caminhar devagar não influi, é preciso preservar o que se é". **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 out. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Na juventude, Alice Soares cursou a Escola Normal, atuando em seguida no ensino primário¹⁹³. Como o seu interesse era se dedicar às artes plásticas, ela então se formou, em 1943, no bacharelado em pintura e, posteriormente, em 1947, em escultura¹⁹⁴ no então chamado Instituto de Belas Artes, em Porto Alegre, que décadas mais tarde seria nomeado como Instituto de Artes da UFRGS. Na época em que Alice era estudante, o Instituto de Belas Artes contava apenas com professores do sexo masculino¹⁹⁵, apesar de haver um considerável número de alunas mulheres¹⁹⁶.

Dois anos após se formar em escultura, ela participou de sua primeira exposição coletiva, em 1949, na galeria do Correio do Povo¹⁹⁷. Nessa época, ainda era incipiente o sistema de arte em Porto Alegre, que mais tarde viria a crescer com a abertura de galerias e salões de arte¹⁹⁸. A partir dessa data, foram diversas exposições coletivas e individuais de Alice Soares no Brasil e no exterior, além de muitas premiações. Alice se tornou uma prestigiada artista gaúcha. É impossível escrever sobre Alice Soares sem mencionar o seu trabalho artístico, que faz parte da história das artes visuais do Rio Grande do Sul. Ela integrou uma geração pioneira de mulheres que trabalharam profissionalmente com arte no Rio Grande do Sul¹⁹⁹, em uma época que essa atividade era restrita aos homens. A figura 33 mostra Alice Soares trabalhando em seu ateliê.

¹⁹³ SONDERMANN, Susana. Alice Soares: "caminhar devagar não influi, é preciso preservar o que se é". **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 out. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹⁴ SOARES, Alice. [**Curriculum vitae**]. [Porto Alegre]: [s. n.], [1987?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹⁵ BRITES, Blanca et al. **100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS**: três ensaios. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

¹⁹⁶ BRITES, Blanca et al. **100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS**: três ensaios. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

¹⁹⁷ SOARES, Alice. [**Curriculum vitae**]. [Porto Alegre]: [s. n.], [1987?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹⁸ ALICE Soares: o desenho pra mim é uma forma de vida. [S. l.], [197-]. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹⁹ SOARES, Alice. **Biografia**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/artistas/s/soares-alice>. Acesso em: 7 jul. 2018.

Figura 33 – Alice Soares em seu ateliê, em 1976.



Fonte: ALICE Soares: uma arte que foge do intelectualismo. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Cultura, p. 8. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em paralelo ao trabalho artístico, Alice Soares foi professora de desenho no Instituto de Belas Artes a partir de 1945²⁰⁰, sendo uma das primeiras professoras mulheres da instituição, profissão que exerceria durante toda a vida. Alice foi também uma das fundadoras da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS, que daria origem à Escolinha de Arte da UFRGS.

Em entrevista ao professor Joaquim Fonseca, do Instituto de Artes, a artista que também foi professora da Escolinha de Arte da UFRGS, Alice Brueggemann, revela como a Escolinha foi criada: “pouca gente sabe como essa escolinha foi formada. Acontece que Alice Soares vendeu algumas de suas obras e com o dinheiro formou a escolinha”²⁰¹.

A ideia de fundar a Escolinha de Arte da UFRGS partiu de Alice Soares, após uma viagem ao Rio de Janeiro em que conheceu Augusto Rodrigues e a Escolinha de Arte do Brasil (EAB):

Encabeçada pela professora de desenho Alice Soares, a Escolinha foi concebida dentro do ideário do Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil, desencadeado pelas iniciativas do artista e professor Augusto Rodrigues no final dos anos 40, no Rio de Janeiro. Durante viagem com ex-alunos à

²⁰⁰ SOARES, Alice. **[Curriculum vitae]**. [Porto Alegre]: [s. n.], [1987?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁰¹ BRUEGGEMANN; Alice. In: BRITES, Blanca; CARVALHO, Ana Albani. **Alice Brueggemann & Alice Soares**. Porto Alegre: Galeria de Arte Mosaico, 1998, p. 28.

capital carioca, Alice foi apresentada ao artista, conhecendo assim a primeira escolinha do gênero no país²⁰².

Iara de Mattos Rodrigues conta com mais detalhes como se deu o encontro entre Alice Soares e Augusto Rodrigues. Segundo Iara, em julho de 1949, as professoras do Instituto de Artes Alice Soares e Cristina Balbão viajaram ao Rio de Janeiro com uma turma de 30 formandos em Artes Plásticas. Um dos intuitos da viagem era conhecer Candido Portinari e conversar com o pintor em seu ateliê. Durante a estadia no Rio, o grupo do IA se reunia para almoçar no restaurante do Instituto de Pensões e Aposentadorias de Servidores do Estado. Para chegar a esse local, eles passavam perto da Biblioteca Castro Alves, onde então funcionava a Escolinha de Arte do Brasil. Assim, Alice e seus alunos conheceram Augusto Rodrigues, que dava aula na EAB²⁰³. Ali nascia uma amizade e um respeito mútuo entre os artistas.

Alice Soares foi a primeira diretora da Escolinha de Arte da UFRGS. Os professores fundadores foram: a própria Alice Soares, Alice Brueggemann, Lygia Rothmann, Leda Flores, Berenice Gorini, Maria Elisabeth Prates, Dione Greca e Iara de Mattos Rodrigues²⁰⁴.

Além de fundadoras e professoras da Escolinha de Arte da UFRGS, Alice Soares e Alice Brueggemann dividiram um mesmo ateliê por mais de quarenta anos em Porto Alegre. As Alices inauguraram a participação das mulheres no campo das artes visuais no Rio Grande do Sul²⁰⁵. “As jovens Alices não esperaram pelas próximas gerações e atuaram como precursoras no que se refere à postura das mulheres face à arte e aos condicionantes impostos pela sociedade”²⁰⁶.

²⁰² SILVEIRA, Jacira Cabral da. Criar com liberdade. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2015. Câmpus, p. 6. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁰³ RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²⁰⁴ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁰⁵ BRITES, Blanca; CARVALHO, Ana Albani. **Alice Brueggemann & Alice Soares**. Porto Alegre: Galeria de Arte Mosaico, 1998.

²⁰⁶ BRITES, Blanca; CARVALHO, Ana Albani. **Alice Brueggemann & Alice Soares**. Porto Alegre: Galeria de Arte Mosaico, 1998, p. 8.

Figura 34 – Alice Brueggemann e Alice Soares, em 1993.



Fonte: VERAS, Eduardo. As duas Alices. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 out. 1993. Revista ZH, Retrato, p. 3. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em uma reportagem publicada no jornal Zero Hora, assim as Alices são descritas em seu ateliê:

A paixão das duas Alices é o ateliê, que dividem há 46 anos, na rua Marechal Floriano. [...] No cavalete, há sempre uma tela em andamento. Por todos os cantos, telas e desenhos feitos por elas ou por amigos. “Não tem importância se o local é pequeno”, observa Soares. “Daqui já saíram muitas exposições”. É neste ateliê, onde trabalham de segunda a sexta, das 8h às 18h, que as artistas recebem para um chá ou cafezinho amigos [...] ²⁰⁷.

Além da paixão e dedicação às artes visuais, Alice Soares também nutriu um intenso afeto em relação ao ensino: “[...] Do meu lado, o trabalho no magistério foi básico [no sentido de basilar], já que eu o vivi com todo o amor”²⁰⁸. Em outra entrevista, Alice informa que o ensino: “é algo que sempre tomou grande parte da minha vida e me entreguei a ele com amor. Se nunca me afastei de Porto Alegre foi pelo ensino. Foi na Escola [Instituto de Artes da UFRGS] onde fiz o curso e onde comecei a trabalhar”²⁰⁹.

Para Alice Soares, a Escolinha de Arte da UFRGS era um espaço onde a arte/educação era colocada em prática: “[...] a Arte como ponto de partida para a

²⁰⁷ VERAS, Eduardo. As duas Alices. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 out. 1993. Revista ZH, Retrato, p. 3. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁰⁸ SOARES, Alice. In: HOHLFELDT, Antônio. 20 anos da obra de Alice Soares é grande exposição que hoje se inicia. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁰⁹ SOARES, Alice. In: LISBOA, Luiz Carlos. Uma retrospectiva importante, a de Alice Soares. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Educação manteve a Escolinha de Arte atenta e perseverante. Sua luta foi dar à criança a oportunidade de se tornar um adulto mais consciente em suas atitudes, mais preparado para a vida, mais livre, mais feliz [...]”²¹⁰.

Essa mesma percepção, para Alice Soares, estava presente na temática da infância, recorrente em suas obras.

“[...] eu penso na criança sobretudo como a possibilidade do adulto, entende, a possibilidade de nós termos pessoas adultas diferentes daquelas que nós lastimamos hoje. Mas então, eu penso no desenvolvimento desta criança, e criar um trabalho, então, para mim, é como a tentativa de estabelecer uma luta na busca da vitória contra a massificação, contra o anonimato, na tentativa de afirmar o indivíduo como tal [...] Quando desenho crianças, por exemplo, são o seu próprio ser, facilmente traduzido na maneira da criança, que eu busco captar. Para mim, cada figura é singular, é real”²¹¹.

Alice Soares é reconhecida nas Artes Visuais, principalmente, pelo seu trabalho com desenho. Conforme a própria Alice, ela fez a opção pelo desenho devido à flexibilidade da técnica, pela possibilidade de trabalhar em qualquer lugar e a qualquer hora, por gostar dos traços e, por fim, por um problema de saúde, pois teve intoxicação com tintas em seus trabalhos com pintura²¹².

De seus trabalhos artísticos, o desenho de crianças é um dos temas mais presentes. Desde a década de 1960, ela desenhava crianças²¹³. Tal como ressalta o poeta e ex-professor de História da Arte do Instituto de Artes da UFRGS, Armindo Trevisan, o mundo temático de Alice Soares é o da infância²¹⁴. Assim, escreve Trevisan sobre Alice Soares: “o que Alice Soares destaca, seja em suas pinturas, seja em seus desenhos, gravuras, litografias, etc. é o aspecto frágil do homem, revelado, de um modo mais sugestivo, na criança”²¹⁵.

²¹⁰ SOARES, Alice. In: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹¹ SOARES, Alice. In: HOHLFELDT, Antônio. 20 anos da obra de Alice Soares é grande exposição que hoje se inicia. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹² HOHLFELDT, Antônio. 20 anos da obra de Alice Soares é grande exposição que hoje se inicia. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹³ LISBOA, Luiz Carlos. Uma retrospectiva importante, a de Alice Soares. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹⁴ TREVISAN, Armindo. **Alice Soares, uma artista exemplar**. [S. l.: s. n.], [1976]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹⁵ TREVISAN, Armindo. **Alice Soares, uma artista exemplar**. [S. l.: s. n.], [1976]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Uma série de obras de Alice Soares ficou conhecida como “As meninas”. Elas representam meninas com olhos grandes e profundos “[...] que observam com interrogação a um mundo estranho, apesar da artista considerar que essa atenção é cheia de amor”²¹⁶. Nas palavras de Alice:

Desenhar meninas foi algo que se deu naturalmente em mim, esse predomínio de meninas, crianças, adolescentes, moças e mulheres é uma coisa natural minha. Uma das causas pode ser a minha convivência com crianças [...] Nesse contato continuado com crianças descobri muita coisa, absorvi muito²¹⁷.

Na figura 35, que segue, podemos ver slides das obras de Alice Soares com o tema das meninas.

²¹⁶ ALICE Soares em nova individual. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 maio 1977. Caderno de sábado.

²¹⁷ ALICE Soares: o desenho pra mim é uma forma de vida. [S. /], [197-]. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 35 – Slides de obras de Alice Soares.



Fonte: SOARES, Alice. [Slides das obras de Alice Soares, encontrados no arquivo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS]. [198-?]. 7 slides. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para o crítico de arte Carlos Scarinci, “as ‘Meninas’ de Alice são, com efeito, imprescindíveis para a sua compreensão de vida, toda feita de dedicação aos jovens, num magistério de arte que, praticamente, durou a existência inteira”²¹⁸. Para Alice Soares, as suas meninas mostram curiosidade por meio de olhares questionadores e abertos ao mundo, cheios de expectativas²¹⁹. Assim como eram as meninas e os meninos da Escolinha de Arte da UFRGS.

²¹⁸ MUSEU DE ARTES DO RIO GRANDE DO SUL. Artistas do Rio Grande do Sul - Destaque do mês: Alice Soares. Porto Alegre: [s. n.], 1980. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²¹⁹ ALICE Soares: o desenho pra mim é uma forma de vida. [S. /], [197-]. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4.1.2 Iara de Mattos Rodrigues

Contar a história da Escolinha de Arte da UFRGS é também contar a história de Iara de Mattos Rodrigues. Desde a fundação da Escolinha de Arte da UFRGS, em 1960, até o falecimento de Iara, em 2005, essa arte educadora fez parte da Escolinha. Como professora e diretora, Iarina, como era carinhosamente chamada, deixou a sua marca generosa e de personalidade forte nos professores e alunos que passaram pela Escolinha. A figura 36 traz uma fotografia de Iara de Mattos Rodrigues.

Figura 36 – Fotografia de Iara de Mattos Rodrigues.



Fonte: POESTER, Teresa. Uma malcriada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 nov. 2005, Segundo caderno, p. 2.

Com base em uma carta enviada por Iara a Maria Dolores Campos²²⁰ – arte educadora e pesquisadora em arte/educação do Rio de Janeiro – a sua história com a Escolinha de Arte da UFRGS inicia em 1960, quando era bolsista da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS.

Na época, Iara era graduada em artes plásticas, com ênfase em pintura, no Instituto de Artes, tinha feito um curso de didática na Faculdade de Filosofia da UFRGS, e se preparava para ser professora de arte. Durante esse período, ela se questionava:

²²⁰ RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

Como levar arte para a vida dos alunos? Como fazê-los entender e viver essa experiência fascinante da beleza e da grandeza da arte, que tivemos nesses quatro anos de curso? Preocupava-me esse “preciosismo da arte somente para alguns seres eleitos”. Queria trabalhar arte na escola. Queria contagiar a muitos²²¹.

No mês de julho de 1960, ela foi encaminhada pela Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS para realizar o primeiro Curso Intensivo de Arte-Educação, oferecido pela Escolinha de Arte do Brasil. Nas palavras de Iara: “conheci a Escolinha de Arte do Brasil em 1960, em plena era dos Beatles e dos hippies. Respirava-se liberdade, ousadia e criatividade”²²². Além de Iara, participaram também desse curso Maria Elisabeth Prates, Berenice Gorini e Dione Greca, que depois se tornariam professoras da Escolinha de Arte da UFRGS.

Segundo Iara, ela não sabia ao certo o que iria encontrar, pois até então não conhecia a proposta da Escolinha de Arte do Brasil. O intuito da viagem era que essas jovens formadas pelo Instituto de Artes da UFRGS conhecessem a EAB para, então, retornar a Porto Alegre e ajudar Alice Soares a fundar uma Escolinha no Instituto. De acordo com Iara, Alice Soares e Cristina Balbão foram as responsáveis por essa viagem de estudos ao Rio de Janeiro e “[...] estavam impregnadas com a filosofia e os princípios pedagógicos característicos dessa nova proposta de educação”²²³.

Fernando Corona, artista e também professor do Instituto de Artes da UFRGS, à época escreveu em um artigo de jornal²²⁴ que, para que fosse criada a Escolinha de Arte da UFRGS, era preciso que as futuras professoras fizessem o curso com Augusto Rodrigues. Ao chegar à EAB, Iara se surpreendeu:

²²¹ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²²² RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²²³ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²²⁴ CORONA, Fernando. Sonho, esperança, amor. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 set. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aterrissei na EAB como se tivesse chegado de outro planeta. Foi um verdadeiro *insight!* Fiquei atônita, perplexa, sem poder acreditar no que acontecia ali. Foi como um presente dos céus – tudo em sintonia com o mundo dos meus sonhos, e muito mais do que eu poderia imaginar; arte como necessidade fundamental e vital – e para todos! Tudo estava ali, existindo, sendo realizado! Ideias como: acreditar nas possibilidades criativas do outro – confiar no processo – liberdade total – imaginar até as últimas consequências – coragem de ousar, de romper parâmetros – apostar na alegria, estimular a descoberta, confiar no outro, indefinidamente – desconfiar de métodos rígidos, desafiar e vencer preconceitos arraigados em nós e no mundo que nos cerca – ver a vida como um presente eterno, num espaço/tempo de descobertas sem fim...²²⁵

O primeiro Curso Intensivo de Arte-Educação durou quarenta dias e, para lara, estes dias “[...] foram determinantes para desencadear, etapa por etapa, tudo o que eu queria e viria a fazer”²²⁶. No ano seguinte, em 1961, lara retornou à EAB para participar de um seminário que contou com a presença de Fayga Ostrower, Nise da Silveira, Helena Antipoff, entre outras personalidades da arte/educação. Em 1963, lara se aproximou ainda mais da EAB, pois naquele ano ela moraria no Rio de Janeiro e trabalharia com a turma de 8 a 12 anos daquele espaço. Nas palavras de lara: “a partir dessa simbiose assumida e incorporada às nossas muitas idas e vindas à EAB, mergulhamos no trabalho, enfaticamente, obsessivamente, como se fôssemos salvar o mundo – e era o que pensávamos”²²⁷. No ano seguinte, ela retornou a Porto Alegre e se estabeleceu como professora e, logo depois, diretora da Escolinha de Arte da UFRGS, função que exerceria por toda a vida a partir daquele momento.

²²⁵ RODRIGUES, lara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²²⁶ RODRIGUES, lara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²²⁷ RODRIGUES, lara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

Figura 37 – Iara de Mattos Rodrigues, Augusto Rodrigues e Eunice Ramos Coelho (professora da Escolinha de Arte da UFRGS) no I Encontro Estadual de Escolinhas de Arte do Rio Grande do Sul, em 1977.



Fonte: [FOTOGRAFIA de Iara Rodrigues e Augusto Rodrigues]. 1977. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para Iara, a função de diretora não a tornava mais importante do que os outros professores da Escolinha. Não havia hierarquia na Escolinha de Artes da UFRGS:

[...] Somos oito professores, e o que faz um diretor é simplesmente representar a escola em momentos especiais. Cada um tem a sua responsabilidade, seu empenho pessoal. O que vale aqui não é a minha palavra. [...] nós votamos todas as decisões em reunião. Nosso trabalho se baseia na criatividade e no dinamismo, e uma pessoa que se chama professor não pode ser subordinada se trata com arte e crianças, ela tem que ter livre arbítrio²²⁸.

Iara de Mattos Rodrigues foi também professora no Instituto de Artes da UFRGS e era por meio dela que a Escolinha manteve o elo institucional com a universidade por várias décadas²²⁹. Para Iara, havia uma diferença clara entre o ensino de arte do Instituto de Artes e o da Escolinha:

²²⁸ RODRIGUES, Iara de Mattos. In: SONDERMANN, Susana. Escolinha de Artes: Crescimento da personalidade infantil deve partir da experiência criadora. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²²⁹ SILVEIRA, Jacira Cabral da. Criar com liberdade. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2015. Câmpus, p. 6. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No Instituto, a Arte é sentida como caminho para uma profissionalização, especificamente artística, solicitada pelo meio. Na Escolinha, a ideia básica é incentivar, desenvolver, trazer à tona a capacidade criadora de cada criança ou jovem, sem que isto implique numa vinculação direta com áreas essencialmente ligadas à arte²³⁰.

A figura 38 mostra lara com os alunos na Escolinha de Arte da UFRGS.

Figura 38 Fotografia de lara de Mattos Rodrigues com alunos da Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1970.



Fonte: [FOTOGRAFIA de crianças com lara Rodrigues]. [197-]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

De acordo com lara, o objetivo da Escolinha não era formar artistas, os alunos não precisavam mostrar interesse em seguir uma carreira artística ou em áreas afins²³¹. O que importava era propiciar vivências que impulsionariam um novo ser humano, que seria mais “generoso, afetivo, aberto, disponível, forte, inteiro, ousado, inquieto, inconformado, renovador [...]”²³².

Para lara, era essa a utopia da Escolinha de Arte da UFRGS: “apostar nesta utopia e viver este sonho tem sido uma das coisas mais gratificantes que vem

²³⁰ RODRIGUES, lara de Mattos. In: MORGANTI, Vera Regina. Uma atitude mais criativa para este mundo de jovens. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 6 out. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²³¹ NOVE anos de arte para crianças e adolescentes. **Folha da Tarde**, São Paulo, 15 set. 1969. Colégios e Universidades, p. 26. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²³² ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

acontecendo na minha vida”²³³. Ela complementa essa percepção em outro texto: “por seus pressupostos filosóficos, a Escolinha é a guardiã da vida, o laboratório da sensibilidade. O exercício criador é a seiva para o crescimento de um ser humano mais feliz, mais autêntico, menos preconceituoso e mais fraterno”²³⁴.

Para colocar essa utopia em prática, o papel do professor na Escolinha era essencial. “O arte-educador é um facilitador? um promovedor? um provedor? um estimulador? Sim, é tudo isto. Mas, certamente, não é um repetidor de modelos”²³⁵. Em um depoimento de Iara a uma reportagem do jornal Zero Hora, de 1971, ela revela que na Escolinha de Arte da UFRGS:

Não se impõe nada ao professor. Cada um é responsável pelo que faz e pelo que acredita. E se estão aqui é porque acreditam na educação criadora, ajudando a Escola comum a preencher os vácuos e levando a criança a se estruturar com mais vigor²³⁶.

Nessa mesma reportagem, Iara de Mattos Rodrigues descreve o trabalho que era realizado pelos professores na Escolinha:

Os professores da Escolinha de Arte buscam a expressão do que a criança é, para que ela se conheça e a todas as suas potencialidades, e com isso se sintam mais seguras. Quanto mais a criança conhece suas capacidades, mais segura se sente, pois sabe o que há dentro de si²³⁷.

E, em outro depoimento, Iara esboça a missão do professor da Escolinha:

A missão do professor é chegar a cada aluno, harmonizar o seu viver, conhecer e trabalhar os seus valores, de ordem puramente humana e

²³³ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²³⁴ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. *Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também!* 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²³⁵ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. *Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também!* 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²³⁶ ESCOLINHA de Artes promove exposição anual, explicando método de trabalho. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 24, 22 nov. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²³⁷ ESCOLINHA de Artes promove exposição anual, explicando método de trabalho. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 24, 22 nov. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

afetiva, o que implica em relacionamentos, companheirismo e integração social. A arte tem o poder de transformar, de redimensionar, de humanizar, de levar às raízes da nossa própria essência, da nossa fórmula única. O ser humano não é um robô para impregnar-se de fórmulas circunscritas a uma programação limitada²³⁸.

A Escolinha de Arte da UFRGS foi tão marcante na vida de Iara de Mattos Rodrigues que, segundo ela própria: “o que sou devo a esse trabalho. A essência de mim como pessoa cresceu com eles [alunos] e tem sido tão vasta, tão diferente no dia a dia que a gente passa a conscientizar a riqueza e a plenitude que é o ser humano”²³⁹.

Figura 39 – Fotografia de Iara de Mattos Rodrigues, em 1975.



Fonte: LAZER ou a vida nova através da criação. **Folha da Tarde**, São Paulo, p. 40, abr. 1975.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Iara de Mattos Rodrigues foi tão essencial para a história da Escolinha de Arte da UFRGS que termino este texto com alguns depoimentos de alunos, professores e admiradores da Escolinha e de Iarina.

Para Teresa Poester, artista visual, professora aposentada do Instituto de Artes da UFRGS, ex-aluna e professora da Escolinha de Arte da UFRGS, Iara

²³⁸ RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

²³⁹ RODRIGUES, Iara de Mattos. In: BINS, Patrícia. Educação pela arte. **Correio do Povo**, 28 out. 1981. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

estava à frente de seu tempo e era visionária²⁴⁰. Teresa complementa: “eu, como tantos outros, certamente não seria o que sou, professora e artista, se não fosse minha passagem pela Escolinha de Arte da UFRGS e minha convivência com Iara e com a filosofia que norteava seu trabalho”²⁴¹. Teresa Poester evidencia também que Iarina acreditava no poder transformador da arte. Com isso, sua crença e a sua paixão eram irradiadas para todos aqueles que passavam por ela²⁴².

Sobre Iara, Teresa escreveu que ela era “uma malcriada”, e explica:

Pessoas como Iara são, lamentavelmente, cada vez mais raras; não vivemos uma época de paixão, mas de um pragmatismo crescente. É preciso, pois, aproveitá-las. Deixam marcas profundas. São como crianças, não sabem mentir. São incômodas, malcriadas, ternas e teimosas. Resistem²⁴³.

Marilice Corona, de maneira semelhante, foi aluna e professora da Escolinha de Arte da UFRGS, bem como é artista visual e professora do Instituto de Artes da UFRGS. Para ela, Iara de Mattos Rodrigues era a alma da Escolinha, era a chama que carregava a utopia que era vivenciada na Escolinha²⁴⁴. Conforme Marilice, para Iara tudo era possível²⁴⁵, pois era uma pessoa sonhadora. Era como se tivesse os olhos de uma criança: “era uma figura muito forte. [...] eu era criança e já olhava pra Iara assim. Eu achava aquela pessoa uma pessoa diferente. Era a diretora da Escolinha, mas aquela diretora era diferente. Ela tinha uma coisa diferente das pessoas mais velhas”²⁴⁶. Em um ensaio publicado no *Jornal da Universidade*, da UFRGS, em 2015, Marilice Corona escreveu sobre Iara: “de minha parte, posso dizer que a ter conhecido e ter compartilhado dessa experiência, tanto como aluna

²⁴⁰ POESTER, Teresa. Teresa Poester: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁴¹ POESTER, Teresa. Uma malcriada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 nov. 2005, Segundo caderno, p. 2.

²⁴² POESTER, Teresa. Uma malcriada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 nov. 2005, Segundo caderno, p. 2.

²⁴³ POESTER, Teresa. Uma malcriada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 nov. 2005, Segundo caderno, p. 2.

²⁴⁴ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁴⁵ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁴⁶ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

na infância quanto como professora anos mais tarde, foi fundamental para a minha formação. E um verdadeiro privilégio”²⁴⁷.

Em um depoimento em homenagem à Iarina, Marilice escreveu:

A Iara é o exemplo de mais de 40 anos de luta incessante por um ideal de educação. Uma concepção de educação no qual o exercício da arte e da livre expressão tem como objetivo a formação de um ser humano mais sensível, crítico, capaz de interferir no mundo de forma criativa e harmoniosa. Uma educação baseada no afeto, na generosidade, onde os valores éticos, em tão baixa cotação nos dias de hoje, estão na ordem do dia”²⁴⁸.

Para o artista visual e ex-professor da Escolinha de Arte da UFRGS, Jailton Moreira: “seu pensamento, suas atitudes e sua emoção sobre o que é educação marcaram várias gerações de alunos, professores e amigos próximos. De minha parte, posso dizer que devo quase tudo a ela”²⁴⁹.

Sandra Richter, ex-professora da Escolinha de Arte da UFRGS e professora da Unisc, frisou:

Lembrar a Iarina é lembrar de pessoas, do modo como as unia e reunia em torno de uma ideia-paixão: como fogo! Uma vez Galeano contou que existem pessoas-fogo que, chegando perto, fazem a gente pegar fogo! Com a Iarina, e o grupo da Escolinha de Arte, peguei fogo e aprendi que só o que podemos ensinar é o amor que temos em nós por algo que nos apaixona”²⁵⁰.

Para Maria Lúcia Varnieri, arte educadora e ex-professora da Escolinha de Arte da UFRGS: “Iara contagiou-nos com sua paixão pela educação através da arte de crianças e adolescentes incentivando-nos a buscar sempre a realização do sonho de uma sociedade mais equilibrada e promotora da paz”²⁵¹.

Como último depoimento, mas sem completá-los – outros podem ser encontrados no blog da Escolinha de Arte da UFRGS²⁵² e também em testemunhos de outros muitos alunos e professores que passaram pela Escolinha – trago a

²⁴⁷ CORONA, Marilice. Escolinha de Artes. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2015. Ensaio, p. 16. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁴⁸ CORONA, Marilice. In: Homenagem à Iara de Mattos Rodrigues “Iarina”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

²⁴⁹ MOREIRA, Jailton. In: Homenagem à Iara de Mattos Rodrigues “Iarina”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

²⁵⁰ RICHTER, Sandra. In: Homenagem à Iara de Mattos Rodrigues “Iarina”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

²⁵¹ VARNIERI, Maria Lúcia. In: Homenagem à Iara de Mattos Rodrigues “Iarina”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

²⁵² Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

declaração do cartunista Ziraldo, feita à época do falecimento de Lara, em 2005. Ziraldo e Lara foram amigos por muitas décadas, trocando correspondências desde a adolescência de ambos. Para Ziraldo, Lara foi uma das maiores especialistas brasileiras em arte/educação²⁵³. Nas palavras do cartunista, Lara “[...] acreditava no sucesso da ligação da arte com a educação e no êxito do estímulo à criação como auxiliar da arte de educar”²⁵⁴. E complementa que a vida de Lara “[...] há de ser eterna na lembrança de centenas de seus alunos e na sobrevivência de suas crenças”²⁵⁵.

4.2 PROFESSORES ARTISTAS: VIVÊNCIAS ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Uma das características mais representativas da Escolinha de Arte da UFRGS era o fato dela estar localizada, durante a maior parte de sua existência, dentro do Instituto de Artes. De 1960 até 1995, conviveu no mesmo espaço onde se formavam músicos, artistas visuais, artistas dramáticos e professores de arte. Em pleno centro de Porto Alegre, na Rua Senhor dos Passos, número 248, crianças e adolescentes circulavam pelo prédio histórico da universidade para ter aulas na Escolinha, que funcionava no quarto andar do edifício anexo ao Instituto. Para chegar lá, era preciso ir de elevador até o terceiro andar e depois subir um lance de escadas.

Tive a oportunidade de entrevistar três professores da Escolinha que são artistas visuais formados pelo Instituto de Artes da UFRGS: Marilice Corona, Jailton Moreira e Teresa Poester. Além de professoras, Marilice e Teresa foram também alunas da Escolinha quando adolescentes. Conto, a seguir, as memórias desses professores artistas da Escolinha de Arte da UFRGS.

²⁵³ZIRALDO. In: Homenagem à Lara de Mattos Rodrigues “Iarinha”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

²⁵⁴ZIRALDO. In: Homenagem à Lara de Mattos Rodrigues “Iarinha”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

²⁵⁵ZIRALDO. In: Homenagem à Lara de Mattos Rodrigues “Iarinha”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

4.2.1 Arte que vem desde o berço

Marilice Corona recebeu-me em sua casa no fim de uma tarde fria em Porto Alegre. Ao entrar no apartamento localizado no andar térreo, de imediato, são vistas diversas pinturas nas paredes. Na sala de estar é onde fica o seu ateliê. “Aceitas um chá?”, perguntou-me em uma acolhida afetuosa. Enquanto ela preparava o chá e conversávamos, pude observar os quadros. Uma dessas obras me chamou especial atenção, deparei-me novamente com ela citada em um catálogo de uma exposição de Marilice.

De acordo com o catálogo da mostra *En abyme*, realizada entre 6 de outubro e 17 de dezembro de 2010, no Espaço Cultural ESPM, em Porto Alegre, a exposição apresentou obras de Marilice Corona. No texto de autoria da própria Marilice:

A mostra *En abyme* tem como objetivo reunir um corpo de trabalhos que foi produzido no período de 2005 a 2010. Grande parte deles integrou minha pesquisa de doutorado em Poéticas Visuais pelo PPG-AVI do Instituto de Artes da UFRGS, intitulada *Autorreferencialidade em território partilhado*, 2009. Na verdade, são fruto e desdobramento de uma investigação de vinte anos de trabalho na qual são discutidas questões relativas à representação, à convencionalidade de seus sistemas, às implicações dos discursos construídos sobre a pintura e, mais atualmente, às relações e confluências entre pintura e fotografia²⁵⁶.

A figura 40 traz um dos trabalhos de Marilice Corona da exposição *En abyme*.

²⁵⁶ CORONA, Marilice. [Catálogo]. Espaço de jogo – a cópia, 2010. Óleo sobre tela, 190 x 126 cm. Porto Alegre: Espaço Cultural ESPM, 2010.

Figura 40 – Fotografia do catálogo da mostra *En abyme*.



Fonte: CORONA, Marilice. [Catálogo]. Espaço de jogo – a cópia, 2010. Óleo sobre tela, 190 x 126 cm. Porto Alegre: Espaço Cultural ESPM, 2010.

A pintura *Espaço de jogo – a cópia* é a obra que encontrei na parede da sala de Marilice, posicionada próxima ao sofá em que conversamos a maior parte do tempo. Chamou a minha atenção, pois mostra a artista durante o seu processo de criação. Assim, “[...] o processo da pintura também é registrado e torna-se motivo representacional para o trabalho”²⁵⁷.

Já ao entrar em sua casa, pude imaginá-la enquanto artista por meio de suas obras que estavam naquele espaço. Durante o tempo em que Marilice me contava suas memórias de aluna e de professora da Escolinha de Arte da UFRGS, saboreávamos um delicioso chá de limão na companhia lânguida e graciosa de seus seis gatos de estimação.

²⁵⁷ CORONA, Marilice. [Catálogo]. Espaço de jogo – a cópia, 2010. Óleo sobre tela, 190 x 126 cm. Porto Alegre: Espaço Cultural ESPM, 2010.

Além de artista visual, Marilice é também professora de pintura do Instituto de Artes da UFRGS. A sua entrada nessa faculdade se deu mais precisamente aos 11 anos de idade, na década de 1970, quando era aluna da Escolinha de Arte da UFRGS. Ela conta que, para o olhar de uma adolescente, chegar à Escolinha era como entrar em outro mundo.

Aquilo era um encantamento. Era uma maravilha. [...] Chegar na Escolinha já era uma coisa esquisita porque tu entrava naquele elevador lá no canto do Instituto. Estava numa faculdade, tu sabia que era uma faculdade de artes, aí tu entrava num elevador, [...] aquele elevador que tem grades, aí tu subia e saía no outro andar. Era o anexo. Só que o elevador já era misterioso. Tu já entrava e já tinha aquela entrada esquisita. Parecia que tu estava num esconderijo. Que tu estava num mundo à parte. Era muito especial. Parecia um filme de detetive. Tu entrava por uma porta, saía por outra, aí subia mais um lance de escada e chegava lá naquela escola que tudo era pequenininho. Tudo era adaptado. O tanque era baixinho, o banheiro. Tudo era para as crianças²⁵⁸.

Marilice Corona ouviu falar sobre a Escolinha de Arte da UFRGS quando criança. Ela convivia em um ambiente familiar no qual a arte era muito presente. Seu avô, Fernando Corona, foi professor do Instituto de Artes, de 1938 a 1965, e um dos fundadores da Escolinha de Artes da UFRGS. Além de ter sido um dos mais renomados artistas gaúchos, conhecido principalmente por seu trabalho com escultura, foi também arquiteto – é dele o projeto arquitetônico do antigo Banco Nacional do Comércio, hoje Santander Cultural, e a fachada do Instituto de Educação General Flores da Cunha, importantes prédios históricos de Porto Alegre.

Em artigo de jornal de título *Sonho, Esperança, Amor*, de 1972, Fernando Corona descreve que o grupo da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, que fundou a Escolinha, era sonhador. Escreveu Fernando Corona: “recursos? Nenhum. Apenas a garra de amor próprio que cada um carrega na luta pela vida para vencer sem pensar jamais em derrota”²⁵⁹.

Tal qual Marilice, tanto seu avô quanto seu pai, Luís Fernando Corona, eram artistas e admiradores da Escolinha. “A arte sempre fez parte do meu dia a dia, uma vez que meu pai e meu avô foram professores do Instituto de Artes. Não havia outro

²⁵⁸ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁵⁹ CORONA, Fernando. Sonho, esperança, amor. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 set. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

caminho a seguir senão este, pois já estava impregnada. A Escolinha significou o princípio do meu fazer artístico²⁶⁰.

A prática de colecionar os desenhos produzidos pelos alunos, recorrente à Escolinha, era realizada familiarmente por Fernando Corona, pois ele guardava os desenhos dos netos. Marilice explica que entrava na casa do avô e ia direto para o gabinete. Os netos gostavam de ficar naquele espaço de Fernando Corona, pois ali ele deixava os materiais de desenho para as crianças. “Onde é que está o meu papel?”, relembra Marilice como uma das primeiras coisas que perguntava quando lá chegava. O avô guardava desde as primeiras garatujas, separando por nome e idade dos netos.

Enquanto os adultos ficavam na sala conversando, a gente ficava no gabinete desenhando o tempo todo durante a visita. Isso era o normal. [...] E ele ia guardando. A gente gostava. Já entrava lá e fazia porque sabia que ele ia guardar²⁶¹.

Figura 41 – Fotografia de Marilice Corona quando criança.



Fonte: [FOTOGRAFIA de Marilice Corona]. 1 Fotografia. Fotografia para a exposição anual da Escolinha de Arte da UFRGS de 2004, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Assim como Fernando Corona, o pai de Marilice também apreciava o trabalho realizado pela Escolinha. No entanto, ela recorda que demorou para se tornar aluna daquele espaço. Marilice frequentou a Escolinha de 1975 a 1976, dos 11 aos 12

²⁶⁰ CORONA, Marilice. **[Depoimento]**. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁶¹ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

anos de idade. Ela diz que refletiu sobre o porquê de, em suas palavras, ter entrado tão tarde – já que a Escolinha era aberta para crianças desde os 3 anos. De acordo com Marilice, a única explicação possível é porque seu pai havia sido cassado em 1964, durante a ditadura militar. Luís Fernando Corona deu aulas por 14 anos no Instituto de Artes da UFRGS, mas em 1964 foi delatado como comunista por seus pares. A respeito disso, Marilice proferiu: “[...] eu fico pensando que não era uma coisa fácil para ele provavelmente entrar naquela escola depois de tudo isso”²⁶².

Somente após mais de dez anos do golpe civil-militar os pais a inscreveram na Escolinha de Arte da UFRGS. Aproveito o assunto para perguntar como a Escolinha conseguiu sobreviver em um contexto de ditadura militar. Para Marilice, só foi possível devido à ignorância dos apoiadores do regime que não conseguiam ver a dimensão política da Escolinha.

Além do contexto da ditadura militar no qual vivia na época em que frequentou a Escolinha, Marilice recua no tempo para mencionar que o livro de Herbert Read, de fundamental importância teórica para o Movimento Escolinhas de Arte, *A Educação pela arte*, que teve a sua primeira edição lançada em 1943, foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial. A tese de Read é de que a base da educação deve ser a arte²⁶³. Para isso, torna-se necessária uma educação estética, isto é, “[...] uma abordagem integral da realidade [...] a educação dos sentidos nos quais a consciência e, em última instância, a inteligência e o julgamento do indivíduo humano estão baseados.”²⁶⁴.

Marilice explicita que Augusto Rodrigues foi inspirado em Herbert Read para a criação da Escolinha de Arte do Brasil, em 1948. Segundo Marilice, Read escreveu *A Educação pela arte* ao ver a falência da educação no contexto em que vivia.

Quando ele [Herbert Read] fala da educação das virtudes [...] para falar da educação das virtudes intelectuais e virtudes morais. E as virtudes morais não no sentido de moral, de moralismo, mas a educação do sensível. As virtudes morais deveriam ser desenvolvidas antes das virtudes intelectuais. [...] as virtudes morais seriam: para formar um bom cidadão, antes se deveria educar as virtudes morais, que são os sentidos, a sensibilidade, para só posteriormente as virtudes intelectuais, porque faria um bom uso das virtudes intelectuais se fosse um bom cidadão, no sentido de uma pessoa sensível. É nisto que o Herbert Read vai se basear, nesse

²⁶² CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁶³ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

²⁶⁴ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 8.

pensamento, para se dar conta do quanto a arte é importante para a educação do ser humano²⁶⁵.

Outra lembrança de Marilice enquanto aluna da Escolinha, que a encantou para o mundo das artes, era a quantidade farta de material disponível para os alunos. Havia dezenas de folhas de tamanho A3 e A1; cartolinas de todas as cores; papel *couche* para desenhar com caneta hidrocor; muitas canetinhas e pincéis atômicos; argila à vontade; têmperas – que Marilice diz ainda se lembrar do cheiro; e o xodó dela, que era a marcenaria: “coisa boa tu poder serrar, pregar, martelar, sabe? Todos esses materiais à disposição”²⁶⁶, menciona Marilice. Aquela abundância de material disponível na Escolinha contrastava com a realidade mais limitada das aulas de arte da escola comum. “Era muito diferente da aula que a gente tinha na escola, era outra coisa”²⁶⁷, comenta Marilice.

Em 1993, Marilice Corona retornou já adulta para a Escolinha com o intuito de fazer o Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE), conhecido entre os alunos e professores do Instituto de Artes como estágio. Nessa época, ela já era formada no Bacharelado em Artes Visuais, com o foco em pintura e também em desenho. Sendo assim, o estágio preparava os professores para a visão de que a educação está ligada ao afeto: “tu entra numa escola preparado e entendendo que é um ambiente acolhedor, afetivo e compreensível”²⁶⁸, comenta Marilice. Quando jovem, ela não pensava em ser professora, achava que ia se dedicar apenas à carreira de artista, mas o estágio ampliou sua percepção. Conforme reportagem do Jornal da Universidade da UFRGS:

Todos os professores [da Escolinha], em torno de dez, eram ex-alunos e possuíam o curso de Arte-Educação provido pelo Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, fruto de convênio realizado com a Universidade em 1972, cabendo à Escolinha ministrar o curso de Arte-Educação, com a duração de um semestre letivo, para alunos de Música, Artes Cênicas e Artes Visuais. Em contrapartida, a Universidade garantia o espaço físico e uma pequena verba para auxiliar na compra de material²⁶⁹.

²⁶⁵ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁶⁶ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁶⁷ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁶⁸ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁶⁹ SILVEIRA, Jacira Cabral da. Criar com liberdade. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2015. Câmpus, p. 6. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E também a partir das informações contidas no Projeto da Escolinha:

A Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS, desde o começo, manteve sempre um intenso convívio com os alunos do Instituto. Eles chegavam para saber o que se fazia, observavam as aulas, solicitavam informações sobre a linha filosófica do trabalho ali desenvolvido²⁷⁰.

A aprendizagem que Marilice teve no CIAE foi levada para a sua vida profissional, pois, logo em 1994, se tornou professora da Escolinha de Arte da UFRGS, a convite de Iara de Mattos Rodrigues. Marilice trabalhou na Escolinha até o ano 2000, dando aulas principalmente para a turma de 7 a 12 anos.

Conforme seu depoimento, o ambiente de trabalho na Escolinha era muito diferente de outras escolas – ela também foi professora de arte em escola particular. O singular, de acordo com Marilice, era que os professores da Escolinha estavam ali por um ideal comum de educação. Não havia competição entre eles, pois acreditavam, em primeiro lugar, na beleza e na importância do projeto.

Marilice recorda de um momento que a marcou enquanto professora da Escolinha. Durante um dia em que ela dava aulas para a turma de 7 a 12 anos, a sua colega Beatriz Noll, também professora da Escolinha, trabalhava com as crianças menores. Beatriz e seus alunos brincavam com a criação de fantasmas a partir de lençóis brancos. Marilice teve a ideia de fazer um castelo para aqueles fantasmas com a turma de 7 a 12 anos, pois eles se divertiam com a temática de fantasmas, monstros, esqueletos e vampiros. Então, tanto as crianças menores quanto as maiores, se uniram para construir o castelo para todos esses monstros. “Desse castelo participaram tanto os pequeninos quanto os maiores, cada um dentro da sua linguagem”²⁷¹, descreve Marilice. Ela contou essa história para explicar que era uma prática comum da Escolinha deixar que os temas surgissem durante as aulas, em diálogo entre os professores e os alunos.

Marilice relatou que a prática dos professores da Escolinha não era apenas de um livre fazer. Havia uma observação por parte deles para ver a necessidade de cada aluno e acompanhar o seu desenvolvimento. Havia a livre expressão, mas

²⁷⁰ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁷¹ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

havia também o acompanhamento próximo dos professores. Para Marilice, essa observação era atenta e generosa. Um dos ensinamentos fundamentais da Escolinha era justamente a generosidade em sala de aula. Marilice elenca outras atitudes comuns aos professores da Escolinha: diversão, paixão pelo que faziam e vibração com o ensino. Marilice evidencia que:

Tinha uma coisa afetiva muito grande. Isso a gente aprendeu com a lara [de Mattos Rodrigues]. Com a lara e com as outras professoras, mas principalmente com a lara. Não tinha uma metodologia, entende? Não tinha essas coisas de uma pedagogia da arte. Era uma coisa de tu se sentir acolhido, de sentir o afeto, sentir a confiança que os professores tinham na criança, como eles deixavam a criança confiante para produzir em liberdade, havia respeito. Não tinha uma preocupação com a arte do adulto, ensinando história da arte para criança, erudição, não era esse o ponto²⁷².

A partir de um documento comemorativo de 19 anos da Escolinha de Arte da UFRGS:

Na Escolinha, a criança e o adolescente trabalham com o material e o professor trabalha com a criança e com o adolescente. O professor trabalha junto a eles, explorando sua necessidade de expressão, consciente de que a resposta livre e espontânea é o seu retrato interno²⁷³.

Para Marilice, uma vivência de acolhida e de afeto, como a da Escolinha, seria fundamental para os dias atuais. E ela diz:

Sabe que uma coisa como a Escolinha hoje seria fundamental porque nós estamos vivendo numa violência cotidiana, de uma agressão, de uma coisa gratuita. Tu não sabe se vai levar uma aborçada na esquina por qualquer coisa que tu fale ou por um comportamento, as pessoas parecem que estão à flor da pele, a gente olha na rede social o jeito que tá, o que as pessoas dizem. Eu fico pensando nesses jovens e nas crianças que estão se desenvolvendo agora, nesse mundo que nós estamos vivendo que parece que da noite pro dia virou de cabeça pra baixo, com essa sociedade agressiva e violenta que a gente tá vendo se desenvolver, hoje mais do que nunca um espaço como a Escolinha teria importância. De trazer de volta uma sensibilidade e um pensamento crítico, de tentar desenvolver uma certa bondade²⁷⁴.

²⁷² CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁷³ ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [Texto sobre os 19 anos da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS]. Porto Alegre: [s. n.], 1979. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁷⁴ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

Ao final de nossa conversa, pergunto à Marilice se a experiência na Escolinha, tanto de aluna quanto de professora, influenciou seu trabalho artístico. Para explicar, ela conta a história do artista estadunidense Frank Stella. Até a década de 1970, Stella era reconhecido como artista minimalista, principalmente por suas pinturas com listras. No final de 1970, ele faz uma reviravolta e modifica o seu trabalho. Marilice ficou curiosa com essa história e foi pesquisar sobre o que levava Frank Stella a pintar. Ela encontrou um catálogo de uma grande exposição que ele fez no museu Reina Sofia, em Madrid, Espanha. Nesse catálogo, Stella revela que seu pai foi pintor de paredes e que ele o ajudava a pintar as casas. Stella informa que tinha prazer em sentir o pincel esparramando a tinta sobre a superfície. Marilice relacionou este depoimento ao trabalho artístico de Stella com listras e chegou à conclusão de que havia uma relação afetiva dele com o pai, além do deleite que ele tinha em ter o contato da tinta com a parede.

Assim, para Marilice, a declaração de Frank Stella demonstra que para o artista há sempre uma comunicação entre o trabalho intelectual com o afetivo. Ela conta essa história para dizer que ter frequentado a Escolinha de Arte da UFRGS quando adolescente foi uma oportunidade de ter contato com os materiais que estavam disponíveis e desenvolver uma paixão pela arte. “Acho que a arte é a forma que encontrei de redescobrir continuamente o mundo, de escapar do senso comum em que muitas vezes a sociedade está mergulhada. Acho que é a maneira de nos tornarmos seres mais interessantes”²⁷⁵.

Da mesma forma, para Marilice, também existe uma comunicação frequente entre o seu trabalho como professora e artista. E ela observa que:

[...] quando eu produzo menos isso também me prejudica como professora porque eu começo a perder certo prazer na vida. Eu vejo que como professora cada vez eu tenho menos tempo para a pintura, mas se eu largar a minha pintura completamente por causa disso eu vou ser uma professora muito árida, porque eu vou ter uma frustração muito grande. Eu tenho de alguma forma me manter produzindo pra que eu possa ter gás pra estar lá porque se não eu vou ser uma professora teórica, de história da arte. E isso é algo que acontece a maior parte das vezes. Não tem curso de licenciatura, por melhor que ele seja, que te faça virar professor de arte. Professor de arte tu vira sendo²⁷⁶.

²⁷⁵ CORONA, Marilice. **[Depoimento]**. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁷⁶ CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

4.2.2 É possível ser artista e professor de arte?

Em uma manhã ensolarada encontrei Jailton Moreira. Da janela da sala de estar de seu apartamento é possível ter uma visão panorâmica de Porto Alegre. Naquele mesmo espaço, havia diversas pinturas e fotografias na parede, assim como também uma coleção com mais de três mil vinis e cinco mil CDs. Já ao entrar em sua casa, percebi um espaço tomado por muita inspiração artística.

Jailton foi professor da Escolinha de Arte da UFRGS por 16 anos. Ele entrou na Escolinha em 1979, por meio do Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE), oferecido aos estudantes da UFRGS. Naquela época, Jailton era estudante de Artes Visuais do Instituto de Artes.

Jailton conta ter passado por um dilema entre ser artista e ser professor de arte. Ao entrar no curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, tinha como projeto ser artista. “Com 20 anos eu achava que ia ser artista com toda uma concepção de artista e de arte que mudou sensivelmente em décadas”²⁷⁷, enuncia. Para Jailton, naquele momento, o projeto de ser artista era mais relevante do que ser professor. Alguns de seus amigos do Instituto faziam o curso de Artes Visuais e iam trabalhar com publicidade para terem independência financeira. Para Jailton, essa opção não era cogitada, a alternativa de ser professor lhe pareceu mais viável.

A primeira oportunidade de ensinar surgiu após ter feito o Curso Intensivo de Arte-Educação oferecido pela Escolinha de Arte da UFRGS. Da janela do sexto andar do Instituto de Artes era possível visualizar a Escolinha, que funcionava no edifício anexo. Segundo Jailton: “eu acho que não só eu, mas muitos alunos foram [para a Escolinha] não por qualquer propaganda, porque a Escolinha sempre foi muito ruim nisso, mas por olhar para a janela e querer saber o que estava acontecendo”²⁷⁸.

Sendo assim, o CIAE foi, em suas palavras, desbundante. Para esclarecer, explica que os professores tinham muita energia e paixão pelo que faziam. Ele se encantou, entre outros, pelos professores Lara de Mattos Rodrigues e Elton

²⁷⁷ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁷⁸ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

Manganelli, e viu que na Escolinha era possível que as crianças e adolescentes experimentassem a arte. Jailton diz que:

O estágio teve esse aspecto para mim muito mais ligado, num primeiro momento, à experiência em si do que propriamente à teoria. Embora a teoria ficasse esboçada ali no estágio... Mas o fato de que o estágio tinha uma parte prática que era totalmente diferente da parte prática do Instituto [de Artes] me chamou mais a atenção. Essas coisas na Escolinha não são separadas. É uma prática que ao pensar a gente entende uma teoria que não foi escrita. O que quer dizer eu fazer tal coisa? O que quer dizer, por exemplo, eu me aproximar do barro, da argila, desta maneira e não daquela outra?²⁷⁹

Jailton informa ter encontrado entre os professores da Escolinha pessoas que pensavam como ele, então, houve uma imediata identificação. Quando criança tinha o costume de desenhar, mas desenhava sozinho. Ao conhecer a Escolinha de Arte da UFRGS, diz ter tido a oportunidade de participar de uma Escolinha que não teve na infância. No fundo, Jailton queria ter sido aluno.

Em 1979, fez o estágio com a turma de adolescentes do professor Elton Manganelli. Essa turma preparava uma peça de teatro quando Jailton entrou no grupo. Do estágio, foi convidado para ser professor dessa turma, permanecendo na Escolinha como professor, de 1980 a 1996.

Ele declara que também demorou 16 anos para se formar no bacharelado em Artes Visuais do Instituto de Artes. “Foi um dos recordes estabelecidos”²⁸⁰, exprime em um tom espirituoso. Jailton diz ter levado todo esse tempo, pois havia, em suas palavras, incompatibilidade entre o que produzia como artista e o ensino que tinha durante a graduação. Na Escolinha, descobriu um novo jeito de ensinar e de aprender arte, encantando-se por esse modo. E ele esclarece:

Aquilo que se apresentava com a criança [...] tu dizia: acho que talvez uma educação em arte deveria ser assim. Então o que me leva não é a querer ser professor, mas um descompasso entre a educação que eu estava recebendo e uma experiência com arte/educação e criança que apontava para uma possibilidade de pensar a educação²⁸¹.

²⁷⁹ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁸⁰ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁸¹ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

Jailton diz se lembrar com afeto da primeira turma de adolescentes que teve na Escolinha. Ele estava com 20 anos de idade e havia alunos com 16, 17 anos. Então, de acordo com Jailton, a turma tinha mais experiência de Escolinha do que ele próprio. Ele diz ter aprendido com eles, pois foi estabelecida uma troca de aprendizagens, nada parecido à concepção de um professor que transmite conhecimentos. “Na escolinha o professor é fundamentalmente um orientador, um estimulador da capacidade criativa da criança”²⁸².

Jailton descreve que as aulas da Escolinha eram como um laboratório, pois era um espaço de experimentação e de vivência permanentes. Para isso, os professores dividiam o mesmo ideal de acreditar na potencialidade criadora de todo ser humano e faziam com o que o ambiente da Escolinha fosse um local de proximidade afetiva e de escuta, para que os alunos pudessem desenvolver plenamente as suas capacidades. “A atuação do professor condiciona o ambiente. Ele sabe que toda criança é um ser criador. O que ele tem de fazer é dar condições para que cada criança se expresse livremente”²⁸³. Na concepção de Herbert Read: “a atmosfera é criação do professor, e criar uma atmosfera de compreensão, de feliz atividade infantil, é o principal, e talvez o único, segredo de um ensino bem-sucedido”²⁸⁴. Jailton diz que para ser professor da Escolinha era preciso: “entender as esperas, o tempo de espera de cada processo, as diferentes velocidades de cada processo, que é um trabalho de escuta”²⁸⁵. A figura 42 mostra Jailton em aula da Escolinha de Arte da UFRGS.

²⁸² LIBERDADE de criação na formação da criança. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, p. 9, maio 1981. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁸³ POÇAS, Iria Müller; ATAÍDE, Nilda Catarina. Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 130, p. 3-5, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁸⁴ READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013, p. 328.

²⁸⁵ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

Figura 42 – Jailton Moreira em aula do projeto Aldeia das descobertas com os alunos da Escolinha de Arte da UFRGS, em setembro de 1985.



Fonte: [FOTOGRAFIA de Jailton Moreira]. 1985. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em um texto de sua autoria, Jailton se questiona se é possível ensinar arte:

Entendo que o conceito de ensino apenas como transmissão de conhecimento será sempre o grande gerador dos academicismos. A arte é esquivada a conceituações e dogmas. Quando a aprisionamos em um conceito ela escapa demonstrando que ainda pode ser outra coisa exibindo uma nova face que, depois apressados, tentamos aprisionar novamente. Às vezes parece que é justamente este jogo de gato e rato que é o seu grande combustível. Que sentido tem em transmitirmos apenas uma experiência se fazer arte é experienciar, viver uma experiência e somente através dela aprender? [...]. É tarefa dele [professor de arte] aprender o tempo do aluno, e trabalhar sob este e não sobre ele. É tarefa dele elege, junto com o aluno, os critérios de avaliação de cada processo, acrescentando sempre a sua utopia do movimento²⁸⁶.

A Escolinha de Arte da UFRGS, para Jailton, trazia justamente essa concepção de ensino de arte. Para o artista:

Não era a transmissão da experiência de um professor, mas o professor era alguém que estava propiciando uma experiência a mais rica possível. Para ele ter uma experiência mais rica possível eu acho que esse professor tinha também o comprometimento de se enriquecer infinitamente²⁸⁷.

O dilema entre o processo criativo como artista e o processo de uma educação criativa perpassava não apenas Jailton, mas também os outros

²⁸⁶ MOREIRA, Jailton. **É possível ensinar arte?** [Porto Alegre: s. n.], 1997.

²⁸⁷ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

professores da Escolinha. Jailton afirma que se tratava de uma discussão que era posta entre eles. Alguns acabaram tendo que escolher entre um ou outro, enquanto outros conseguiam equilibrar as duas atividades. “Talvez muitos desses professores artistas viveram constantemente esse dilema. Mas acreditavam que só vivendo esse dilema era possível fazer uma boa educação de arte”²⁸⁸, conta Jailton.

Sendo assim, esse dilema gerou um tipo diferente de professor, isto é, um professor que era mais atento às necessidades dos alunos. Na Escolinha, os alunos podiam fazer e sugerir o que quisessem, mas o professor conhecia cada um deles e sabia como orientá-los. Aprender a ouvi-los e entendê-los em sua diversidade era uma prática comum entre os professores.

Citando um exemplo de como os alunos eram ouvidos, Jailton narra que teve uma turma de adolescentes que adorava criar histórias em quadrinhos. Dos quadrinhos foram para o cinema, quando tiveram a ideia de produzir um filme. Eles faziam de tudo: o roteiro, a iluminação, o cenário... Assim, eles realizaram os primeiros filmes em VHS produzidos na Escolinha.

Uma reportagem de 1985 explica que na Escolinha de Arte da UFRGS: “nas oficinas de criação, com materiais para artes plásticas, teatro, música, fotografia e cinema, a garotada é incitada a explorar suas próprias potencialidades e gostos”²⁸⁹. Ainda a mesma matéria cita a experiência de Jailton e sua turma de adolescentes que gostava de histórias em quadrinhos e de cinema.

Nesta área [o cinema], os alunos do professor Jailton Moreira recentemente realizaram um filme: a partir de fitas com histórias em quadrinhos desenhadas, gravaram diálogos e inventaram um projetor para passar a fita²⁹⁰.

De acordo com uma matéria do jornal Zero Hora, de 1989, na Escolinha de Arte da UFRGS, “[...] dez professores irão, não te ensinar a desenhar, pintar e outras especialidades, mas eles vão te possibilitar chegar a novas técnicas e conversar

²⁸⁸ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁸⁹ BARBOSA, Luiz Carlos. **Livres, reinventam a escola**. [S. /], 1985. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁹⁰ BARBOSA, Luiz Carlos. **Livres, reinventam a escola**. [S. /], 1985. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

contigo para tu ires descobrindo o que gostas mais, no que sentes mais, o que tu achas que é mais do teu jeito”²⁹¹.

Nessa mesma reportagem, Jailton Moreira declara: “nós acreditamos que através da livre expressão cada um deverá achar o seu caminho, o seu autoconhecimento”²⁹². A matéria segue com a explicação do modo de ser professor na Escolinha:

O professor fala muito também sobre a importância da turma. Aos poucos, com essa liberdade de expressão os colegas vão se tornando companheiros mesmo, e o professor faz parte dessa turma. Com o passar do tempo vai se criando no grupo respeito, cumplicidade, amizade, fatores fundamentais para que o aluno tenha afeto pela turma, pelo trabalho. O que, com certeza, vai ser refletir em sua vida²⁹³.

A figura 43 mostra a reportagem “A liberdade de expressão”, publicada no jornal Zero Hora.

²⁹¹ FONTANIVE, Lucia. A liberdade de expressão. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 mar. 1989. Arte, p. 4. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁹² FONTANIVE, Lucia. A liberdade de expressão. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 mar. 1989. Arte, p. 4. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁹³ FONTANIVE, Lucia. A liberdade de expressão. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 mar. 1989. Arte, p. 4. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 43 – A liberdade de expressão, reportagem do jornal Zero Hora de 1989.



Fonte: FONTANIVE, Lucia. A liberdade de expressão. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 mar. 1989. Arte, p. 4. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Jailton salienta que na Escolinha de Arte da UFRGS se acreditava que a experiência em si era uma forma de escrita, isto é, a experiência vivida significava a própria teoria: “quando o texto saía, o texto escrito, ele saía capenga, incompleto, não dava conta”²⁹⁴. Por isso, o momento vivido em aula era muito valorizado.

Desse modo, para Jailton, a arte/educação tem como objetivo aproximar as pessoas para que elas possam desenvolver plenamente seus processos: “então quando se pensa arte/educação se pensa em um ponto de vista que vai afetar tudo e não apenas a como fazer objetos artísticos. E que vai afetar, como a Escolinha sempre acreditou, qualquer profissão, qualquer área de interesse”²⁹⁵.

Trata-se de uma visão utópica? Para Jailton, sim. Para explicar que utopia era essa, ele cita uma entrevista do escritor uruguaio Eduardo Galeano na qual conta a história de um jovem, que perguntou para que servia a utopia ao diretor de cinema argentino Fernando Birri. Por sua vez, Birri respondeu que a utopia está no horizonte

²⁹⁴ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁹⁵ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

e que, portanto, nunca será alcançada. Quanto mais nos aproximamos desse horizonte, mais ele se afasta. Assim, a utopia serve, justamente, para caminhar, para pôr-se em movimento²⁹⁶.

Na visão de Jailton Moreira, a utopia da Escolinha era assim. Não era para alcançar algo, para chegar a algum lugar, mas para continuar caminhando. “Dentro desse mundo prático isso não faz o menor sentido. [...] Isso pra nós era óbvio e era mostrado todo dia dentro de uma sala de aula”²⁹⁷, relata Jailton. Ele complementa:

Hoje eu acho que a gente vive uma espécie de autoritarismo de apenas uma dinâmica perceptiva. Ou percebemos todas as coisas por essa via ou estamos fora. Por que é necessário arte/educação? Para ser contra o autoritarismo de uma dinâmica perceptiva, para oferecer todas as dinâmicas perceptivas possíveis. [...] Então cada vez mais é necessário o território, o campo da arte/educação como um campo de diversidade de experiências perceptivas²⁹⁸.

Na Escolinha de Arte da UFRGS, Jailton deu aulas para crianças, adolescentes e também para adultos. Foram os pais dos alunos que pediram para terem aulas ao verem o trabalho que era feito com seus filhos. Ao finalizar seu trabalho na Escolinha, em 1996, deu continuidade às aulas com os adultos em um espaço que fundou com a artista visual Élide Tessler, que também foi professora da Escolinha. Esse lugar chamava-se Torreão²⁹⁹.

Um ex-aluno de Jailton, o Lucas, que estudou quando adolescente na Escolinha e se tornou designer, procurou pelo professor quando estava no Torreão, pois queria voltar a ter aulas, agora nesse novo espaço. Jailton perguntou ao Lucas o porquê, já que ali, segundo ele, era uma Escolinha para gente grande. Lucas respondeu que tinha um problema, pois quando pensava em algo, ele sabia como resolver. Mas que, na realidade, ele queria retomar o “estar perdido” que sentia na Escolinha. “[...] A pessoa te procura não para se achar, mas para se perder novamente”³⁰⁰, relata Jailton. Lucas buscava pela educação criativa que teve na

²⁹⁶ GALEANO, Eduardo. **El derecho al delirio**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m-pgHIB8QdQ>. Acesso em: 13 jun. 2018.

²⁹⁷ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁹⁸ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

²⁹⁹ Segundo depoimento de Jailton, o Torreão é uma continuidade das turmas de adultos que já existiam na Escolinha. Depois, tornou-se um espaço voltado para artistas independentes.

³⁰⁰ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

Escolinha. “Ensinar arte não é ajudar a resolver problemas é saber criar problemas”³⁰¹, escreveu Jailton.

Para explicar como ensinar arte, Jailton conta uma história que aconteceu com Augusto Rodrigues. Ele ouviu essa história de Iara de Mattos Rodrigues. Na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1960 e 1970, quando Augusto Rodrigues ainda dava aulas, em um dado momento as crianças desenhavam animais. Ao ver aquela cena, Augusto e os professores tiveram então a ideia de ir ao zoológico.

Após terem feito o passeio ao zoológico, na aula seguinte os professores queriam ver como aquela experiência havia impactado os alunos. No entanto, eles perceberam que os alunos não desenhavam os animais. Augusto notou que apenas um menino começou a esboçar girafas e rinocerontes. Com isso, perguntou a ele se tinha gostado do passeio ao zoológico. Para sua surpresa, o menino respondeu que não tinha ido. Inspirado nessa história, para Jailton, educação em arte é assim: “se tu pensar em causa e efeito é um fracasso”³⁰².

Ainda conforme Jailton, a Escolinha não era utilitária, a experiência não era um meio para chegar a algum lugar. “O projeto da Escolinha só teve sentido enquanto momento de experiência. E não como algo que havia uma estratégia – essa palavra a gente jamais usou – para chegar lá.”³⁰³.

O dilema entre ser artista e ser professor mudou para Jailton ao longo dos anos. Ele passou a compreender que entrava na vida das pessoas por um lugar chamado arte, não importava se por meio de uma produção artística ou se por meio de aulas: “[...] do mesmo jeito que ao fazer um trabalho artístico eu quero entrar na vida das pessoas com o olhar sobre o mundo, sobre arte, o olhar da educação não era nem um milímetro menor do que esse”³⁰⁴. Segundo Jailton, o seu trabalho como artista e como professor se misturou de tal forma que virou um projeto só, e não mais um sobre o outro ou um influenciando o outro.

Para Jailton, a Escolinha não terminou. Pode ter fechado as portas, mas os processos pelos quais passou continuam. Da Escolinha, inventou o Torreão. De lá,

³⁰¹ MOREIRA, Jailton. **É possível ensinar arte?** [Porto Alegre: s. n.], 1997.

³⁰² MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

³⁰³ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

³⁰⁴ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

criou cursos independentes sobre arte. Jailton é professor há 38 anos e, tal como afirma: “eu ainda dou aula pensando sobre o que eu aprendi na Escolinha e o que eu não consegui fazer dentro da Escolinha.”³⁰⁵. A Escolinha de Arte da UFRGS ainda permanece dentro de Jailton Moreira.

4.2.3 É uma família, uma casa, uma mãe

É com essa frase³⁰⁶ que Teresa Poester descreve a Escolinha de Arte da UFRGS. A minha entrevista com ela aconteceu via áudio da rede social *Facebook*, pois em 2018 Teresa se aposentou do Instituto de Artes da UFRGS, do qual foi professora de desenho, e mudou-se para a França. Atualmente ela mora em Éragny-sur-Epte.

Teresa foi aluna da Escolinha de Arte da UFRGS na década de 1960, quando tinha cerca de 10 anos de idade. Natural de Bagé, cidade do interior do Rio Grande do Sul, mudou-se para Porto Alegre quando criança e diz que o primeiro lugar em que se sentiu acolhida foi na Escolinha. Teresa recorda que:

[...] Vim desse ambiente [casa em Bagé] de um pátio enorme, onde brincava com a natureza e tudo ao meu redor e cheguei a Porto Alegre, no Colégio Farrroupilha, alemão, mais rígido. Foi um momento muito difícil, eu me sentia isolada no colégio. Tinha outra cultura, origem italiana, cabelo crespo e sotaque do interior. Então, minha mãe me colocou na Escolinha de Arte da UFRGS, e ali foi o primeiro lugar em que eu me senti acolhida em Porto Alegre. [...] ³⁰⁷.

Teresa decidiu que seria artista na época em que frequentava a Escolinha. A sua decisão foi tomada ao ver os alunos do Instituto de Artes desenhando modelos vivos³⁰⁸. Além disso, conta também que se recorda de ter descoberto a sua vocação

³⁰⁵ MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

³⁰⁶ POESTER, Teresa. Teresa Poester: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

³⁰⁷ POESTER, Teresa. **Entrevista com Teresa Poester**: “A gente acha que vai transformar o mundo e o mundo acaba transformando a gente”. [Entrevista cedida ao site] Mulheres na arte contemporânea. Disponível em: <https://mulheresnaartecontemporanea.wordpress.com/category/entrevistas-independentes>. Acesso em: 23 jun. 2018.

³⁰⁸ POESTER, Teresa. **Entrevista com Teresa Poester**: “A gente acha que vai transformar o mundo e o mundo acaba transformando a gente”. [Entrevista cedida ao site] Mulheres na arte

artística, ainda na adolescência, em um momento quando fazia uma figa de argila durante uma aula na Escolinha: “uma vez fiz uma figa de tamanho natural e aquilo me fascinou: eu achei que seria muito feliz se fosse escultora, tocar no barro como se sentisse vida nele [...]”³⁰⁹.

Já adulta, em 1978, Teresa retorna à Escolinha para fazer o CIAE, quando era aluna dos cursos de Bacharelado em Desenho e de Licenciatura em Educação Artística do Instituto de Artes da UFRGS. No ano seguinte, torna-se professora da Escolinha, permanecendo nesse trabalho até 1993.

Teresa informa que começou a gostar de dar aulas na Escolinha. Ela foi professora de crianças, adolescentes e adultos, quando diz ter aprendido a trabalhar com diferentes expressões artísticas: plásticas, teatrais, dança e contação de histórias. “Eu, como tantos outros, certamente não seria o que sou, professora e artista, se não fosse minha passagem pela Escolinha de Arte [...]”,³¹⁰ revela Teresa.

Para Teresa, há uma relação indissociável entre o seu trabalho de artista e de professora, pois ambos são criativos. Da Escolinha de Arte da UFRGS, ela diz ter levado o espírito curioso da experimentação para a sua atuação como professora. Além da Escolinha, Teresa teve um extenso percurso como professora da graduação e da pós-graduação do Instituto de Artes, de 1987 até sua aposentadoria, em 2018.

Teresa é uma artista premiada e reconhecida no Brasil e no exterior, tendo uma trajetória profícua nas artes visuais. A esse respeito, Teresa comenta:

Meu percurso começou há muito tempo com desenhos figurativos e alegóricos, consequência da ditadura no Brasil, quando os artistas se expressavam por metáforas. Mais tarde, em Madri, o trabalho se transforma em pintura através do tema da paisagem que o conduz à abstração. A partir dos anos 2000, retorno a um desenho diferente do inicial. O trabalho é gestual, composto de gestos de texturas e não mais de contornos. Atualmente combina diferentes linguagens e tecnologias contemporâneas se abrindo a novos suportes³¹¹.

contemporânea. Disponível em: <https://mulheresnaartecontemporanea.wordpress.com/category/entrevistas-independentes>. Acesso em: 23 jun. 2018.

³⁰⁹ POESTER, Teresa. **Teresa Poester** - Artista Plástica - 28 anos. [Porto Alegre: s. n.], 1982. Depoimento de Teresa Poester. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³¹⁰ POESTER, Teresa. Uma malcriada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 nov. 2005, Segundo caderno, p. 2.

³¹¹ POESTER, Teresa. **Desenhos**. Disponível em: <http://www.teresapoester.com.br>. Acesso em: 23 jun. 2018.

Para Teresa³¹², a liberdade de criação que havia na Escolinha a inspirou em seu trabalho como artista. Essa liberdade, porém, não é arbitrária. Ela complementa que, em suas obras, os seus traços são aparentemente aleatórios, mas, na realidade, são minuciosamente pensados. Outra inspiração que traz da infância é que ela usa em algumas de suas obras materiais voltados para crianças, como lápis de cor e caneta bic.

Como disse Teresa, a Escolinha de Arte da UFRGS: “é uma família, uma casa, uma mãe”. E foi nesse lar que Teresa viu nascer e crescer o seu interesse pela arte. As figuras 44 e 45 mostram desenhos de Teresa Poester: o primeiro, produzido aos 13 anos de idade, quando aluna da Escolinha e, o segundo, uma obra de 2009.

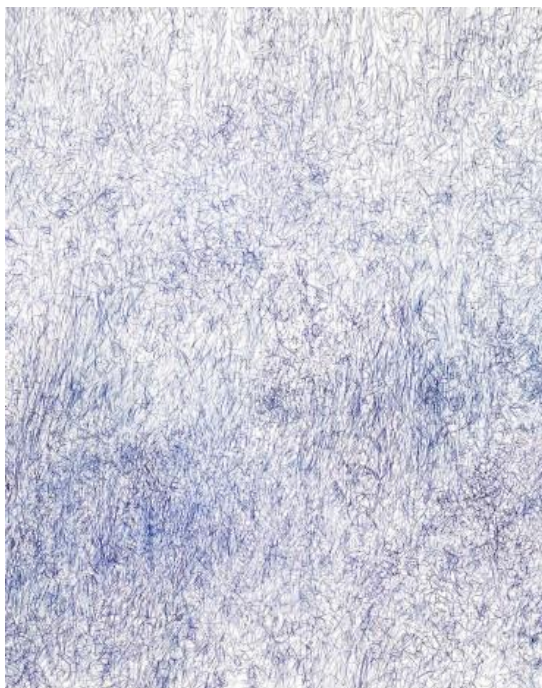
Figura 44 – Desenho de Teresa Poester realizado na Escolinha de Arte da UFRGS quando ela tinha 13 anos de idade.



Fonte: POESTER, Teresa. [Desenho de Teresa Poester com 13 anos]. [196-]. 1 desenho. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³¹² POESTER, Teresa. Teresa Poester: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

Figura 45 – Desenho a caneta bic sobre papel, 150 x 150 cm, Porto Alegre, 2009.



Fonte: TERESA, Poester. **Portfólio**. Disponível em:

http://www.teresapoester.com.br/download/Portofolio_Cliping_TPoester.pdf. Acesso em: 23 jun. 2018.

Para finalizar este item sobre os professores artistas, uma lista em ordem alfabética de todos os professores da história da Escolinha de Arte da UFRGS: Adriana Leão, Alice Brueggemann, Ana Luíza Azevedo, Ana Estrela, Beatriz Fleck, Berenice Gorini, Betina Stampe, Carlos Pasquetti, Cecília Bueno, Clecy Pasquetti, Dione Greca, Élide Tessler, Elton Manganelli, Eneida de Moraes, Eunice Coelho, Fábio Mentz, Gabriele Siqueira, Gení Mabília, Gisela Wäetge, Heloisa Schneiders, Iara de Mattos Rodrigues, Ieda Ranieri, Iracema Cafruni, Isabel Siegle, Jailton Moreira, Leda Flores, Lygia Rothmann, Marcus Camino, Maria Beatriz Rahde, Maria Beatriz Noll, Maria Elisabeth Dias, Maria Leda de Macedo, Maria Lúcia Varnieri, Mariana Ramos, Marília Barreto, Marilice Corona, Marly Nunes, Marta Collares, Moema Schreiner, Nalu Faria, Patrícia Haussen, Regina Olweiller, Ricardo Becker, Rosa Accorsi, Sandra Richter, Susy Rocha, Teresa Poester, Valkíria Borba, Vera Callegari, Yeddo Tietze, Zení Moraes³¹³.

³¹³ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5 RESSONÂNCIAS COM O MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE (MEA)

A Escolinha de Arte da UFRGS fez parte do Movimento Escolinhas de Arte (MEA), que iniciou com a Escolinha de Arte do Brasil (EAB), no Rio de Janeiro, fundada em 1948, pelo artista plástico Augusto Rodrigues, a arte/educadora Lúcia Alencastro Valentim e a escultora norte-americana Margaret Spencer. A partir das experiências de arte/educação realizadas pela Escolinha de Arte do Brasil, muitas outras Escolinhas de Arte foram abertas em diversas cidades do país e também em outros países da América Latina, como no Uruguai, Paraguai, Chile e Argentina³¹⁴. Na década de 1960, existiam 130 Escolinhas³¹⁵ no país. No Rio Grande do Sul, estado brasileiro que mais aderiu ao MEA, chegou a existir mais de 30 Escolinhas de Arte, espalhadas em 17 municípios³¹⁶.

A abordagem desta pesquisa sobre a Escolinha de Arte da UFRGS inserida na perspectiva do Movimento Escolinhas de Arte parte do conceito de “ressonância”, que para o historiador Stephen Greenblatt significa a permuta cultural entre as práticas envolvidas³¹⁷. Segundo Greenblatt:

Por ressonância entendo o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar em quem o vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu [...] ³¹⁸.

Neste trecho, Greenblatt refere-se a artefatos ou obras de arte, mas é também possível compreender o conceito de “ressonância” no âmbito das práticas culturais. No caso do Movimento Escolinhas de Arte, não se tratava de copiar o modelo da Escolinha de Arte do Brasil, mas de elaborar apropriações e construções próprias em cada Escolinha, de acordo com as peculiaridades de cada uma. Para Greenblatt, o “efeito de ressonância” desperta:

³¹⁴ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Noemia Varela e a Arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001, p. 28.

³¹⁵ FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Noemia Varela e a Arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001, p. 28.

³¹⁶ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. *Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também!* 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

³¹⁷ GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 250, 1991.

³¹⁸ GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 250, 1991.

[...] a noção das negociações, permutas, mudanças de direção, exclusões pelas quais certas práticas representacionais podem ser separadas de outras práticas representacionais a que parcialmente se assemelhem. Uma exposição ressonante frequentemente distancia o espectador da celebração de objetos isolados, e o leva em direção a uma série de relações e questões sugeridas, apenas semivisíveis³¹⁹.

Desse modo, este capítulo se propõe a analisar, a partir dos documentos levantados, o “efeito de ressonância” que havia na relação da Escolinha de Arte da UFRGS com o Movimento Escolinhas de Arte, principalmente com a Escolinha de Arte do Brasil, com a qual estabeleceu um vínculo mais estreito. Para iniciar, apresento um breve panorama sobre a Escolinha de Arte do Brasil.

5.1 ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL (EAB)

Uma das maiores inspirações para a criação da Escolinha de Arte do Brasil foi uma exposição de desenhos e pinturas de crianças inglesas que ocorreu de outubro de 1941 a janeiro de 1942 no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte³²⁰. Augusto Rodrigues, Lúcia Alencastro Valentim e Margaret Spencer, entre diversos artistas e intelectuais, visitaram a exposição no Rio de Janeiro, realizada no Museu Nacional de Belas Artes³²¹.

Segundo informa o catálogo de uma exposição de obras de Augusto Rodrigues³²² realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1963:

Ao assistir, em 1941, no Museu Nacional de Belas Artes, a exposição de crianças inglesas, Augusto Rodrigues vê confirmado tudo aquilo que vinha pensando e tentando realizar nesse campo. Um de seus planos é ambicioso

³¹⁹ GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 252, 1991.

³²⁰ BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho**: educadores, política e história. São Paulo: Cortez Editora, 2015b, p. 316.

³²¹ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 25.

³²² Sobre a participação de Lúcia Alencastro Valentim e Margaret Spencer na Escolinha de Arte do Brasil há pouca informação disponível. O documento de maior relevância sobre Lúcia Alencastro Valentim que encontrei durante a pesquisa de mestrado foi uma entrevista realizada com ela pelo professor doutor e artista visual Sebastião Pedrosa, e revisada pelo professor doutor Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo. Já sobre Augusto Rodrigues, foram achadas diversas fontes sobre sua participação na Escolinha de Arte do Brasil e no Movimento Escolinhas de Arte.

e antigo: criar escolas nas quais as crianças livremente encontrem seus meios e formas de expressão³²³.

Augusto Rodrigues (1913-1993) foi artista plástico, caricaturista, poeta e educador, nascido em Recife. Quando criança, não era considerado um bom aluno, pois não se encaixava no sistema de ensino ao qual teve acesso: “quando menino, em Pernambuco, onde nasceu, Augusto era expulso de todas as escolas em que entrava. [...] Já naquela época, ele percebia a injustiça da educação tradicional e sonhava com uma educação diferente [...]”³²⁴. De acordo com um depoimento de Augusto Rodrigues dado ao jornalista Araken Távora, em 1983:

[...] tive uma escola tremendamente repressiva, uma escola que tentava me ensinar tudo quanto não me interessava e, por outro lado, não me permitia realizar quaisquer das aspirações que eu tinha: de expressão, de comunicação, de relação humana com os outros. [...] Embora menino, eu reagia contra esse tipo de escola e, muitas vezes, fugia pela janela, para então viver o sonho do banho de rio, de usufruir do cajueiro, de gozar, enfim, toda aquela natureza, toda aquela paisagem bela do Recife³²⁵.

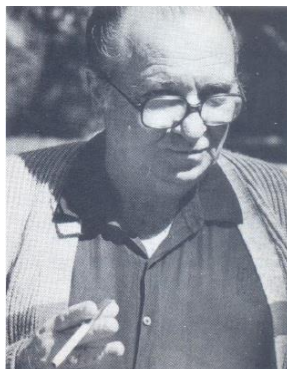
A figura 46 mostra Augusto Rodrigues durante a entrevista concedida a Araken Távora.

³²³ ALENCAR, Heron. Notícia biográfica de Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: [s. n.], [1963]. Texto do catálogo de uma exposição de Augusto Rodrigues realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³²⁴ KAPLAN, Sheila. Augusto Rodrigues: 52 anos de arte e 70 de amor aos outros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1983. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³²⁵ RODRIGUES, Augusto. **Encontro marcado com Augusto Rodrigues**. [Entrevista cedida a] Araken Távora. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1983. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 46 – Fotografia de Augusto Rodrigues de 1983.



Fonte: RODRIGUES, Augusto. **Encontro marcado com Augusto Rodrigues**. [Entrevista cedida a] Araken Távora. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1983. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Na Escolinha de Arte do Brasil, Augusto Rodrigues pôde ajudar a criar a escola que queria estudar quando criança. No depoimento a Araken Távora, Augusto faz uma metáfora da educação, dizendo que esta deveria ser como um rio, e expõe a sua concepção de por que a arte deveria ser usada nesse processo:

A educação deve fluir naturalmente, deve ser como o rio, que vai criando o seu caminho para chegar ao mar. O que se deve fazer, em meu entendimento, na relação com a criança é, sobretudo, estimulá-la para que ela desenvolva todo o seu potencial criador, alcançando efetivamente a condição de um ser autêntico. E se ela transformar-se em um ser autêntico, será capaz de fazer arte ou de apreciar arte, o que é, também, uma forma de criatividade. [...] Parece a mim que a educação deveria incluir, em seu processo, o poético, a pesquisa, a perplexidade. [...] É preciso levar a criança a se libertar das forças coercitivas, para que ela, em verdade, seja um ser livre, criador e que, sobretudo, venha a ser o adulto que vai repelir todos os aspectos da agressividade existente atualmente no mundo. Para que essa criança venha a ser um artífice da paz e que a arte venha a ser um escudo contra a violência. Mais que isso: que a arte venha a ser um caminho para se chegar à liberdade e à paz³²⁶.

Iara de Mattos Rodrigues, que apesar de ter o mesmo sobrenome, não era parente de Augusto, percebia a obra do artista e educador pernambucano da seguinte maneira: “Augusto Rodrigues não deixou livros didáticos nem pedagógicos. Deixou livros de poesia – a vida para ele era poética – e a Escolinha certamente foi

³²⁶ RODRIGUES, Augusto. **Encontro marcado com Augusto Rodrigues**. [Entrevista cedida a] Araken Távora. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1983. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

sua poesia maior”³²⁷. A “poesia maior” faz referência tanto à Escolinha de Arte do Brasil quanto ao Movimento Escolinhas de Arte, do qual Augusto Rodrigues participou ativamente.

Nos primeiros anos da Escolinha de Arte do Brasil, as atividades aconteciam na Biblioteca Castro Alves, com Augusto Rodrigues, Lúcia Alencastro Valentim e Margaret Spencer como professores de um pequeno grupo de crianças, que se reuniam três a quatro vezes por semana³²⁸. A criação da EAB foi feita de uma maneira singela:

A escolinha não nasceu planejada no papel, não teve fundação festiva, com solenidades e discursos, não teve anúncios nem chamou muita atenção. Nasceu como uma pequena experiência viva, fruto da inquietação de um grupo de artistas e educadores, liderados por Augusto Rodrigues³²⁹.

O nome “Escolinha” surgiu espontaneamente por parte dos alunos, como uma forma afetiva de caracterizar o espaço onde vivenciavam experiências criadoras com a arte. Os professores adotaram esse nome que, mais tarde, passou a se chamar oficialmente de Escolinha de Arte do Brasil³³⁰.

Com o passar dos anos, diversos artistas e educadores frequentaram a Escolinha de Arte do Brasil, que se tornou um ponto de referência no país para os interessados em arte/educação. Um dos motivos da EAB ganhar projeção nacional foi o fato de ter se relacionado com artistas e educadores importantes, que eram apoiadores daquela iniciativa e deram cursos às crianças, adolescentes e adultos da EAB, estes últimos por meio, principalmente, do Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE), o primeiro do gênero a existir no Brasil.

Entre os nomes de referência que eram apoiadores da EAB, estão: Helena Antipoff³³¹ (1892-1974), psicóloga e pedagoga, reconhecida internacionalmente pelo trabalho com educação inclusiva; o educador Anísio Teixeira³³² (1900-1971), um dos

³²⁷ ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³²⁸ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 33-34.

³²⁹ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 33.

³³⁰ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 39.

³³¹ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 19.

³³² RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 62.

expoentes do movimento Escola Nova; a psiquiatra Nise da Silveira³³³ (1905-1999), que foi aluna de Carl Jung e trabalhou com arte com seus pacientes no Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro e depois no Museu de Imagens do Inconsciente, ambos no Rio de Janeiro; os artistas Oswaldo Goeldi³³⁴ (1895-1961) e Heitor dos Prazeres (1898-1966)³³⁵; entre muitos outros.

O CIAE da Escolinha de Arte do Brasil teve início em 1961 e, até a Lei 5.692/71, de 11 de agosto de 1971, que instituiu a Educação Artística nas universidades brasileiras, era o único curso de especialização em educação e arte que havia em território nacional³³⁶. O programa do CIAE da EAB consistia em:

Fundamentos psicopedagógicos da arte na educação; análise de experiências realizadas no campo da Educação Artística; técnicas principais para o desenvolvimento da experiência criadora no processo educacional; análise de outras experiências criadoras dentro e fora da escola, seu significado e importância no complexo educacional; temas de estudo e pesquisa relacionados ao processo educativo.³³⁷

A mentora intelectual do Curso Intensivo de Arte-Educação da Escolinha de Arte do Brasil foi Noemia Varela (1918-2016), pedagoga, diretora técnica da EAB e criadora da Escolinha de Arte do Recife, fundada em 1953³³⁸. Segundo o professor Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo: “podemos dizer que Noemia Varela é a mais representativa integrante do MEA; sua história confunde-se com a história do movimento [...]”³³⁹. Ana Mae Barbosa informa que Noemia foi: “[...] orientadora teórica e prática da Escolinha [de Arte do Brasil] com total responsabilidade pela programação [do CIAE] [...] que formou toda uma geração de arte/educadores no

³³³ VARELA, Noemia. Movimento escolinhas de arte: imagens e idéias. **Fazendo Artes**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 1988. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³³⁴ VARELA, Noemia. Movimento escolinhas de arte: imagens e idéias. **Fazendo Artes**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 1988. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³³⁵ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 67.

³³⁶ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 91.

³³⁷ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 93.

³³⁸ BARBOSA, Ana Mae. Entre Memória e História. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014b, p. 7.

³³⁹ AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014b, p. 252.

Brasil e muitos na América Latina Hispânica”³⁴⁰. Na figura 47, podemos ver a professora Noemia Varela com um grupo de professores.

Figura 47 – Fotografia de Noemia Varela (em pé) da década de 1970.



Fonte: ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 12, jul. 1972, p. 6. Fotografia de Regina Alvarez. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em um depoimento, Noemia Varela explica a sua concepção sobre arte/educação, relacionada com as suas vivências com as Escolinhas de Arte:

Ao longo de 39 anos de contato e de trabalho em Escolinhas de Arte, de participação em movimentos de arte-educação do Brasil e de outros países, de tudo quanto tenho procurado fazer para atender minha crescente curiosidade e aguçar meu pensamento em torno do fenômeno da arte no processo educativo, constatei – como acontecimento sentido, vivenciado – que o espaço da arte-educação é essencial à educação numa dimensão muito mais ampla, em todos os seus níveis e formas de ensino. Não é um campo de atividades, conteúdos e pesquisas de pouco significado. Muito menos está voltado apenas para as atividades artísticas. É território que pede presença de muitos, tem sentido profundo, desempenha papel integrador plural e interdisciplinar no processo formal e não formal da educação. Opera como campo de transformações vitais, dando ampla visão, muito vigor – saúde – à própria educação geral e aos que em seu espaço convivem e crescem na dimensão do exercício efetivo e dinâmico de sua capacidade criadora. Ponto de vista destacado, por ser vital ao contínuo processo de educação que requer o desenvolvimento do mundo atual³⁴¹.

³⁴⁰ BARBOSA, Ana Mae. Entre Memória e História. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014b, p. 7.

³⁴¹ VARELA, Noemia. Movimento escolinhas de arte: imagens e idéias. **Fazendo Artes**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 1988. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A principal referência teórica do CIAE da Escolinha de Arte do Brasil e, conseqüentemente, também dos cursos intensivos oferecidos por outras Escolinhas do MEA, era o crítico de arte e poeta inglês Herbert Read. Conforme Noemia Varela, o “pensamento readiano” de uma educação orientada pela arte esteve presente desde os primeiros anos da EAB³⁴². Iara de Mattos Rodrigues explica como a leitura do livro de Read de maior influência ao MEA, *Educação pela arte*, chegou ao Rio Grande do Sul:

Em 1943, Sir Herbert Read lança seu livro que se chama exatamente “Educação Através da Arte”. Só em 1945 é feita a primeira tradução para o espanhol. Enquanto isso, Lúcia Alencastro (hoje Valentim), que era professora na Escolinha junto com Augusto Rodrigues, traduzia Herbert Read do inglês, assim como outros autores; enfim, tudo o que se referia à evolução do trabalho gráfico-plástico das crianças, a filosofia da Educação Através da Arte e todos os subsídios que conseguiam, enviavam cópias para Porto Alegre e Santa Maria³⁴³.

Além de Herbert Read, escritos e relatos de experiências de outros autores de diversas áreas – educação, arte, arquitetura, psicologia, música, entre outras – são mencionados por Noemia Varela, pois eram lidos e discutidos pelo Movimento Escolinhas de Arte, são eles: Franz Cižek, Marion Richardson, Russell Barkley, Célestin Freinet, Arno Stern, P. Duquet, Viktor Lowenfeld, John Dewey, Rudolf Arnheim, Henry Schaefer-Simmern, Walter Gropius, Seonaid M. Robertson, Tom Hudson, Ulisses Pernambucano, Sylvio Rabelo, Aloísio Magalhães, Francisco Brennand, Paulo Freire, Anísio Teixeira, Lúcio Costa, Nise da Silveira, Liddy Mignone, Poty, Cecília Conde, Oswaldo Goeldi, Luiz Cerqueira, Abelardo Zaluar, Tiziana Bonazzola, Onofre Penteado Neto, Heloísa Marinho, Helena Antipoff, Lívio Abramo³⁴⁴.

Após essa introdução sobre a Escolinha de Arte do Brasil, apresento, a seguir, algumas características do Movimento Escolinhas de Arte.

³⁴² VARELA, Noemia. Movimento escolinhas de arte: imagens e idéias. **Fazendo Artes**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 1988. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁴³ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

³⁴⁴ VARELA, Noemia. Movimento escolinhas de arte: imagens e idéias. **Fazendo Artes**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 1988. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5.2 MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE (MEA)

Com a criação do Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE) da EAB, muitos professores de arte de todo o Brasil e também de outros países da América Latina passaram a frequentar a EAB e a ter contato com as ideias que eram colocadas em prática naquele espaço. Alguns desses professores abriram Escolinhas em outras localidades, formando-se, assim, o Movimento Escolinhas de Arte³⁴⁵. Ana Mae Barbosa considera o MEA como a primeira institucionalização do ensino modernista de arte no Brasil³⁴⁶. Nas palavras de Noemia Varela:

O Movimento Escolinhas de Arte é uma consequência natural da própria filosofia e dinâmica da Escolinha de Arte do Brasil. Quando ela foi instituída, Augusto [Rodrigues] empenhou-se em seguir uma diretriz educacional criadora. Sentiu que naquele momento era novidade uma classe de arte para criança. Chamava atenção, mobilizava os interesses mais diversos, pessoas de formação variada... Entendeu rápido que teria que difundir horizontalmente e que teria que passar a mensagem – porque era fundamental a importância daquela pequenina experiência, que nada tinha a ver com o sistema escolar da rede oficial. [...] O que a Escolinha de Arte do Brasil fez e continua fazendo de singular para mim é apresentar-se como proposta aberta, modelo gerador de novas Escolinhas de Arte, modelo no sentido científico, não para ser imitado, mas para ser o ponto de partida para a mudança. Ela nunca propôs a nenhuma Escolinha: “faça o que eu faço”. Mas: “tenha os fins, a expectativa, leve as atitudes geradoras de uma experiência coerente com seu meio”. Modelo gerador de novas Escolinhas de Arte diversificadas na medida do sonho e da força criadora de seus fundadores. As Escolinhas de Arte de Bagé, de Santa Maria, do Recife, de Alagoas, de João Pessoa, de Cachoeiro do Itapemirim, representam realidades e resultados inteiramente diversos. Mas estão ligadas à experiência Escolinha de Arte do Brasil dentro de uma linha filosófica, dentro de uma atitude e expectativa, de uma forma de educação inteiramente diversa da que caracterizava e caracteriza o nosso sistema educacional... E se cada Escolinha – pelos seus ideais e princípios – se liga à experiência-mãe da Escolinha de Arte do Brasil, por outro lado caminha independentemente em seu processo de desenvolvimento, autônoma na dimensão que lhe conferem aqueles que a constituem, que fundamentam e orientam a experiência³⁴⁷.

Conforme um material informativo da década de 1970 da Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte (Sobreart), o Movimento Escolinhas de Arte possibilitava “[...] intercâmbio de experiências, exposições, participação em

³⁴⁵ BARBOSA, Ana Mae. Entre Memória e História. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014b, p. 5.

³⁴⁶ BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Cortez Editora, 2015b, p. 183.

³⁴⁷ VARELA, Noemia. In: RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 70-71.

congressos e conferências, em países da Europa e da América Latina [...]”³⁴⁸. A EAB reuniu desenhos e pinturas produzidos por crianças e adolescentes de diversas Escolinhas de Arte para levar para exposições internacionais. Esses materiais foram exibidos no México, Reino Unido, Japão, França, Chile, Itália, Argentina, Holanda, Espanha, República Tcheca, Paraguai, China, Coréia do Sul, Áustria, Venezuela, Filipinas, Índia, Iugoslávia, Alemanha e El Salvador³⁴⁹.

Aconteceram também encontros das Escolinhas de Arte, sendo o primeiro deles realizado em 1961³⁵⁰. Em um desses encontros, promovido pela Escolinha de Arte do Brasil e realizado de 17 a 21 de julho de 1972 no Centro Educacional Calouste Gulbenkian³⁵¹, no Rio de Janeiro, foram delineados os postulados do MEA:

Respeito ao ser humano, à sua capacidade de criar, levando-o a encontrar na arte formas de se realizar e expressar o conhecimento de si mesmo como ser atuante em busca da liberdade. O encontro da “liberdade individual”, no ato de criar, levará o homem a um “novo humanismo” fundamentado na paz³⁵².

Nesse mesmo Encontro de 1972, chegou-se às seguintes conclusões em decisão conjunta dos representantes das Escolinhas de Artes participantes no evento:

Necessidade da Escolinha de Arte do Brasil se constituir em centro revitalizante e gerador das ideias de Educação através da arte, sendo veículo dessas ideias os professores que nela se formaram nas bases já expostas; Necessidade de Encontros desse tipo para se manter a unidade do Movimento; Necessidade da renovação pela análise e crítica constante de experiências que sejam vistas como sínteses criadoras temporárias e suscetíveis de mudanças no campo de arte na educação; Necessidade da penetração das escolinhas no interior, estimulando centros de cultura, capazes de favorecer o próprio crescimento da Escola e do meio ambiente³⁵³.

³⁴⁸ SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE. **Arte-movimento**. Rio de Janeiro: Sobreart, [1974?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁴⁹ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p.87.

³⁵⁰ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p.78.

³⁵¹ ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 12, jul.1972, p. 1. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁵² RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 80.

³⁵³ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 81-82.

Esse Encontro contou com a participação de 200 educadores de várias regiões do Brasil e também do exterior³⁵⁴. Na figura 48, vê-se Iara de Mattos Rodrigues representando a Escolinha de Arte da UFRGS durante o Encontro das Escolinhas de Arte de 1972.

Figura 48 – Fotografia de Iara de Mattos Rodrigues (primeira à esquerda) no Encontro das Escolinhas de Arte de 1972.



Fonte: ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 12, jul. 1972, p. 5.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Além dos encontros, congressos e conferências, havia também trocas de correspondências entre a EAB e outras Escolinhas. Em uma carta assinada por Augusto Rodrigues, datada de 18 de dezembro de 1962, destinada a Edith de Oliveira Belli, da Escolinha de Arte de João Pessoa, Augusto indica iniciativas de outras Escolinhas que poderiam servir de inspiração. Primeiro, menciona a relação da Escolinha de Arte Infantojuvenil de Porto Alegre, que pertencia à Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, com o sistema escolar do Rio Grande do Sul, e passa o contato da professora Lygia Dexheimer, diretora daquela Escolinha. Em seguida, indica os contatos de Ana Maria Lucena Cavalcanti, Maria Luiza Rocha, Myriam Didier e Ana Mae Barbosa, então professoras da Escolinha de Arte do Recife, para troca de experiências, palestras, exposições e cursos intensivos. Por último, sugere que os professores da Escolinha de Arte de João Pessoa busquem formação nos cursos intensivos da Escolinha de

³⁵⁴ ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 12, jul. 1972, p. 1.
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Arte do Brasil, informando que era possível conseguir bolsas de estudo para o ano seguinte por meio do INEP, à época denominado de Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos³⁵⁵.

Segundo os documentos levantados, as relações entre as Escolinhas de Arte eram de proximidade, de compartilhamento de ideias e de mútuo reconhecimento. Como já mencionado no início deste capítulo, o Rio Grande do Sul foi o estado brasileiro que mais teve Escolinhas no âmbito do MEA. No próximo item, trago algumas informações sobre esse movimento em terras gaúchas.

5.3 MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE NO RIO GRANDE DO SUL

A segunda Escolinha de Arte que foi aberta no Brasil, um ano após a criação da EAB, foi em Porto Alegre. Tratou-se da Escolinha de Arte do Círculo Militar de Porto Alegre, fundada em 1949 pelo Major Fortunato e a esposa Edna Sóter. Após conhecerem a EAB e trabalhar com os primeiros professores daquele espaço por um período, eles resolveram abrir uma Escolinha em Porto Alegre³⁵⁶. Depois de alguns anos, Fortunato e Edna se mudaram para Santa Maria onde continuaram com a iniciativa, que ganhou o novo nome de Escolinha do Círculo Militar de Santa Maria³⁵⁷.

As duas Escolinhas de Arte que tiveram o maior destaque no Rio Grande do Sul foram a Escolinha de Arte da UFRGS, fundada em 1960, e a Escolinha de Arte Infanto-Juvenil de Porto Alegre – a partir de 1984 denominada como Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE) –, fundada em 1961 por uma iniciativa da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado (SEC)³⁵⁸. Como foi mencionado no subcapítulo “Lideranças das diretoras Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues” desta dissertação, Iara de Mattos Rodrigues e outras professoras e alunas do Instituto de Artes da UFRGS fizeram o CIAE na Escolinha de Arte do

³⁵⁵ RODRIGUES, Augusto. [Correspondência]. Destinatário: Edith de Oliveira Belli. Rio de Janeiro, 18 dez. 1962. 1 carta.

³⁵⁶ RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 71-72.

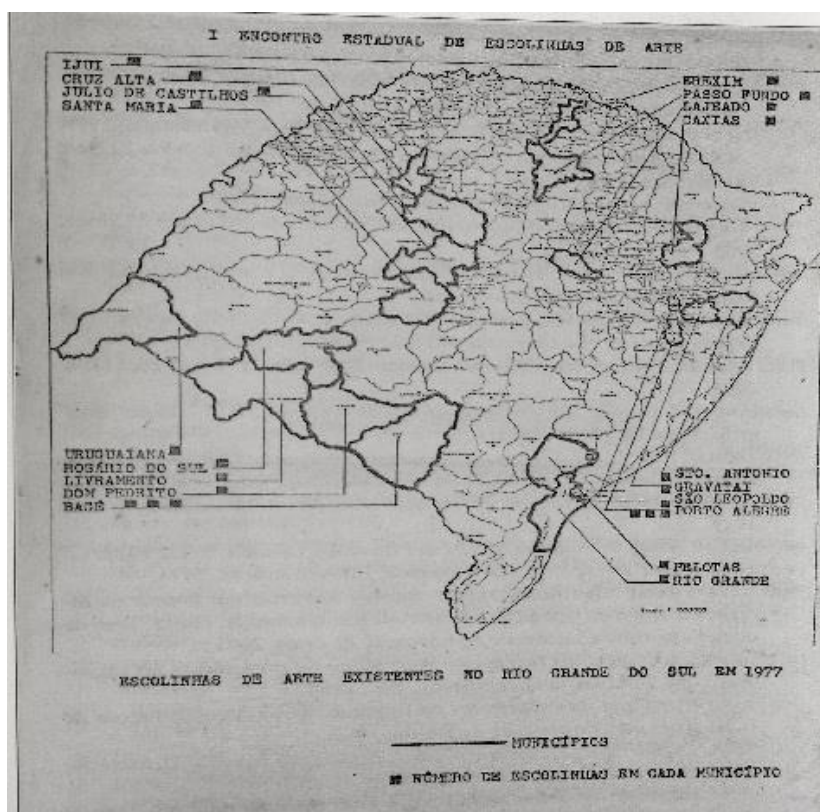
³⁵⁷ VARNIERI, Maria Lúcia. Maria Lúcia Varnieri: depoimento [nov. 2017]. Porto Alegre: 2018. Informação recebida por e-mail, concedida para a dissertação.

³⁵⁸ CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO. **CDE 30 anos**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 1990.

Brasil para depois criar a Escolinha na universidade com Alice Soares. O mesmo aconteceu com as professoras Lygia Dexheimer, Ali Sheik e Carmen Weeck dos Santos, que após o curso intensivo na EAB fundaram a Escolinha de Arte Infanto-Juvenil de Porto Alegre³⁵⁹.

Na figura 49, é possível visualizar onde estavam localizadas as Escolinhas de Arte em várias cidades gaúchas: Porto Alegre, São Leopoldo, Gravataí, Santo Antônio da Patrulha, Caxias do Sul, Lajeado, Passo Fundo, Erechim, Ijuí, Cruz Alta, Júlio de Castilhos, Santa Maria, Uruguaiana, Rosário do Sul, Livramento, Dom Pedrito, Bagé, Pelotas e Rio Grande³⁶⁰.

Figura 49 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização das Escolinhas de Arte do estado.



Fonte: BARBOSA, Ana Mae. Entre Memória e História. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014b, p. 23.

De acordo com um depoimento de Iara de Mattos Rodrigues ao jornal Folha da Tarde, ela considerava que as Escolinhas do Rio Grande do Sul tinham

³⁵⁹ CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO. **CDE 30 anos**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 1990.

³⁶⁰ BARBOSA, Ana Mae. Entre Memória e História. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014b, p. 23.

condições de exercerem a liderança do MEA, depois do Rio de Janeiro ³⁶¹. Em outra declaração, Iara comenta sobre a presença constante de Augusto Rodrigues nas Escolinhas do Rio Grande do Sul:

Foi uma proliferação de Escolinhas! Augusto Rodrigues parecia estar sempre aqui, tantas vezes vinha. Era admirado por todos. Sua personalidade carismática, para aqueles que o conheceram, foi marcante e decisiva. Idealista e realizador, creio que se abastecia aqui. Quando estava para chegar, era um acontecimento muito especial. O pessoal do interior vinha pra cá, para estar com ele. Às vezes, conseguiam levá-lo para as suas cidades. Sentia-se realizado. Ficava feliz com essa euforia toda da gauchada. Quando ele chegava para exposições e comemorações da nossa Escolinha, e da SEC, ou outras (ele conhecia quase todas as Escolinhas do interior), quando era convidado para expor suas pinturas e desenhos no Museu Universitário, no Museu do Estado ou nas Galerias de Arte, estava sempre rodeado de amigos. Já tinha, esperando por ele, com data e hora marcada, o auditório do Instituto de Artes da UFRGS, para uma palestra. As turmas de alunos, com seus professores, desciam das aulas para ouvi-lo, mesmo ele dizendo que era anti-discursivo e que se sentia melhor falando para pequenos grupos. Mas todos queriam ouvir o que ele dizia, queriam perguntar, questionar, acreditar – e até duvidar ³⁶².

A força das Escolinhas de Arte no Rio Grande do Sul fez com que fosse realizado um encontro para as Escolinhas do estado. O I Encontro Estadual das Escolinhas de Arte aconteceu nos dias 4, 5 e 6 de maio de 1977, organizado pela Escolinha de Arte da UFRGS, a Escolinha de Arte Infanto-Juvenil de Porto Alegre e a Sobreart/RS³⁶³. Participaram 65 professores de 16 Escolinhas de Arte do Rio Grande do Sul, com palestras de Augusto Rodrigues, Noemia Varela e Lúcia Valentim³⁶⁴. Segundo uma notícia do Jornal Arte & Educação, nesse Encontro: “cada Escolinha inscrita mostrou, através de documentação e relatos de experiência, a dinâmica e abrangência de seu trabalho”³⁶⁵. Na figura 50, a seguir, identifica-se Augusto Rodrigues ao lado de professores que participaram do evento.

³⁶¹ LAZER ou a vida nova através da criação. **Folha da Tarde**, São Paulo, p. 40, abr. 1975. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁶² RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

³⁶³ ESCOLINHAS de Arte marcam seu 1º Encontro Estadual. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 abr. 1977.

³⁶⁴ ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 6, n. 21, set. 1977, p. 7. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁶⁵ ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 6, n. 21, set. 1977, p. 7. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 50 – Fotografia de Augusto Rodrigues e professores no I Encontro Estadual das Escolinhas de Arte, em 1977.



Fonte: [FOTOGRAFIA de professores com Augusto Rodrigues]. 1977. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5.4 RELAÇÕES DA ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS COM A ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Para finalizar este capítulo, apresento alguns indícios do vínculo que havia entre a Escolinha de Arte da UFRGS e a Escolinha de Arte do Brasil. Em diversas fontes aparece que a Escolinha de Arte do Brasil foi uma grande inspiração para a Escolinha de Arte da UFRGS. No texto do projeto da Escolinha de Arte da UFRGS, de 1995, é apontado que os seus criadores intentaram instituir um “núcleo de apoio” ao movimento de arte/educação que, no Brasil, foi iniciado com a Escolinha de Arte

do Brasil³⁶⁶. Nas palavras de Iara de Mattos Rodrigues, havia uma simbiose entre as duas Escolinhas:

[...] estávamos sempre no Rio e na Escolinha de Arte do Brasil. Participei de vários Cursos Intensivos – às vezes chegava na metade de um. Chegava sempre a tempo para a visita do pessoal do Curso da EAB ao Hospital Psiquiátrico, onde a doutora Nise da Silveira fazia seu extraordinário trabalho com arte, caminho para a cura, com seus pacientes, em Engenho de Dentro – hoje Museu da Imagem do Inconsciente. Aquilo me impressionava demais. A partir dessa simbiose assumida e incorporada às nossas muitas idas e vindas à EAB, mergulhamos no trabalho, enfaticamente, obsessivamente, como se fôssemos salvar o mundo – e era o que pensávamos³⁶⁷.

Assim como aconteceu com Iara, outros professores da Escolinha de Arte da UFRGS, ao longo da história da instituição, também fizeram os cursos intensivos da EAB. Além da participação nos cursos intensivos, como já foi mencionado, Augusto Rodrigues esteve presente em diversas ocasiões nas Escolinhas do Rio Grande do Sul. Na Escolinha de Arte da UFRGS, a sua presença era ainda mais frequente, pois ele participou de exposições de desenhos e pinturas dos alunos, conferências e até de entrevistas para meios de comunicação³⁶⁸. Iara de Mattos Rodrigues demonstrou em uma carta admiração pelo legado deixado por Augusto:

Augusto Rodrigues deixou para todos um legado vivo, de ação e coragem, de harmonia e beleza, de afetividade e fraternidade. Deu-nos a consciência de que o homem pode vir a ser melhor, se lhe forem oferecidas possibilidades de chegar, algum dia, a compreender-se como criador³⁶⁹.

Iara também comenta na mesma carta que possuía um sentimento de gratidão em relação à Escolinha de Arte do Brasil e às figuras de Augusto Rodrigues e Noemia Varela: “aprendi com Augusto Rodrigues, Noemia Varela e a EAB muito

³⁶⁶ RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁶⁷ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. *Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também!* 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

³⁶⁸ PROGRAMA ENFOQUE. Porto Alegre: TVE, [1990]. Duração: 48min. Entrevista com: Augusto Rodrigues, Iara de Mattos Rodrigues, Elton Manganelli, Maria Lúcia Varnieri e Teresa Poester. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G-tqt2oqmL0>. Acesso em: 21 abr. 2018.

³⁶⁹ RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. *Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também!* 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

do que sei. A eles devo grande parte do que sou. A eles devemos o que nos foi dado realizar”³⁷⁰. Neste excerto, Iara escreve no singular, sobre a sua aprendizagem com Augusto e Noemia, e também no plural, indicando a importância que a EAB significou para a Escolinha de Arte da UFRGS.

Em várias reportagens também é mencionada a inspiração da Escolinha de Arte da UFRGS na Escolinha de Arte do Brasil, enfatizando, principalmente, o papel de Augusto Rodrigues nesse processo. Em uma notícia do jornal Zero Hora, de 11 de março de 1989, é dito que: “o método da escolinha [de Arte da UFRGS] é todo vinculado ao de Augusto Rodrigues, que iniciou com as escolinhas de arte no Brasil há 40 anos”³⁷¹. Em uma reportagem do Correio do Povo, de 1968, essa relação também é evidenciada:

O movimento liderado por Augusto Rodrigues foi repercutido e influenciou um grupo de professores e ex-alunos da Escola de Arte [Instituto de Artes da UFRGS], que fundou em 15 de setembro de 1960 a nossa atual Escolinha, que tem proporcionado a crianças e adolescentes inteira liberdade criativa e os melhores meios de expressão artística dentro dos mais atualizados métodos de arte na Educação³⁷².

Outra matéria mais recente, de 2006, do Jornal da Universidade, apresenta a criação da Escolinha de Arte da UFRGS diretamente ligada ao movimento iniciado com a Escolinha de Arte do Brasil:

Criada [a Escolinha de Arte da UFRGS] em 15 de setembro de 1960 como produto do movimento que se opunha aos moldes da educação formal, iniciado no Rio de Janeiro em 1948, a entidade tem o objetivo de reunir artistas, professores e ex-alunos do Instituto [de Artes da UFRGS], na tarefa de difundir a arte-educação como um meio de libertação e descoberta³⁷³.

A partir da leitura dos documentos, é possível perceber que a relação entre a Escolinha de Arte da UFRGS e a Escolinha de Arte do Brasil era feita de maneira horizontal e afetiva, com o estabelecimento de mútua admiração. Poderíamos

³⁷⁰ RODRIGUES, Iara de Mattos. [Correspondência]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também! 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

³⁷¹ FONTANIVE, Lucia. A liberdade de expressão. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 mar. 1989. Arte, p. 4. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁷² O MUNDO fantástico da criança em sua arte. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 nov. 1968. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁷³ TORRES, Sonia. Escolinha de artes: 46 anos de amor. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2006. Campus, p. 7. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

analisar essa relação por meio do conceito de “ajustamento”³⁷⁴ definido por Eric Landowski. Segundo Landowski, o ajustamento é uma forma de interação que acontece pelo contágio, pela partilha, pelo contato entre as sensibilidades das partes envolvidas³⁷⁵. Nas palavras de Landowski: “estamos lidando agora com uma interação entre iguais, na qual as partes coordenam suas dinâmicas por meio de um *fazer conjunto*. E o que lhes permite ajustar-se assim uma à outra é uma capacidade nova [...]: a capacidade de *sentir* reciprocamente.”³⁷⁶.

Esse conceito de “ajustamento” pode ser entendido como o modo de interação que era estabelecido no cerne do Movimento Escolinhas de Arte. Como foi dito no início deste capítulo, não se objetivava copiar o que era feito na Escolinha de Arte do Brasil, mas sim buscar ressonâncias para que, nas palavras já citadas de Noemia Varela, as Escolinhas estivessem ligadas por um mesmo ideal de uma educação criadora pela arte, mas também fossem genuinamente autênticas, independentes e diversas entre si³⁷⁷.

³⁷⁴ LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, p. 50.

³⁷⁵ LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, p. 50.

³⁷⁶ LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014, p. 50.

³⁷⁷ VARELA, Noemia. In: RODRIGUES, Augusto (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980, p. 70-71.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim [...]”³⁷⁸. Essa citação de Michel de Certeau representa o modo como percebo a conclusão desta pesquisa de mestrado: não pretende apresentar-se como uma história definitiva sobre a Escolinha de Arte da UFRGS, mas como uma leitura possível, feita a partir de minhas interpretações dos documentos e das entrevistas. O texto chegou ao final, mas espera-se que possa contribuir para outros estudos, que irão trazer diferentes e novas perspectivas.

O objetivo de analisar como a Escolinha de Arte da UFRGS foi constituída é proveniente da pesquisa dos fundamentos que a alicerçaram e das ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte. Para tal, foi feita uma análise dos quatro pilares que a embasaram: ateliê, exposições dos trabalhos artísticos dos alunos, Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE) e o acervo dos desenhos e pinturas produzidos ao longo da história dessa Escolinha de Arte. O trabalho trouxe, também, uma reflexão sobre as diretoras Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues, e contou as experiências de três professores da Escolinha que são também artistas visuais. Já as relações da Escolinha de Arte da UFRGS com o Movimento Escolinhas de Arte foram estudadas a partir do conceito de “ressonância” de Stephen Greenblatt.

A relevância dessa pesquisa de mestrado para a área da educação, em especial para o ensino de artes visuais, está em tecer uma abordagem histórica da Escolinha de Arte da UFRGS e de suas relações com o Movimento Escolinhas de Arte. Para essa finalidade, foram coletados 196 documentos, com a maior parte oriunda do acervo da Escolinha de Arte da UFRGS que está no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS. Outras fontes também foram levantadas com pesquisadores da área da arte/educação e com os professores entrevistados Maria Lúcia Varnieri, Jailton Moreira, Marilice Corona e Teresa Poester.

Os teóricos de referência são de três áreas do conhecimento: da arte/educação, principalmente nos escritos de Herbert Read, Ana Mae Barbosa e Rosa Lavelberg; da história, com base em Michel de Certeau, Roger Chartier e Peter Burke; e da semiótica discursiva, em estudos de Eric Landowski. A partir de Michel

³⁷⁸ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008, p. 94.

de Certeau, Roger Chartier e Peter Burke, teço algumas perspectivas da história cultural na qual a pesquisa se identifica. Ao entrelaçar leituras de Herbert Read, Ana Mae Barbosa e Rosa Iavelberg, entre outros autores da arte/educação, sustento a análise dos fundamentos que permearam a Escolinha de Arte da UFRGS, entre eles a livre expressão, a criatividade, a espontaneidade, a sensibilidade, a inventividade e o pensamento crítico. Com o apoio em Eric Landowski é utilizado, em especial, o conceito de “ajustamento”.

Entre as conclusões verificadas na pesquisa, percebeu-se a relevância da Escolinha de Arte da UFRGS para a história da arte/educação brasileira como um lugar em que crianças, adolescentes e adultos vivenciavam experiências criadoras que possibilitavam o desenvolvimento de suas potencialidades. O intuito não era formar artistas, nem reunir pessoas com aspiração de o serem, mas propiciar vivências criativas para todos que ali chegavam. Essas vivências aconteciam, principalmente, em um espaço de ateliê no qual os alunos mantinham contato com diversos materiais e linguagens artísticas.

Como foi possível verificar, a Escolinha de Arte da UFRGS promovia um ambiente de afeto e de confiança entre alunos e professores, sendo que os alunos se sentiam acolhidos e respeitados em suas particularidades. Valorizava-se a dignidade de todo ser humano por meio do respeito às diferenças. A competição não era estimulada por notas, classificações ou comparações. Os alunos podiam criar com liberdade, sem ser avaliados pelo que produziam, assim como tinham a oportunidade de expor seus trabalhos em espaços culturais de Porto Alegre. Por meio das exposições, era também divulgada a filosofia de trabalho da Escolinha, baseada na livre expressão e no processo gráfico-plástico da criança.

Outros fundamentos da Escolinha de Arte da UFRGS eram a criatividade, a espontaneidade, a sensibilidade, a inventividade e o pensamento crítico, que eram colocados em prática no cotidiano da Escolinha. O intuito era potencializar a formação de sujeitos mais sensíveis, livres, criadores e críticos em um espaço fértil de experiências poéticas em que podiam desenvolver sua dimensão criadora.

Outra característica evidenciada foi a integração entre teoria e prática no Curso Intensivo de Arte-Educação e na atuação dos professores na Escolinha. O fato de ter sido fundada por artistas e de os professores serem formados pelo Instituto de Artes fez com que, desde a criação da Escolinha, fossem incentivadas experiências artísticas aos alunos. A liderança da Escolinha de Arte da UFRGS por

mulheres também é um aspecto a ser destacado, em razão do trabalho de Alice Soares e, por 40 anos, da direção de Iara de Mattos Rodrigues, assim como a atuação majoritária de professoras ao longo da história do espaço.

Por fim, o último capítulo indica que a Escolinha de Arte da UFRGS estava inserida no âmbito do Movimento Escolinhas de Arte e que manteve um relacionamento estreito com a Escolinha de Arte do Brasil durante décadas. Apesar da inspiração da criação da Escolinha de Arte da UFRGS ter sido a EAB, elas eram diversas e possuíam características próprias. Desse modo, as relações entre as Escolinhas que participavam do MEA são percebidas pelo conceito de “ressonância”, pois havia permutas e compartilhamentos de práticas e ideias, mas também havia autenticidade e autonomia de cada Escolinha.

Durante a pesquisa e a escrita da dissertação, surgiram outras possibilidades de abordagens sobre a Escolinha de Arte da UFRGS. Indico alguns desdobramentos que podem ser realizados a partir do que foi apresentado nesta pesquisa. Para trabalhos futuros, é possível aprofundar o estudo de um ou mais dos quatro pilares analisados: ateliê, exposições, CIAE e acervo. De modo semelhante, investigar outras relações das diretoras Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues com a Escolinha de Arte da UFRGS e com o Movimento Escolinhas de Arte. É também viável analisar o papel de professores de outras áreas além das Artes Visuais, como Música e Teatro, que atuaram na Escolinha.

Outro tema que seria muito interessante é analisar o acervo de 15 mil desenhos e pinturas dos alunos da Escolinha que estão no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS. Outro seria pesquisar sobre o Movimento Escolinhas de Arte no Rio Grande do Sul e entender o porquê de ter sido o estado que mais apresentou adesão ao movimento. É também possível investigar o modo como a universidade percebia e considerava a Escolinha de Arte da UFRGS, a partir da consulta a outros acervos e arquivos, como o Arquivo da Reitoria e a reserva técnica do Museu da UFRGS. Essas sugestões não intencionam esgotar os temas e recortes sobre a Escolinha de Arte da UFRGS, pois muitos outros são possíveis.

Para finalizar, importa ressaltar a relevância da Escolinha de Arte da UFRGS para a história da arte/educação do país. Por isso, é essencial preservar o acervo e os documentos dessa Escolinha, que possibilitaram a construção dessa abordagem de sua história. Espera-se que muitas outras histórias ainda sejam contadas.

No contexto da atual política brasileira, orientada por projetos de educação neoliberais, autoritários e conservadores, a Escolinha de Arte da UFRGS pode servir como inspiração e esperança para os educadores, por ter sido uma experiência em que a liberdade, a inventividade, a sensibilidade e o pensamento crítico eram vivenciados. Retomando a citação de Eduardo Galeano apresentada nesta dissertação, utopia é colocar-se em movimento. Na Escolinha de Arte da UFRGS, a utopia era realidade.

REFERÊNCIAS

[FOTOGRAFIA de adultos na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de Alice Soares no I Encontro Estadual de Escolinhas de Arte]. 1977. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de alunos e professores na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de crianças com Iara Rodrigues]. [197-]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de crianças na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-a]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de crianças na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-b]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de crianças na Escolinha de Arte da UFRGS]. [197-c]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de Iara Rodrigues e Augusto Rodrigues]. 1977. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de Iracema Cafruni, Alice Brueggemann, Alice Soares, Berenice Gorini, Zely Moraes, Maria Elisabeth Prates, Dione Greca de Moraes, Luiz Carlos Rothmann e Iara de Mattos Rodrigues]. [196-]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de professores com Augusto Rodrigues]. 1977. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA do Projeto Aldeia das descobertas]. [197-?]. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[FOTOGRAFIA de Jailton Moreira]. 1985. 1 fotografia. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

10º ANIVERSÁRIO da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos da Escola de Artes da UFRGS. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A AVENTURA de criar: 25 anos em exposição. **Zero Hora**, Porto Alegre, 1 ago. 1986. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A AVENTURA de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS. Porto Alegre: Aprata, 2010. DVD (30min), color.

ADRIANO. [**Desenho**]. 1972. 1 desenho. Desenho feito por Adriano, 5 anos, na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 9 nov. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AINDA o importante trabalho de Alice Soares. **O Pelotense**, Pelotas, 1 nov. 1976. Social e Cultural, Artes plásticas. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A INFÂNCIA das telas de Alice Soares. **A Razão**, Santa Maria, ano 54, n. 140, 28 abr. 1988. Segundo A Razão. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A TELEVISÃO. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 28 a 29 mar. 1987. Saco de Gatos, p. 17. Suplemento infantil organizado pela Escolinha de Artes da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALENCAR, Heron. Notícia biográfica de Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: [s. n.], [1963]. Texto do catálogo de uma exposição de Augusto Rodrigues realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALICE Soares em nova individual. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 14 maio 1977. Caderno de sábado.

ALICE Soares: o desenho pra mim é uma forma de vida. [S. l.], [197-]. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALICE Soares: uma arte que foge do intelectualismo. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Cultura, p. 8. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ALVES, Flávia Camargo Leal. **A escolinha de arte da UFRGS e o ensino modernista**: algumas tessituras históricas, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. Anais do 26º Encontro da ANPAP. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.1717-1727.

ANDRADA, Maria Borges Ribeiro. **Escolinha de Arte do Brasil**: a modernidade alcança a educação. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

ANTÔNIO, Ricardo Carneiro. **Arte na educação**: o projeto de implantação de Escolinhas de Arte nas escolas primárias paranaenses. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2008. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/teses/D08_antonio.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

A POLÍTICA. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 14 a 15 maio 1988. Saco de Gatos, p. 17. Suplemento infantil organizado pela Escolinha de Artes da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 1, jan. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 2, fev. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 3, mar. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 4, abr. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 5, maio 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 6, jun. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 7, jul. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 8, dez. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 9, jan. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 10, fev./mar. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 11, abr./maio 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 12, jul. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 1, n. 13, ago. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 3, n. 14, jul. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 3, n. 15, out. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 3, n. 16, dez. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 4, n. 17, mar. 1975. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 4, n. 18, 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 5, n. 19, jul. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 6, n. 20, jul. 1977. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 6, n. 21, set. 1977. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 6, n. 22, dez. 1977. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTE & EDUCAÇÃO. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, ano 6, n. 23 e 24, mar./jul. 1978. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ARTES. São Paulo: [s. n.], ano VI, n. 9, 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AS CRIANÇAS vibram, brincam e aprendem. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 dez. 1986. Segundo Caderno. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **[Relação da diretoria da associação de 1959 a 1982]**. Porto Alegre: [s. n.], [1982?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010**. Porto Alegre: Algo Mais, 2010. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Estatutos** - da associação. Porto Alegre: [s. n.], 1973. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL. **Prestação de Serviços**. Porto Alegre: [s. n.], 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A UNIVERSIDADE abre seus espaços para realizar uma programação inédita na cidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, 4 jul. 1986. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. **A Abordagem triangular no ensino das artes como teoria e a pesquisa como experiência criadora**. Jaboatão dos Guararapes: SESC, 2016.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. **Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa**. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. Movimento Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014a.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (Orgs.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015a.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Ensino da arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014b.

BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Cortez Editora, 2015b.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARBOSA, Luiz Carlos. **Livres, reinventam a escola**. [S. l.], 1985. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**: da escolha do tema ao quadro teórico. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BELLARDO, Waldirene Sawozuk. **A escolinha de arte do Paraná no âmbito das concepções e políticas sobre o ensino de arte**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

BENETTI, Téoura. **História da Escolinha de Artes do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria/RS**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

BINS, Patrícia. Educação pela arte. **Correio do Povo**, 28 out. 1981. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto Alegre: Porto Editora, 1994.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 75, jan./jul. 2005.

BORGES, Ana Lúcia Gonçalves Paraizo. **O ensino da arte e Escolinha de Arte do Brasil**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Docência do Ensino Fundamental e do Grau Médio) - Instituto de Pesquisas Sócio-Pedagógicas, Universidade Candido Mendes, 2001. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/17/ANA%20LUCIA%20GONCALVES%20PARA%20IZO%20BORGES.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRITES, Blanca et al. **100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS**: três ensaios. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

BRITES, Blanca; CARVALHO, Ana Albani. **Alice Brueggemann & Alice Soares**. Porto Alegre: Galeria de Arte Mosaico, 1998.

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 2011.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CENTRO Cultural da UFRGS inicia atividades hoje. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 jul. 1986. Segundo Caderno. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO. **CDE 30 anos**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra J. **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2001, p. 117.

CORONA, Fernando. Sonho, esperança, amor. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 set. 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CORONA, Marilice. **[Catálogo]**. Espaço de jogo – a cópia, 2010. Óleo sobre tela, 190 x 126 cm. Porto Alegre: Espaço Cultural ESPM, 2010.

CORONA, Marilice. **[Depoimento]**. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CORONA, Marilice. Marilice Corona: entrevista [maio 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

CORONA, Marilice. In: Homenagem à Iara de Mattos Rodrigues “Iarinha”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

CORONA, Marilice. Escolinha de Artes. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2015. Ensaio, p. 16. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COSTA, Leocádia Rios Pinto. **A aventura de criar: 50 anos da Escolinha de Arte do RS**. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Arte educação) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2011.

CRIANÇAS de Munique mostram sua cidade aos amiguinhos gaúchos. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 18 set. 1964. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CRIANÇAS gaúchas criam com liberdade. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 5, 15 nov. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIA de muita movimentação. **Jornal da UFRGS**, Porto Alegre, p. XIII, jul. 1986. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DISCOS VOADORES. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 31 jan. 1987. Saco de Gatos, p. 13. Suplemento infantil organizado pela Escolinha de Artes da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 24. ed. São Paulo, 2012.

EFLAND, Arthur. **A history of art education: intellectual and social currents in teaching the visual arts**. New York: Teachers College Press, 1990.

EFLAND, Arthur; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. **La educación en el arte posmoderno**. Barcelona: Paidós, 2003.

ELEIÇÕES 86. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 15 nov. 1986. Saco de Gatos. Suplemento infantil organizado pela Escolinha de Artes da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ENCERRA-SE hoje a I Mostra de Escolinhas de Arte. **Diário da Manhã**, Passo Fundo, 13 jun. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ENTREVISTA com Augusto Rodrigues. [S. l.], 1963. Transcrição escrita à mão da gravação de uma entrevista com Augusto Rodrigues por ocasião dos seus 50 anos. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ÉRICO. [**Desenho**]. 1990. 1 desenho. Desenho feito por Érico, 11 anos, na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 11 maio 1990. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Carta aos pais "Projeto Aldeia das Descobertas"**]. Destinatário: Pais. Porto Alegre, 1987. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite "Aldeia das Descobertas"**]. Destinatário: Pais. Porto Alegre, 1977. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite "Aldeia das Descobertas"**]. Destinatário: Pais. Porto Alegre, 1987. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 21 de novembro de 1966**]. Porto Alegre, 1966. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de**

1968]. Porto Alegre, 1968. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1968**]. Porto Alegre, 1970. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1972**]. Porto Alegre, 1972. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1974**]. Porto Alegre, 1974. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1975**]. Porto Alegre, 1975. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1976**]. Porto Alegre, 1976. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1977**]. Porto Alegre, 1977. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1979**]. Porto Alegre, 1979. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1980**]. Porto Alegre, 1980. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1981**]. Porto Alegre, 1981. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1982**]. Porto Alegre, 1982. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1983**]. Porto Alegre, 1983. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1984-1985**]. Porto Alegre, 1984. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1986**]. Porto Alegre, 1986. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1987**]. Porto Alegre, 1987. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1988**]. Porto Alegre, 1988. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1990**]. Porto Alegre, 1990. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de**

1992]. Porto Alegre, 1992. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1993**]. Porto Alegre, 1993. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1996**]. Porto Alegre, 1996. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1997**]. Porto Alegre, 1997. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1998**]. Porto Alegre, 1998. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 1999**]. Porto Alegre, 1999. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2000**]. Porto Alegre, 2000. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2001**]. Porto Alegre, 2001. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2002**]. Porto Alegre, 2002. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2003-2004**]. Porto Alegre, 2003. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2004**]. Porto Alegre, 2004. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2006 anual**]. Porto Alegre, 2006a. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2006 B**]. Porto Alegre, 2006b. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2007**]. Porto Alegre, 2007. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2007-2008**]. Porto Alegre, 2007. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2008**]. Porto Alegre, 2008. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição de 2010**]. Porto Alegre, 2010. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Convite para inauguração da exposição**

"**Saco de Gatos**" de 1987]. Porto Alegre, 1987. 1 convite. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. [**Texto sobre os 19 anos da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS**]. Porto Alegre: [s. n.], 1979. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Aldeia das descobertas**. Porto Alegre: [s. n.], [197-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **A Sala de aula**. Porto Alegre: [s. n.], [200-]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Projeto Aldeia das descobertas**. Porto Alegre: [s. n.], 1980. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Bibliografia**. Porto Alegre: [s. n.], [199-]. Bibliografia do Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE), da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre). Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Educar através da arte**. Porto Alegre: [s. n.], [199-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Estágio supervisionado**. Porto Alegre: [s. n.], 1972. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA DE ARTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL DOS EX-ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS. **Memórias da Expressão**. Porto Alegre, 2015. 4 p. Folder elaborado para exposição Memórias da Expressão. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHA de arte: desde ontem no I. Belas Artes. **Jornal Última Hora**, Rio de Janeiro, 17 set. 1960. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHAS de Arte já são uma iniciativa vitoriosa. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 30 abr. 1977. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ESCOLINHAS de Arte marcam seu 1º Encontro Estadual. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 12 abr. 1977.

ESCOLINHA de Artes promove exposição anual, explicando método de trabalho. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 24, 22 nov. 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

EXPOSIÇÃO da Escolinha de Arte da UFRGS que teve a presença de Augusto Rodrigues. Produção da Escolinha de Arte da UFRGS. Porto Alegre: [s. n.], [198-?]. 1 fita de vídeo (28 min), VHS, son., color.

IARA DE MATTOS RODRIGUES (1933-2005). [S.l: s. n.], [200-]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FABRIS, Annateresa. (Org.). **Modernidade e modernismo no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1994.

FERRAZ, Heloísa; FUSARI, Maria. **Metodologia do ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FIGUEIREDO, Terezinha Tellini. Na escolinha de Artes, a criatividade é respeitada. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 30, 15 set. 1969. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FONTANIVE, Lucia. A liberdade de expressão. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 mar. 1989. Arte, p. 4. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Noemia Varela e a Arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

GALEANO, Eduardo. **El derecho al delirio**. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m-pgHIB8QdQ>. Acesso em: 13 jun. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

GOLIN, Cida. Quando um saco de gatos invade a galeria. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 16 nov. 1987. Cultura, p. 13. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 250, 1991.

GUIDO, Ângelo. Uma escolinha para a alegria de criar. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 10 abr. 1966. 2º Caderno, p. 4-5. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HAUSSEN, Patrícia. **[Texto sobre a história da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes]**. [Porto Alegre]: [s. n.], 2008. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HOHLFELDT, Antônio. 20 anos da obra de Alice Soares é grande exposição que hoje se inicia. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

IABELBERG, Rosa. **Arte/educação modernista e pós-modernista: fluxos na sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2017.

JOÃO VITOR. **[Pintura]**. 2007. 1 pintura. Pintura feita por João Vitor na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 16 ago. 2007. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

KAPLAN, Sheila. Augusto Rodrigues: 52 anos de arte e 70 de amor aos outros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1983. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

KINCHELOE, Joe Lyon; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2014a.

LANDOWSKI, Eric. Para uma semiótica sensível. **Educação & Realidade**, v. 30, n. 2, p. 93-106, jul./dez. 2005.

LANDOWSKI, Eric. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014b.

LAZER ou a vida nova através da criação. **Folha da Tarde**, São Paulo, p. 40, abr. 1975. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LEÃO, Adriana Carneiro. **[Depoimento]**. [S. /], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LOWENFELD, Viktor. Orientações sobre o que deve e o que não deve ser feito com respeito à Educação Artística da criança. In: SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, 1. [Bagé]: FUnBa, [197-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LIBERDADE de criação na formação da criança. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, p. 9, maio 1981. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de. Escolinha de Arte de São Paulo: instantes de uma história. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110339>. Acesso em: 20 nov. 2018.

LISBOA, Luiz Carlos. O grafismo linear de Alice Soares. **Zero Hora**, Porto Alegre, 10 out. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do

Rio Grande do Sul. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LISBOA, Luiz Carlos. Uma retrospectiva importante, a de Alice Soares. **Zero Hora**, Porto Alegre, 2 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LUCENA, Teresa. [**Poema**]. Porto Alegre: [s. n.], [198-?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LUCIANA. [**Desenho**]. 1984. 1 desenho. Desenho feito por Luciana, 4 anos, na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 30 out. 1984. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MATTOS, Felipe Brandalise. [**Depoimento**]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MORAES, Andréa Alves. [**Depoimento**]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MOREIRA, Carlos André. Tempo e espaço para ser artista. **Zero Hora**, n. 114, Porto Alegre, 3 maio 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MOREIRA, Jailton. **É possível ensinar arte?** [Porto Alegre: s. n.], 1997.

MOREIRA, Jailton. In: Homenagem à lara de Mattos Rodrigues “Iarinha”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

MOREIRA, Jailton. Jailton Moreira: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

MOREIRA, Maristela Santos. **Utopia libertária e ideologia da estética no Brasil**: a Escolinha de Arte do Brasil e o pensamento burguês na arte 1948-1971. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, 2016.

MORGANTI, Vera Regina. Uma atitude mais criativa para este mundo de jovens. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 6 out. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MELLOTO, Cristina Maria Blankenheim. [**Depoimento**]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MUSEU DE ARTES DO RIO GRANDE DO SUL. **Artistas do Rio Grande do Sul** - Destaque do mês: Alice Soares. Porto Alegre: [s. n.], 1980. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NA ESCOLINHA, a criança é educada através da arte. **Zero Hora**, 25 abr. 1982. Ensino, p. 38. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NAS ESCOLINHAS, a arte como um processo educador. [S. l.], 1977. Reportagem recortada sem indicação do nome do jornal. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NEIRA, Marcos G.; LIPPI, Bruna G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, v. 37, n. 2, 2012.

NOVE anos de arte para crianças e adolescentes. **Folha da Tarde**, São Paulo, 15 set. 1969. Colégios e Universidades, p. 26. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OBINO, Aldo. A arte infantil em duas mostras. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, Maribel Claudete Pereira de. [**Depoimento**]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, Myriam Fernandes Pestana. **Escolinha de Arte de Cachoeiro do Itapemirim**: resgate de uma história. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2013. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/2356/1/tese_6677_MYRIAM%20FERNANDES%20PESTANA%20OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

O MUNDO. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 30 abr. a 1 maio 1988. Saco de Gatos, p. 26. Suplemento infantil organizado pela Escolinha de Artes da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O MUNDO fantástico da criança em sua arte. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 nov. 1968. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OS PAÍSES. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 11 a 12 abr. 1987. Saco de Gatos, p. 21. Suplemento infantil organizado pela Escolinha de Artes da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OS PROFESSORES. **Carta aos pais nº 1**: Sobre alquimia. Destinatário: Pais. Porto Alegre, [198-?]. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OS PROFESSORES. **Carta aos pais 2**: Sobre a dobradura. Destinatário: Pais. Porto Alegre, [198-?]. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OS PROFESSORES. **Carta aos pais (4)**: Sobre a expressão criadora da criança e do jovem. Destinatário: Pais. Porto Alegre, [198-?]. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PEDROSA, Sebastião. Visitando Lúcia Alencastro Valentim. [S. l.: s. n.], [1992]. 27 p.

PETRY, Zahyra de Albuquerque. [**Relatório da oficina "Hora do conto", realizada durante a Programação de Férias da UFRGS**]. Porto Alegre: [s. n.], 1986. Relatório enviado para a vice-diretora do Instituto de Artes, Professora Iara de Mattos Rodrigues. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PILLAR, Analice Dutra. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO. **Memórias da Expressão**: mostra do acervo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de

Artes da UFRGS. Porto Alegre, 2015. 1 cartaz. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

POÇAS, Iria Müller; ATAÍDE, Nilda Catarina. Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário. **Revista do Ensino**, Porto Alegre, ano XVIII, n. 130, p. 3-5, set. 1970. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

POESTER, Teresa. [**Desenho de Teresa Poester com 13 anos**]. [196-]. 1 desenho. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

POESTER, Teresa. **Desenhos**. Disponível em: <http://www.teresapoester.com.br>. Acesso em: 23 jun. 2018.

POESTER, Teresa. **Entrevista com Teresa Poester**: “A gente acha que vai transformar o mundo e o mundo acaba transformando a gente”. [Entrevista cedida ao site] Mulheres na arte contemporânea. Disponível em: <https://mulheresnaartecontemporanea.wordpress.com/category/entrevistas-independentes>. Acesso em: 23 jun. 2018.

POESTER, Teresa. **Teresa Poester** - Artista Plástica - 28 anos. [Porto Alegre]: [s. n.], 1982. Depoimento de Teresa Poester. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

POESTER, Teresa. Teresa Poester: entrevista [abril 2018]. Entrevistadora: Flávia Alves. Porto Alegre: 2018. Entrevista concedida para a dissertação.

POESTER, Teresa. Uma malcriada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 05 nov. 2005, Segundo caderno, p. 2.

PROFISSÕES. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 1 a 3 maio 1987. Saco de Gatos, p. 15. Suplemento infantil organizado pela Escolinha de Artes da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PROGRAMA ENFOQUE. Porto Alegre: TVE, [1990]. Duração: 48min. Entrevista com: Augusto Rodrigues, Iara de Mattos Rodrigues, Elton Manganelli, Maria Lúcia Varnieri e Teresa Poester. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G-tqt2oqmL0>. Acesso em: 21 abr. 2018.

PROJETO ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Aparecida. Porto Alegre, 1999. 1 carta. Texto de divulgação da Escolinha de Arte da UFRGS destinado a Maria Aparecida, da Pró Reitoria de Extensão e Difusão Cultural da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PROJETO ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS. **Resumo histórico**. Porto Alegre: [s. n.], [200-]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

QUANDO a arte dá sentido à vida. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2. set. 1973. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RAMOS, Mariana Azambuja. **Escolinhas de Arte**: perspectivas para a livre-expressão. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Pedagogia da Arte) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/15680>. Acesso em: 20 nov. 2018.

RANGEL, Maria Lucia. Augusto Rodrigues: uma obra em síntese. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 out. 1972. Caderno B, p. 5. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

READ, Herbert. **A educação pela Arte**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

READ, Herbert. **A validade da educação artística**. Rio de Janeiro: Escolinha de Arte do Brasil, 1959. 2 p. Texto para o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, realizado de 15 a 27 de setembro de 1959. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 166.

RICHTER, Sandra; POHLMANN, Angela. **Artes plásticas e educação**: a dimensão formativa da errância nos processos de aprendizagem. ANPAP, 2008, p. 922.

RICHTER, Sandra. Experiência poética e linguagem plástica na infância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: [s. n.], 2007. p. 2.

RICHTER, Sandra. In: Homenagem à Iara de Mattos Rodrigues “Iarina”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

RICHTER, Sandra; POHLMANN, Angela. O poder ficcional das linguagens plásticas: afinidades entre os processos de criação na Arte e na Pedagogia. In: SENNA, Nádia da Cruz et al. **Visualidade e cotidiano no ensino da arte**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, p. 30.

RODRIGUES, Augusto. (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980.

RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Luiz Carlos Bortolini. Porto Alegre, 18 mar. 1985. 1 carta. Carta de Iara de Mattos Rodrigues ao pró-reitor de administração da UFRGS, o professor Luiz Carlos Bortolini. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Luiz Carlos Mesquita Rothmann. Porto Alegre, 10 nov. 1982. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Dolores Coni Campos. Porto Alegre, 16 jun. 2003. 1 carta. In: CAMPOS, Maria Dolores Coni. *Encontros ontem, encontros hoje; cartas que vão, cartas que vêm, entre na roda você também!* 2003. 426 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. A carta é uma parte do material empírico da dissertação de Maria Dolores Coni Campos.

RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Walter Otto Cybis. Porto Alegre, 24 nov. 1975. Correspondência de solicitação de cedência do Salão de Festas da Reitoria para apresentação da orquestra da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RODRIGUES, Augusto. [**Correspondência**]. Destinatário: Edith de Oliveira Belli. Rio de Janeiro, 18 dez. 1962. 1 carta.

RODRIGUES, Augusto. **Encontro marcado com Augusto Rodrigues**. [Entrevista cedida a] Araken Távora. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1983. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RODRIGUES, Augusto. **Um permanente Mutirante**. [S. l.: s. n.], 1977. Texto da palestra de abertura do I Encontro Latino Americano de Educação através da Arte. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RODRIGUES, Iara de Mattos. **Carta aberta**. Destinatário: Professores e alunos do Instituto de Artes. Porto Alegre, 1995. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RODRIGUES, Iara de Mattos. **Projeto Escolinha de Arte da UFRGS**. Porto Alegre: Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ROGÉRIO. [**Pintura**]. 1969. 1 pintura. Pintura feita por Rogério na Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS em 19 mar. 1969. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Carlos Alberto. Espaço colorido aos pequenos artistas. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 16 maio 1993. Variedades, p. 17. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SASSEN, Fernando Artur. [**Depoimento**]. [S. l.], 2004. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOARES, Alice; RODRIGUES, Iara de Mattos. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Mortiz. Porto Alegre, 10 set. 1960. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOARES, Alice. [**Curriculum vitae**]. [Porto Alegre]: [s. n.], [1987?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOARES, Alice. [**Slides das obras de Alice Soares, encontrados no arquivo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS**]. [198-?]. 7 slides. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOARES, Alice. **Biografia.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/artistas/s/soares-alice>. Acesso em: 7 jul. 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE. **Arte-movimento.** Rio de Janeiro: Sobreart, [1974?]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVEIRA, Jacira Cabral da. Criar com liberdade. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2015. Câmpus, p. 6. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SONDERMANN, Susana. Alice Soares: "caminhar devagar não influi, é preciso preservar o que se é". **Correio do Povo**, Porto Alegre, 10 out. 1974. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SONDERMANN, Susana. Escolinha de Artes: Crescimento da personalidade infantil deve partir da experiência criadora. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 set. 1976. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

STEPHANOU, Maria. Nem uma coisa, nem outra ou nenhuma. (Re)invenções e reminiscências escolares. A modo de prefácio. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. (Org.). **Tempos de escola: memórias**, vol. III. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. p. 11.

TORRES, Sonia. Escolinha de artes: 46 anos de amor. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, nov. 2006. Campus, p. 7. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TREVISAN, Armindo. **Alice Soares, uma artista exemplar.** [S. l.: s. n.], [1976]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **[Estabelecimento de convênio da UFRGS e da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS]**. Porto Alegre: UFRGS, 1971. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **O que é a programação de férias**. Porto Alegre: UFRGS, [1986 ou 1987]. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VARELA, Noemia. [**Correspondência**]. Destinatário: Iara de Mattos Rodrigues. Rio de Janeiro, 27 nov. 1968. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VARELA, Noemia. [**Correspondência**]. Destinatário: Iara de Mattos Rodrigues. Rio de Janeiro, 6 jan. 1970. 1 carta. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VARELA, Noemia. Movimento escolinhas de arte: imagens e idéias. **Fazendo Artes**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 1988. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VARNIERI, Maria Lúcia Campos. Arte-educação na prática das Escolinhas de Arte. **Arte & Educação em Revista**, v. 2, n.2-3, jul./dez. 1996, p. 61.

VARNIERI, Maria Lúcia. In: Homenagem à Iara de Mattos Rodrigues “Iarinha”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

VERAS, Eduardo. As duas Alices. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 out. 1993. Revista ZH, Retrato, p. 3. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ZIRALDO. In: Homenagem à Iara de Mattos Rodrigues “Iarinha”. Disponível em: <http://escolinhadeartes.blogspot.com>. Acesso em: jul. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Lista de documentos coletados no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Quadro 3 – Lista de documentos coletados no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

Título	Fonte	Data	Autoria	Categoria
"A aventura de criar": 25 anos em exposição	Zero Hora (Porto Alegre)	1 de agosto de 1986	-	2 - Exposições 4 - Acervo
Movimento Escolinhas de Arte: imagens e idéias	Artigo impresso, sem fonte referenciada, encontrado no arquivo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1988	Noemia Varela	7 - MEA
Liberdade de criação na formação da criança	Jornal da Universidade (Porto Alegre)	Mai de 1981	-	1 - Ateliê 3 - CIAE 5 - Diretoras 6 - Professores artistas
I Seminário Regional de Educação Artística Faculdade de Belas Artes - FUnBa	Texto impresso do Seminário, encontrado no arquivo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	1 - Ateliê 7 - MEA
A validade da educação artística	Texto para o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, impresso pela Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	15 a 27 de setembro de 1959	Herbert Read	1 - Ateliê 7 - MEA
Sobre alquimia	Carta aos pais nº 1, Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	Os professores	1 - Ateliê
Sobre a dobradura	Carta aos pais nº 2, Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	Os professores	1 - Ateliê
Sobre a expressão criadora da criança e do jovem	Carta aos pais nº 4, Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	Os professores	1 - Ateliê

-	Carta de Noemia Varela, da Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro), enviada para lara de Mattos Rodrigues, da Escolinha de Arte da UFRGS (Porto Alegre). Fonte: Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	27 de novembro de 1968	Noemia Varela	3 - CIAE 7 - MEA 5 - Diretoras
-	Carta de Noemia Varela enviada para lara de Mattos Rodrigues. Fonte: Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	6 de janeiro de 1970	Noemia Varela	7 - MEA 5 - Diretoras
-	Relação da diretoria da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	De 1959 a 1982	-	4 - Acervo 5 - Diretoras
Prestação de serviços	Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	27 de janeiro de 1970	-	1 - Ateliê 2 - Exposições 3 - CIAE
Estatuto da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS	Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	19 de março de 1973	-	4 - Acervo 5 - Diretoras
Projeto Escolinha de Arte da UFRGS	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1995	lara de Mattos Rodrigues	1 - Ateliê 2 - Exposições 3 - CIAE 5 - Diretoras 6 - Professores artistas 7 - MEA
-	Bibliografia do Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE), da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	3 - CIAE
Notícia biográfica de Augusto Rodrigues	Texto do catálogo de uma exposição de Augusto Rodrigues realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro	-	Heron Alencar	7 - MEA
Educar através da arte	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	1 - Ateliê 2 - Exposições 3 - CIAE
Entrevista com Augusto Rodrigues	Transcrição escrita à mão da gravação de uma entrevista com Augusto Rodrigues, sem fonte referenciada, encontrada no arquivo da Escolinha de	1963	-	7 - MEA

	Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)			
-	Texto sobre os 19 anos da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2 de outubro de 1979	-	1 - Ateliê 2 - Exposições 6 - Professores artistas 7 - MEA
Um permanente mutirante	Texto da palestra de abertura do I Encontro Latino Americano de Educação através da Arte	1977	Augusto Rodrigues	7 - MEA
Escolinha de Arte comemora seu 10º aniversário	Revista do Ensino (Porto Alegre)	Setembro de 1970	Iria Müller Poças e Nilda Catarina Ataíde	1- Ateliê 2- Exposições 5 - Diretoras 6 - Professores artistas
Crianças de Munique mostram sua cidade aos amiguinhos gaúchos	Correio do Povo (Porto Alegre)	18 de setembro de 1964	-	2- Exposições
Escolinha de Arte: desde ontem no I. Belas Artes	Jornal Última Hora (Rio de Janeiro)	17 de setembro de 1960	-	1 - Ateliê 7 - MEA
Augusto Rodrigues: uma obra em síntese	Jornal do Brasil (Rio de Janeiro)	23 de outubro de 1972	Maria Lucia Rangel	6 - Professores artistas 7 - MEA
Augusto Rodrigues: 52 anos de arte e 70 de amor aos outros	O Globo (Rio de Janeiro)	22 de novembro de 1983	Sheila Kaplan	7 - MEA
Crianças gaúchas criam com liberdade	O Globo (Rio de Janeiro)	15 de novembro de 1971	-	1 - Ateliê 6 - Professores artistas
O mundo fantástico da criança em sua arte	Correio do Povo (Porto Alegre)	24 de novembro de 1968	-	2 - Exposições 7- MEA
Uma escolinha para a alegria de criar	Diário de Notícias (Porto Alegre)	10 de abril de 1966	Ângelo Guido	1 - Ateliê 2 - Exposições 6 - Professores artistas
-	Arte & Educação, ano I, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Setembro de 1970	-	7 - MEA

-	Arte & Educação, ano I, nº 1, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Janeiro de 1971	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 2, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Fevereiro de 1971	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 3, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Março de 1971	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 4, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Abril de 1971	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 5, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Mai de 1971	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 6, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Junho de 1971	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 7, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Julho de 1971	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 8, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Dezembro de 1971	-	7 - MEA
-	Artes:, edição extra, ano VI, nº 32, São Paulo	1971	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 9, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Janeiro de 1972	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 10, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Fevereiro/março de 1972	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 11, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Abril/mayo de 1972	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 12, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Julho de 1972	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano I, nº 13, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Agosto de 1972	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 3, nº 14, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Julho de 1974	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 3, nº 15, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Outubro de 1974	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 3, nº 16, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Dezembro de 1974	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 4, nº 17, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Março de 1975	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 4, nº 18, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	1976	-	7 - MEA

-	Arte & Educação, ano 5, nº 19, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Julho de 1976	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 6, nº 20, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Julho de 1977	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 6, nº 21, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Setembro de 1977	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 6, nº 22, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Dezembro de 1977	-	7 - MEA
-	Arte & Educação, ano 6, nosº 23 e 24, Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	Março/julho de 1978	-	7 - MEA
20 anos da obra de Alice Soares é a grande exposição que hoje se inicia	Correio do Povo (Porto Alegre)	2 de setembro de 1976	Antônio Hohlfeldt	5 - Diretoras
A infância das telas de Alice Soares	A Razão (Santa Maria)	28 de abril de 1988	-	5 - Diretoras
A liberdade de expressão	Zero Hora (Porto Alegre)	11 de março de 1989	Lucia Fontanive	1 - Ateliê 6 - Professores artistas 7 - MEA
Ainda o importante trabalho de Alice Soares	O Pelotense (Pelotas)	1 de novembro de 1976	-	5 - Diretoras
Aldeia das descobertas	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	1 - Ateliê
Alice Soares em nova individual	Correio do Povo (Porto Alegre)	14 de maio de 1977	-	5 - Diretoras
Alice Soares: "caminhar devagar não influi, é preciso preservar o que se é"	Correio do Povo (Porto Alegre)	10 de outubro de 1974	Susana Sondermann	5 - Diretoras
Alice Soares: o desenho pra mim é uma forma de vida	Reportagem de jornal. Nome do jornal não localizado.	-	-	5 - Diretoras
Alice Soares: uma arte que foge do intelectualismo	Diário de Notícias (Porto Alegre)	2 de setembro de 1976	-	5 - Diretoras
Quando a arte dá sentido à vida	Correio do Povo (Porto Alegre)	2 de setembro de 1973	-	5 - Diretoras
As crianças vibram, brincam e aprendem	Zero Hora (Porto Alegre)	11 de dezembro de 1986	-	1- Ateliê 6 - Professores artistas

As duas Alices	Zero Hora (Porto Alegre)	24 de outubro de 1993	Eduardo Veras	5 - Diretoras
Memórias da expressão	Cartaz da exposição Memórias da Expressão, realizada na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Fonte: Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2015	-	2 - Exposições
A universidade abre seus espaços para realizar uma programação inédita na cidade	Zero Hora (Porto Alegre)	4 de julho de 1986	-	1 - Ateliê
-	Carta convidando Maria Moritz, diretora da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, para a inauguração da Escolinha. Fonte: Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	10 de setembro de 1960	Alice Soares e Iara de Mattos Rodrigues	1 - Ateliê 5 - Diretoras
Criar com liberdade	Jornal da Universidade (Porto Alegre)	Novembro de 2015	Jacira Cabral da Silveira	1- Ateliê 2 - Exposições 5 - Diretoras 6 - Professores artistas
Sonho, esperança, amor	Correio do Povo (Porto Alegre)	17 de setembro de 1972	Fernando Corona	5 - Diretoras 6 - Professores artistas 7 - MEA
-	Curriculum vitae de Alice Soares, sem fonte referenciada, encontrado no arquivo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	5 - Diretoras
Dia de muita movimentação	Jornal da UFRGS (Porto Alegre)	Julho de 1986	-	1 - Ateliê 6 - Professores artistas
Arte-movimento	Sobreart (Rio de Janeiro)	-	-	7 - MEA
Escolinha de Arte	Jornal da Universidade (Porto Alegre)	Novembro de 2015	Marilice Corona	2 - Exposições 5 - Diretoras
Livres, reinventam a escola	Reportagem de jornal. Nome do jornal não localizado.	1985	Luiz Carlos Barbosa	1- Ateliê 5 - Diretoras 6 - Professores

				artistas
Nas escolinhas, a arte como um processo educador	Reportagem de jornal. Nome do jornal não localizado.	1977	-	7 - MEA
-	Slides de obras de Alice Soares, encontrados no arquivo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	5 - Diretoras
O grafismo linear de Alice Soares	Zero Hora (Porto Alegre)	10 de outubro de 1974	Luiz Carlos Lisboa	5 - Diretoras
O que é a programação de férias	Texto impresso da Programação de Férias da UFRGS, encontrado no arquivo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1986 ou 1987	-	1 - Ateliê
-	Relatório da oficina "Hora do conto", realizada durante a Programação de Férias da UFRGS. Fonte: Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	9 de setembro de 1986	Zahyra de Albuquerque Petry	1 - Ateliê
Alice Soares, uma artista exemplar	Texto impresso da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1976	Armindo Trevisan	5 - Diretoras
-	Texto impresso, sem fonte referenciada, encontrado no arquivo da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	Iara de Mattos Rodrigues	5 - Diretoras
Uma atitude mais criativa para este mundo de jovens	Correio do Povo (Porto Alegre)	6 de outubro de 1974	Vera Regina Morganti	1 - Ateliê 3 - CIAE 5 - Diretoras
Uma retrospectiva importante, a de Alice Soares	Zero Hora (Porto Alegre)	2 de setembro de 1976	Luiz Carlos Lisboa	5 - Diretoras
Carta aberta aos professores e alunos do Instituto de Artes	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1995	Iara de Mattos Rodrigues	1 - Ateliê 3 - CIAE 5 - Diretoras
Centro Cultural da UFRGS inicia atividades hoje	Zero Hora (Porto Alegre)	28 de julho 1986	-	1 - Ateliê
-	Convênio da UFRGS e da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS. Fonte: Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-	Novembro de 1971	Assinado pelo reitor da UFRGS,	3 - CIAE

	alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)		Eduardo Faracco, e pela presidente da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS, Eunice Ramos Coelho	
Convite exposição 1966	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1966	-	2 - Exposições
Convite exposição 1968	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1968	-	2 - Exposições
Convite exposição 1970	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1970	-	2 - Exposições
Convite exposição 1972	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1972	-	2 - Exposições
Convite exposição 1974	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1974	-	2 - Exposições
Convite exposição 1975	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1975	-	2 - Exposições
Convite exposição 1976	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1976	-	2 - Exposições
Convite exposição 1977	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1977	-	2 - Exposições
Convite exposição 1979	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1979	-	2 - Exposições

Convite exposição 1980	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1980	-	2 - Exposições
Convite exposição 1981	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1981	-	2 - Exposições
Convite exposição 1982	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1982	-	2 - Exposições
Convite exposição 1983	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1983	-	2 - Exposições
Convite exposição 1984/1985	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1984/1985	-	2 - Exposições
Convite exposição 1986	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1986	-	2 - Exposições
Convite exposição 1987	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1987	-	2 - Exposições
Convite exposição 1988	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1988	-	2 - Exposições
Convite exposição 1990	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1990	-	2 - Exposições
Convite exposição 1992	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1992	-	2 - Exposições
Convite exposição 1993	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1993	-	2 - Exposições
Convite exposição 1996	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1996	-	2 - Exposições
Convite exposição 1997	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1997	-	2 - Exposições

	Alegre)			
Convite exposição 1998	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1998	-	2 - Exposições
Convite exposição 1999	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1999	-	2 - Exposições
Convite exposição 2000	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2000	-	2 - Exposições
Convite exposição 2001	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2001	-	2 - Exposições
Convite exposição 2002	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2002	-	2 - Exposições
Convite exposição 2003/2004	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2003/2004	-	2 - Exposições
Convite exposição 2004	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2004	-	2 - Exposições
Convite exposição 2006 anual	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2006 anual	-	2 - Exposições
Convite exposição 2006	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2006	-	2 - Exposições
Convite exposição 2007 anual	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2007	-	2 - Exposições
Convite exposição 2007/2008	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2007/2008	-	2 - Exposições
Convite exposição 2008 anual	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2008	-	2 - Exposições
Convite exposição 2010	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-	2010	-	2 - Exposições

	alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)			
Convite exposição saco de gatos	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1987	-	2 - Exposições
Artistas do Rio Grande do Sul. Destaque do mês: Alice Soares	MARGS	março de 1980	-	5 - Diretoras
Quando um saco de gatos invade a galeria	Diário do Sul (Porto Alegre)	16 de novembro de 1987	Cida Golin	1 - Ateliê 2 - Exposições
Saco de gatos - profissões	Diário do Sul (Porto Alegre)	1, 2 e 3 de maio de 1987	-	1 - Ateliê
Saco de gatos - os países	Diário do Sul (Porto Alegre)	11 e 12 de abril de 1987	-	1 - Ateliê
Saco de gatos - a política	Diário do Sul (Porto Alegre)	14 e 15 de maio de 1988	-	1 - Ateliê
Saco de gatos - eleições de 1986	Diário do Sul (Porto Alegre)	15 de novembro de 1986	-	1 - Ateliê
Saco de gatos - a televisão	Diário do Sul (Porto Alegre)	28 e 29 de março de 1987	-	1 - Ateliê
Saco de gatos - o mundo	Diário do Sul (Porto Alegre)	30 de abril e 1 de maio de 1988	-	1 - Ateliê
Saco de gatos - discos voadores	Diário do Sul (Porto Alegre)	31 de janeiro de 1987	-	1 - Ateliê
10º aniversário da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos da Escola de Artes da UFRGS	Editora Brasil-América	1970	-	1 - Ateliê 5 - Diretoras 7 - MEA
Cinquentenário Escolinha de Arte da UFRGS 1960-2010	Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2010	Organizadores: Cecília Machado Bueno, Elton Manganelli, Eunice Coelho, Eneida Moraes, Gení	1 - Ateliê 2 - Exposições 3 - CIAE 4 - Acervo 5 - Diretoras 6 - Professores artistas 7 - MEA

			Mabília, Leocádia Costa, Maria Beatriz Noll, Maria Lúcia Varnieri, Patrícia Haussen	
Projeto Aldeia das descobertas	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1980	-	1 - Ateliê
Projeto Aldeia das descobertas (carta aos pais)	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1987	-	1 - Ateliê
Convite aos pais Aldeia das descobertas	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1977	-	1 - Ateliê
Convite aos pais Aldeia das descobertas	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1987	-	1 - Ateliê
Orquestra da Escolinha	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1975	-	1 - Ateliê
Pintura da década de 1960	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	19 de março de 1969	-	1 - Ateliê 4 - Acervo
Desenho da década de 1970	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1972	-	1 - Ateliê 4 - Acervo
Desenho da década de 1980	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1984	-	1 - Ateliê 4 - Acervo
Desenho da década de 1990	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	15 de maio de 1990	-	1 - Ateliê 4 - Acervo
Pintura da década de 2000	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	16 de agosto de 2007	-	1 - Ateliê 4 - Acervo

Depoimento aluna Adriana Carneiro Leão	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2004	Adriana Carneiro Leão	1 - Ateliê 2 - Exposições
Depoimento aluna Andréa Alves	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2004	Andréa Alves	1 - Ateliê 2 - Exposições
Encontro marcado com Augusto Rodrigues	Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro)	1983	Araken Távora	7 - MEA
Depoimento aluna Cristina Maria	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2004	Cristina Maria	1 - Ateliê 2 - Exposições
Depoimento aluno Felipe Brandalise	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2004	Felipe Brandalise	1 - Ateliê 2 - Exposições
Depoimento aluno Fernando Artur	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2004	Fernando Artur	1 - Ateliê 2 - Exposições
Depoimento aluna Maribel Claudete	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2004	Maribel Claudete	1 - Ateliê 2 - Exposições
Depoimento aluna Marilce Corona	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2004	Marilce Corona	6 - Professores artistas
-	Carta de Iara de Mattos Rodrigues ao diretor do Instituto de Artes, o professor Luiz Carlos Mesquita Rothmann. Fonte: Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	10 de novembro de 1982	Iara de Mattos Rodrigues	2 - Exposições
Estágio supervisionado	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	3 - CIAE
Foto de crianças com Iara Rodrigues	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 1970	-	5 - Diretoras
Foto adultos/adolescentes Escolinha	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 1970	-	1 - Ateliê 3 - CIAE
Foto crianças na Escolinha de Arte	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-	Década de	-	1 - Ateliê

da UFRGS	alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1970		
Foto professores na Escolinha de Arte da UFRGS	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 1970	-	3 - CIAE
Foto crianças na Escolinha de Arte da UFRGS	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 1970	-	1 - Ateliê
Foto crianças na Escolinha de Arte da UFRGS	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 1970	-	1 - Ateliê
Foto de Jailton Moreira	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1985	-	6 - Professores artistas
Foto do projeto Aldeia das descobertas	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	1 - Ateliê
Foto Alice Soares I Encontro Estadual de Escolinhas de Arte	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1977	-	5 - Diretoras 7 - MEA
Foto de professores com Augusto Rodrigues	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1977	-	7 - MEA
Foto Iara Rodrigues e Augusto Rodrigues	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1977	-	5 - Diretoras 7 - MEA
Foto de Iracema Cafruni, Alice Brueggemann, Alice Soares, Berenice Gorini, Zely Moraes, Maria Elisabeth Prates, Dione Greca de Moraes, Luiz Carlos Rothmann e Iara de Mattos Rodrigues	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 1960	-	5 - Diretoras
-	Carta de Iara de Mattos Rodrigues ao pró-reitor de administração da UFRGS, o professor Luiz Carlos Bortolini. Fonte: Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	18 de março de 1985	Iara de Mattos Rodrigues	3 - CIAE

Folder da exposição Memórias da expressão	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	2015	-	2 - Exposições
Poema de Teresa Lucena	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	-	-	1 - Ateliê 3 - CIAE
-	Texto de divulgação da Escolinha de Arte da UFRGS destinado a Maria Aparecida, da Pró Reitoria de Extensão e Difusão Cultural da UFRGS. Fonte: Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1999	-	1 - Ateliê 2 - Exposições
PrEA - Resumo histórico	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 2000	-	1 - Ateliê 2 - Exposições
A sala de aula	Texto impresso. Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 2000	-	1 - Ateliê 6 - Professores artistas
-	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	18 de novembro de 2008	Patrícia Haussen	1 - Ateliê 3 - CIAE 5 - Diretoras
Depoimento Teresa Poester	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	1982	Teresa Poester	2 - Exposições 6 - Professores artistas
Desenho de Teresa Poester com 13 anos	Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-alunos do Instituto de Artes da UFRGS (Porto Alegre)	Década de 1960	Teresa Poester	6 - Professores artistas
Escolinhas de Arte marcam seu 1o Encontro Estadual	Correio do Povo (Porto Alegre)	12 de abril de 1977	-	7 - MEA
Crescimento da personalidade infantil deve partir da experiência criadora	Correio do Povo (Porto Alegre)	15 de setembro de 1976	Susana Sondermann	1 - Ateliê 5 - Diretoras
Espaço colorido aos pequenos artistas	Correio do Povo (Porto Alegre)	16 de maio de 1993	Carlos Alberto Santos	1 - Ateliê
A arte infantil em duas mostras	Correio do Povo (Porto Alegre)	17 de setembro de 1970	Aldo Obino	2 - Exposições 7 - MEA
Educação pela arte	Correio do Povo	28 de outubro	Patrícia Bins	1 - Ateliê

		de 1981		2 - Exposições 3 - CIAE 5 - Diretoras 7 - MEA
Escolinhas de Arte já são uma iniciativa vitoriosa	Correio do Povo (Porto Alegre)	30 de abril de 1977	-	7 - MEA
Encerra-se hoje a I mostra de Escolinhas de Arte	Diário da Manhã (Passo Fundo)	13 de junho de 1970	-	7 - MEA
Nove anos de arte para crianças e adolescentes	Folha da Tarde (São Paulo)	15 de setembro de 1969	-	1 - Ateliê 5 - Diretoras
Lazer ou a vida nova através da criação	Folha da Tarde (São Paulo)	abril de 1975	-	5 - Diretoras 7 - MEA
Escolinha de artes: 46 anos de amor	Jornal da Universidade (Porto Alegre)	novembro de 2006	Sonia Torres	1 - Ateliê 4 - Acervo 5 - Diretoras 7 - MEA
Tempo e espaço para ser artista	Zero Hora (Porto Alegre)	3 de maio de 2004	Carlos André Moreira	1 - Ateliê
Na Escolinha de Artes, a criatividade é respeitada	Zero Hora	15 de setembro de 1969	-	1 - Ateliê 5 - Diretoras
Escolinha de Artes promove exposição anual, explicando método de trabalho	Zero Hora	22 de novembro de 1971	-	1 - Ateliê 5 - Diretoras
Na Escolinha, a criança é educada através da arte	Zero Hora	25 de abril de 1982	-	1 - Ateliê

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE B – Lista de documentos coletados em outras fontes

Quadro 4 – Lista de documentos coletados em outras fontes.

Título	Fonte	Data	Autoria	Categoria
Uma malcriada	Zero Hora (Porto Alegre)	2005	Teresa Poester	5 - Diretoras
Visitando Lúcia Alencastro Valentim, entrevista de Sebastião Pedrosa	Texto enviado por Fernando Azevedo, sem fonte referenciada	1992	Sebastião Pedrosa	7 - MEA
Escolinha de Arte Porto Alegre	Programa Enfoque, da TVE, Porto Alegre Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G-tqt2oqmL0	-	Entrevistados: Augusto Rodrigues, Iara de Mattos Rodrigues, Elton Manganelli, Maria Lúcia Varnieri e Teresa Poester	1 - Ateliê 2 - Exposições 3 - CIAE 4 - Acervo 5 - Diretoras 6 - Professores artistas 7 - MEA
-	Vídeo cedido por Jailton Moreira de uma exposição da Escolinha de Arte da UFRGS que teve a presença de Augusto Rodrigues	-	-	2 - Exposições
-	Carta de Augusto Rodrigues a Edith de Oliveira Belli. Fonte: Escolinha de Arte do Brasil (Rio de Janeiro)	18 de dezembro 1962	Augusto Rodrigues	7 - MEA
-	Carta de Iara de Mattos Rodrigues a Dolores Coni Campos. Fonte: Dissertação de Dolores Coni Campos	16 de junho de 2003	Iara de Mattos Rodrigues	4 - Acervo 5 - Diretoras 7 - MEA
CDE 30 anos	Publicação do Centro de Desenvolvimento da Expressão (Porto Alegre)	1990	-	7 - MEA

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

COMISSÃO DE PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE

PESQUISA: Escolinha de Arte da UFRGS (1960-2011): história, fundamentos e ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte

COORDENAÇÃO: Mestranda Flávia Camargo Leal Alves
(orientação: Dra. Analice Dutra Pillar)

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa de mestrado, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tem como finalidade investigar como a Escolinha de Arte da UFRGS foi constituída, a partir de um estudo sobre os fundamentos que a alicerçaram e as ressonâncias com o Movimento Escolinhas de Arte, por meio de uma abordagem histórica.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa 4 professores da Escolinha de Arte da UFRGS.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, você será entrevistado (a) sobre questões sobre o objeto de pesquisa. É previsto em torno de uma a duas horas para a entrevista. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo, pode entrar em contato com a mestranda Flávia Camargo Leal Alves pelo telefone (51) 99280-4340.

SOBRE A ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações a partir de entrevistas semiestruturadas com cada entrevistado (a).

RISCOS E DESCONFORTO: A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação serão usadas exclusivamente para a dissertação de mestrado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros pesquisadores ou interessados sobre a Escolinha de Arte da UFRGS.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

COMISSÃO DE PESQUISA



PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do participante

Assinatura do participante

Local e data

Coordenador(a) da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a mestranda Flávia Camargo Leal Alves, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, orientada pela Profa. Dra. Analice Dutra Pillar, do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queira contatar a equipe, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 99280-4340.

Av. Paulo Gama, s/n, sala 918, Centro Histórico, Porto Alegre, RS – Cep: 90046-900 – Fone: 3308.3098 – Contato: <compesq@ufrgs.br>

Termo de consentimento livre e esclarecido elaborado a partir do modelo disponibilizado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/compesqedu/wp-content/uploads/2018/09/Modelo-TCLE-Termo-de-Consentimento-Livre-e-Esclarecido-PARTICIPANTE.pdf>. Acesso em: dez. 2018.